

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

WALQUIRIA REGINA RAMIRES MIGUEL

A EXPERIÊNCIA PATERNA E AS RELAÇÕES NA VIDA ESCOLAR

SOROCABA/SP
2009

WALQUIRIA REGINA RAMIRES MIGUEL

A EXPERIÊNCIA PATERNA E AS RELAÇÕES NA VIDA ESCOLAR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Eliete Jussara Nogueira

**SOROCABA/SP
2009**

WALQUIRIA REGINA RAMIRES MIGUEL

A EXPERIÊNCIA PATERNA E AS RELAÇÕES NA VIDA ESCOLAR

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em:

ASS.: _____
Pres.: Prof^ª Dr^ª Eliete Jussara Nogueira - UNISO

ASS.: _____
1º Exam.: Prof^ª Dr^ª Elisa Maria Barbosa Esper - PUC/São Paulo

ASS.: _____
2º Exam.: Prof. Dr. Marcos A. dos Santos Reigota - UNISO

Dedico esta dissertação,

Ao homem-pai,

que ensinou-me que é na diferença que nos tornamos iguais.

Ao meu pai,

por ensinar-me o valor da humildade e da compaixão pelo outro.

À minha mãe,

pelo afeto feminino que habita em mim.

Aos meus filhos: Tatiane e Thiago,

que são a razão maior da minha existência, pela felicidade e esperança que trazem à minha vida.

Ao meu companheiro Marcos Angelo,

por ensinar a todos que os papéis de pai e padrasto se justapõem quando a alma não é pequena.

AGRADECIMENTOS

Gestar algo nunca é tarefa solitária. E, para esta realização, não seria diferente. Assim, agradeço primeiramente a todos os homens-pais que compartilharam suas experiências e mostraram que não cabem mais nas armaduras colocadas e percorreram, corajosamente, os caminhos das lembranças e das reflexões propostos por este trabalho.

Muito obrigada pelo afeto deixado.

À minha orientadora, Eliete Jussara Nogueira, pela escuta paciente, pelas trocas intelectuais e afetivas durante todo o acompanhamento deste trabalho.

Muito obrigada por reafirmar-me que o conhecimento se dá pelos vínculos.

Agradeço a todos os professores do Programa de Mestrado em Educação da Uniso, em especial à Prof^a Maria Lúcia de Amorim Soares, tão querida e que, carinhosamente, acolheu minhas angústias.

Muito obrigada pela sabedoria compartilhada.

À Silvia Donnini, pela presença amiga e o apoio constante em vários momentos da minha vida.

Muito obrigada pelos horizontes desvelados.

Gostaria de especialmente agradecer:

Ao meu companheiro Marcos Angelo,

Exemplo de amor e companheirismo. Suas valiosas opiniões, inúmeras leituras e releituras e incansável ajuda, desde a concepção até a finalização deste trabalho, é que propiciaram-me essa conquista.

Muito obrigada pela renúncia e amor vivenciado.

E, por fim agradeço a Deus, que esteve presente na figura de cada uma dessas pessoas.

Muito obrigada pelo milagre da vida!

Espelho

João Nogueira e Paulo César Pinheiro

Nascido no subúrbio nos melhores dias
Com votos da família de vida feliz
Andar e pilotar um pássaro de aço
Sonhava ao fim do dia ao me descer cansaço
Com as fardas mais bonitas desse meu país
O pai de anel no dedo e dedo na viola
Sorria e parecia mesmo ser feliz

Eh, vida boa
Quanto tempo faz
Que felicidade!
E que vontade de tocar viola de verdade
E de fazer canções como as que fez meu pai

Num dia de tristeza me faltou o velho
E falta lhe confesso que inda hoje faz
E eu me abracei na bola e pensei ser um dia
Um craque da pelota ao me tornar rapaz
Um dia chutei mal e machuquei o dedo
E sem ter mais o velho pra tirar o medo
Foi mais uma vontade que ficou pra trás

Eh, vida à toa
Vai no tempo vai
E eu sem ter maldade
Na inocência de criança de tão pouca idade
Troquei de mal com Deus por me levar meu pai

E assim crescendo eu fui me criando sozinho
Aprendendo na rua, na escola e no lar
Um dia me tornei o bambambã da esquina
Em toda brincadeira, em briga, em namorar
Até que um dia eu tive que largar o estudo
E trabalhar na rua sustentando tudo
E assim sem perceber eu era adulto já

Eh, vida voa
Vai no tempo, vai
Ai, mas que saudade
Mas eu sei que lá no céu o velho tem vaidade
E orgulho de seu filho ser igual seu pai
Pois me beijaram a boca e me tornei poeta
Mas tão habituado com o adverso
Eu temo se um dia me machuca o verso
E o meu medo maior é o espelho se quebrar

RESUMO

Essa dissertação tem, como tema de investigação, compreender como o pai contemporâneo exerce sua função de cuidador e quais as preocupações que expressa na relação do cotidiano escolar do filho. Parte do pressuposto de que o mundo contemporâneo trouxe mudanças nos papéis de gênero, e que o pai está mais atento ao exercício de uma paternidade compartilhada. Foi organizada em capítulos que abordam as transformações da família e do papel masculino. A partir de um enfoque qualitativo, foi desenvolvida uma pesquisa com dez pais que possuem filhos em idade escolar, matriculados em escolas particulares da cidade de Sorocaba. O procedimento, para coleta dos dados, foi uma entrevista semi-estruturada, realizada individualmente, com questões de identificação dos entrevistados e sobre as relações destes com a escola, com as atividades do filho na escola, sua percepção em ser pai e a referência com um modelo de pai. Os relatos apresentaram preocupação em acompanhar as atividades da escola, a figura da mãe, ainda como referência na comunicação com a escola, a escola sem flexibilidade de horários para a participação mais ativa do pai e um sentimento de carência na relação. Os resultados, de modo geral, identificam indícios de comportamentos em transição, com uma diversidade de características de paternidade, sem modelos rígidos a serem seguidos, buscam por relações mais próximas com seus filhos, dada à necessidade de adaptação a um mundo em constantes mudanças.

ABSTRACT

This dissertation has investigation as a theme, understanding how a contemporary father works as a caretaker and which are the worries he expresses on the every day school life of his child. Part of the idea that the contemporary world has brought changes on the gender's rolls, and that the father is more attempted to the sharing fatherhood. It was organized in chapters which aborts the family transformations and the male roll in it. Based on a qualified focus, a research was developed with ten fathers whose kids are in school, enrolled in private school in the city of Sorocaba. The procedure to collect the information's was a semi-structure interview, made individually, with identifications questions about their relations to the school, with their child's activities, their perception in being a father and the reference with a model of father. The interviewers showed concerned on following the school's activities, the mother's roll still as a reference on the communication with the school, the school without a flexible timetable to a more active participation of the father and a lack of feeling in the relationship. The results, in a general way, identify behaviors in transitions, with a diversity of characteristics of fatherhood, without models to be followed, search for a closer relation with their child, due to the necessity of an adaptation to a world in constant changes.

Key word – School everyday life. Fatherhood. Gender.

MEMORIAL

"O tempo não pára! Só a saudade é que faz as coisas pararem no tempo."

Mario Quintana

Lembro-me , quando era criança e ainda hoje posso ver, o meu pai como uma representação do belo, da beleza tranqüila de um corpo esguio e calmo, de olhos azuis da cor do oceano sem ondas.

Meu pai é o único homem, até hoje, que me pareceu maior do que eu. Ele é grande!!! Um grande homem !!!

De poucas palavras, foi assim que aprendi a ver e a ouvir através do silêncio. Meu pai sempre falou muito pouco. Lembro-me, quando dormia no sofá, ele me levava para a cama. Magro, alto, e forte.

Talvez por isso até hoje goste tanto das mais diferentes manifestações de acolhimento, e de encorajamento, que permeia todos os relacionamentos na busca de sentir-se acolhida, aceita, protegida, pois, era assim mesmo que eu me sentia no momento em que meu pai me tomava nos braços.

As dores de barriga, e de ouvido que tanto me atormentavam eram curadas pelos chás das ervas misturadas que ele plantava no jardim e que fazia nas noites frias de inverno que eu tomava e sarava. Era essa a alquimia: amor e sabedoria.

Meu pai cuidava de mim, e eu o amava.

Dos anos mais tenros da infância e do ingresso na escola, guardo uma lembrança horripilante. A Diretora passava pelas filas de alunos bem alinhadas, aos berros: - Todos de mãos dadas! Vamos ver qual orelha eu vou colocar na feijoada hoje... Era um pesadelo... A minha

companheira da fila não tinha um dos braços e, conseqüentemente, ainda que, nem de longe eu pensasse em desobedecer à ordem, ela era impossível de ser cumprida.

Esta é uma cena muito forte para mim; parece que até hoje me causa horror.

Acredito que não tenha mais voltado para essa escola e é, com profundo alívio, que tenho a constatação de que não passei pela educação infantil.

Os primeiros anos de minha escolaridade foi no Colégio Nossa Senhora da Imaculada, em Sorocaba, o “coleginho das mães” como era chamada a escola que ficava na esquina da minha casa. Na mala de couro pesada, eu carregava a cartilha Caminho Suave, um contador de pedras coloridas, um estojo de madeira, um caderno com linhas, um quadriculado e um caderno de desenho que, aliás, esse era o que eu mais gostava. Meias brancas erguidas, com saia pregueada azul marinho, até o joelho, camisa branca e sapatos pretos engraxados.

Essa era também a escola de meu irmão mais velho e, justamente no ano em que ingressei, ele faleceu. Não pudemos ir juntos para a mesma escola e o peso da tristeza se estendia além dos limites da minha casa. A escola também havia perdido um aluno e eu era tida como a “irmãzinha do menino que morreu”.

Foram anos difíceis para todos nós. Agora os três, meu pai, minha mãe e eu não sabíamos muito bem como nos ajudarmos mutuamente. Meu pai ficou ainda mais em silêncio, a dor calou ainda mais sua voz.

Ainda assim me lembro de meu pai me ajudando no cartaz para comemorar o dia da Aviação (ou de Santos Dumont?), ele desenhara uma enorme asa que pegava a folha inteira da cartolina, eu aflita por acreditar que a professora e os meus amigos não entenderiam a relação que ele estabelecera com a data comemorativa e, pior ainda, era evidente que aquele desenho não havia sido feito por mim. Meu pai deve ter percebido minha aflição e finalizou: - Já dei a idéia, agora você termina. Fiz no verso da cartolina a mesma asa, pintei e escrevi: - Viva Santos Dumont! Minha professora, irmã Abelina, adorou, ufa...

Ao terminar o curso primário, como era chamado na época, nos anos 70, ingressei no ginásial. Foi uma aventura e um rompimento, tomar ônibus sozinha para ir à escola. E tudo acabou

ficando muito distante: o meu colégio, que não era mais aquele que eu via do portão da minha casa, os professores eram pessoas que meus pais não conheciam, as angústias das tarefas não poderiam mais ser compartilhadas, pois, afinal, eu já havia crescido, e era isso que eu ouvia do meu pai: - Você já está no ginásio! Não pude mais contar com sua ajuda e não tenho mais nenhum registro sequer de sua proximidade, em todos esses anos de escolaridade, a não ser muitos anos mais tarde, quando pude contar com sua ajuda para, junto com minha mãe, cuidar dos meus filhos para que eu pudesse cursar a graduação. E, nas formaturas de graduação (Pedagogia e Psicologia), ele estava lá, forte testemunha dos anos iniciais e, como paciente expectador de quem cultiva a semente, nutre, aquece, faz brotar e depois, simplesmente, contempla o desabrochar.

Hoje, meu velho pai talvez não entenda o porquê eu não tenha terminado ainda essa trajetória infinita da escolaridade, uma vez que ele estudou até o curso técnico ferroviário e, depois de formado, trabalhando como ferroviário, passou a ser o instrutor técnico. Passei minha infância vendo meu pai sendo chamado de professor e era com tamanho orgulho e reverência que os seus alunos o faziam que eu não pude deixar de acalentar o sonho de ser também um dia, quem sabe, uma educadora.

Na minha experiência em clínica psicológica e atividade escolar, como cliente, aluna, ou profissionalmente como terapeuta ou orientadora educacional, observo que, muitas vezes, e embora às custas de muito esforço, não se consegue obter detalhes do passado. Apenas se consegue ter o resgate de informações e lembranças de experiências que, realmente, marcam, isto é, de experiências que estão permeadas de emoção.

Cada vivência, pensamento, momentos de medos, certezas, períodos de tristezas e alegrias são registrados, fazem parte do tecido de nossa história como numa colcha de retalhos que determinam nossa existência.

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.[...] Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1994, p.39)

Parafrazeando Bosi, continuando a escrever, escreveríamos outro tanto e ainda mais...

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. AS RELAÇÕES FAMILIARES EM MOVIMENTO.....	19
2.1 Formação da família.....	20
2.2 A família brasileira.....	28
2.3 A paternidade em transformação	31
3. PATERNIDADE, MUNDO CONTEMPORÂNEO, INCERTEZAS	38
3.1 As representações dos papéis masculino e feminino num mundo de incertezas.....	42
3.2 Mundo contemporâneo: incertezas necessárias.....	44
3.3. Exercício da paternidade no cotidiano escolar: - “Toma que o filho é teu!”	48
4. A RELAÇÃO DO PAI NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS PESQUISA DE CAMPO	55
4.1 Objetivo	56
4.2 Instrumento.....	56
4.3 Procedimento	57
4.4 Resultados	59
4.4.1 Perfil dos entrevistados.....	59
4.4.2 Análise das entrevistas.....	60
a) Interação pai e filho (a) e o cotidiano escolar	61
b) Escola e pai	66
c) A relação pai – filhos (as) – mãe.....	71
d) Na relação com o passado – o pai do pai.....	74
e) O pai representado, a falta do pai.....	82
f) Aprende a ser pai sendo.....	83
5. CONSIDERAÇÕES.....	87
REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	100
APÊNDICE B – Roteiro da entrevista	102
APÊNDICE C – Tabelas de dados pessoais dos entrevistados.....	104
APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas	105
ANEXO A – Parecer comitê de ética em pesquisa	135

1. INTRODUÇÃO

“Eu devo ser a transformação que quero ver.”

Gandhi

Acredito que, na minha trajetória, sempre estive envolvida com um grande desafio, desvendar os territórios da aprendizagem, da inteligência e o das emoções. E, até hoje, o que consegui foi acreditar que esses são os mais complexos de serem trabalhados e cultivados.

Em meados dos anos de 1980 até 1990 atuei como professora de séries iniciais, quando tive a oportunidade de observar e vivenciar inúmeras experiências profissionais que também contribuíram para a construção da temática deste trabalho. A observação da repercussão na escola da relação que se estabelece entre pais e filhos (as), entender o quanto podem influenciar a vida escolar dos alunos suscitou (e reforçou) o desejo de compreendê-los a partir da apreensão da perspectiva da paternidade. No decorrer de muitos anos, a preocupação central era apenas observar e discutir as influências e/ou conseqüências, desta relação no interior da escola, sem objetivar transformá-la em objeto de pesquisa. Buscava a compreensão do que era vivido, como resultado da experiência do cotidiano escolar de uma profissional da educação, que tinha interesse na relação escola-família, mas, mais especificamente, o pai.

Era evidente que havia uma lacuna na relação escola/família que, por vezes, se evidenciava nos conflitos e necessidades dos alunos, nas dificuldades encontradas para a compreensão dos professores para atuarem com comportamentos e emoções, absolutamente desconectadas daquelas vividas no cotidiano escolar. Era premente a necessidade de se tentar uma proximidade dessas duas instâncias.

Foi discutida, então, em reunião com a direção da escola, a criação de um colegiado de pais, para que em reuniões discutíssemos temas pertinentes à educação dos filhos, os nossos alunos. As reuniões não tiveram um ano letivo de duração. Nem sempre os interesses eram convergentes e as reuniões noturnas foram se esvaziando, os objetivos confusos, o

cronograma mais espaçado até que desapareceram, e a escola não demonstrou mais interesse em novas propostas nesse sentido.

A observação do cotidiano escolar eliciava inquietações de todas as instâncias, no sentido de responder às dúvidas e aplacar as angústias e preocupações por constatações de que o aluno, muitas vezes, leva questões familiares para a escola e as manifesta, em procedimentos ligados à disciplina, às notas, a relacionamentos com os colegas, com os professores, entre outras manifestações.

Instaurava-se um campo de tensão para o aluno, no ponto convergente dessa relação, se estabelecia uma relação em que se encontrava dentro de uma instituição e sua família, teoricamente, fora dela. Nesse cenário, muitas cenas foram repetidas, apenas trocavam os personagens, muitas tentativas da escola no sentido de orientar e conscientizar os pais, muitas vozes de pais desconsideradas e muitos alunos expulsos, advertidos, incompreendidos.

As observações e leituras sobre questões da educação e psicologia, principalmente, as relações entre as pessoas no ambiente escolar, eliciaram a investigação sobre o tema da paternidade no mundo atual e na relação com a vida escolar dos filhos. Observações no cotidiano da escola flagravam uma fala entre professores, de culpar a ausência dos pais como puro descaso com a vida escolar dos filhos, “o pai nunca vem às reuniões”, ou então se usava como último recurso de coação, por exemplo: “se você não melhorar, vou ter que chamar o seu pai, pois só sua mãe não adianta”, a crença de que o comportamento de indisciplina ou dificuldade de aprendizagem tem como origem problemas familiares, ainda persiste. A família é muito importante para o desenvolvimento da criança, mas será totalmente verdadeira essa relação tão direta entre comportamento na escola e problema familiar? A ausência da família e do pai em específico é por descaso? Acredito que não.

Entender a vida das pessoas, os motivos que fazem ou não algo é mais complexo do que tentar enquadrar todos num único modelo. O mundo contemporâneo cada vez mais mostra a diversidade e especificidades do cotidiano, explicações universais, máximas, representações sociais estereotipadas, padronizações, modelos únicos de conduta, são questionados, criticados, por não atender à diversidade e discriminar minorias. O fim das certezas abre possibilidades de criar outras maneiras de relações entre as pessoas. A família, por exemplo, ganha uma nova forma, pode ser constituída de mãe sem pai; só avós, ou, só de

tios; casais homossexuais; pais de segundo casamento, entre outras possibilidades. No caso específico do pai, possibilita romper com a postura autoritária, ausente e único provedor financeiro da família.

Todo esse novo contexto deveria impulsionar a escola, para se tornar mais atenta, e a incorporar no seu cotidiano, comportamentos compatíveis com o mundo atual. Para tanto, justifica-se investigar: Quem é o pai atual? Como ele se relaciona na escola? Como se organiza no cotidiano para atender às demandas de acompanhar a vida escolar dos filhos? Quais as percepções que este homem, na condição de pai e de filho, tem da paternidade? Enfim, quais as preocupações que caracterizam o exercício da paternidade no contexto da contemporaneidade?

A minha atuação como orientadora, muitas vezes, foi permeada pelo sentimento de impotência e, em alguns momentos, a sensação era de se viver o caos, pois a escola pautava a atuação no discurso formativo do aluno e não somente informativo.

Diante desta circunstância convenci-me de que o caos requeria a ordem. Passei, então, a ficar ainda mais atenta às questões acerca da presença e do envolvimento do pai que ressoavam no cotidiano escolar e que insistiam em não se calar.

No contexto da psicanálise freudiana, ao pai cabe a ordem, onde o conflito entre sentimentos hostis em relação ao pai e carinhosos em relação à mãe, são complicados pelo afeto que também sente em relação a ele. Esse conflito identificado pelo próprio Freud (1976, [1924]) a partir de sua auto-análise é descrito no decurso de praticamente toda sua obra como o “Complexo de Édipo”, inicialmente nas cartas que escrevia a seu amigo Fliess.

O modelo mitológico do Rei Édipo foi universalizado por Freud, quando utiliza essa tragédia para exemplificar a fase em que a criança, ao se identificar com o pai, se apaixona pelo mesmo objeto de desejo – a mãe – e passa por sentimentos de amor e ódio. Sem ter plena consciência do que causa tais sentimentos, vive-se a experiência emocionalmente.

O embasamento, na questão edípica e do relacionamento entre pais e filhos, pode ser confirmado no decorrer de quase toda a teoria freudiana, nas Obras Completas (Freud, (1976, [1924])). Essa temática perpassa por vários de seus volumes; e o intento de citá-las será certamente de forma fragmentária, como por exemplo: “Análise de uma fobia em um menino

de cinco anos”, conhecido como o caso do Pequeno Hans (v.10, p.111), no artigo “Teorias Sexuais Infantis” (v.09, p.205), “Sobre um Tipo de Escolha de Objeto no Homem”; dentre outras.

No entanto, uma delas vale a pena ressaltar, “Totem e Tabu”, onde Freud, baseado nos estudos de tribos aborígenes australianas, descreve a existência de um código usado para a interdição do incesto. Considera-se, então, que a proibição só é necessária para atender à função de interditar um desejo, e estar a serviço da organização da sociedade e das obrigações de cada membro para com ela. Esta proibição generalizada do incesto, enraizada nas várias culturas e sociedades, teria, portanto, esse papel estruturante. “A base do tabu é uma ação proibida, para cuja realização existe forte inclinação do inconsciente”. (FREUD, 1974, [1913], p.41)

Para a teoria psicanalítica, o desejo incestuoso é tão antigo quanto o próprio homem e sua fundamentação foi utilizada pela sociedade ocidental como forma de entender e estabelecer essas complexas relações.

Acredito que foram todas essas experiências, a unicidade destas (pessoais e profissionais), impressas na minha existência, é que abriram o campo para esta pesquisa e que podem servir de fio condutor de um enfoque que se recusa a dissociar os relacionamentos entre pai-filho-pai do contexto que os forjou, da concepção de vida que os modela, dos valores que os sustentam.

[...] melhor compreender o comportamento e a experiência humanos. Eles procuram entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que são aqueles significados. Usam observação empírica porque é com os eventos concretos do comportamento humano que os investigadores podem pensar mais clara e profundamente sobre a condição humana. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.37)

O enfoque, desta pesquisa, está portanto, no âmbito da subjetividade do homem-pai, o que nos levou a adotar uma metodologia qualitativa para sua realização.

Procuramos uma compreensão intersubjetiva com o intuito de restaurar canais de comunicação rompidos pela dissociação que, historicamente, tem sido feita do homem-pai, em relação ao domínio público e privado, para se tentar estabelecer o elo entre a própria experiência de vida do pai, a tradição à qual ele pertence e o contexto atual em que hoje vive. Assim, dar as “condições que são necessárias a fim de que sujeitos capazes de falar e agir possam ter uma experiência que possa fundamentar uma objetividade” (HABERMAS, 2002, p.9)

Essa dissertação foi organizada em capítulos que abrange o mundo contemporâneo, o movimento da família, ao longo do tempo, e a apresentação de relatos de uma pesquisa com pais que têm ou tiveram filhos em escolas particulares da cidade de Sorocaba, buscando compreender sobre a relação deles com seus filhos no que diz respeito à vida escolar, as questões levam a pensar sobre as relações atuais e as relações do passado que tinham com os seus pais.

2. AS RELAÇÕES FAMILIARES EM MOVIMENTO

*O tempo presente e o tempo passado.
Talvez estejam, ambos, presentes no
tempo futuro,
E o tempo futuro, contido no
tempo passado.*

T.S. Elliot

As mudanças, na estrutura familiar contemporânea com as novas configurações familiares, permitem uma possibilidade de ampliação de vínculos, de conflitos, de referências e de valores, ressignificando papéis sexuais e institucionais.

De acordo com Borges (2007, p.109),

[...] a história vem colocando situações que exigem mudanças no modo de organizar a afetividade, a sexualidade e a reprodução humana: igualdade de competência entre os sexos, ênfase no amor e na realização individual, afrouxamento dos tabus sexuais. Enfim, a família nuclear indissolúvel não responde a essas novas exigências. Então, um novo projeto de família deve nascer das tensões que todos vivemos diante da assimetria entre as diferentes posições das novas dinâmicas familiares que existem hoje em dia.

A representação da família, ao longo do tempo, passou por transformações, na sua estrutura, no número de componentes e nas suas funções, que influenciaram o modelo de família. Porém, vivenciamos um novo momento de transição, que coloca a estrutura homogênea da família em crise, possibilitando outras formas de ser família.

É interessante observar que, além das mudanças sociais, internamente a família também passa por períodos de transição. A união de duas pessoas no casamento já constitui uma família, depois podem nascer filhos, e a tarefa evolutiva de procriar e cuidar, modifica as relações conjugais, a família deve se ajustar a novos membros. Os filhos crescem, os pais envelhecem, outro sistema de convivência se instala, aceitar a independência dos filhos, e cuidar da geração mais velha. Lidar com a morte dos pais, ou com perdas de cônjuge, irmãos, são motivadores de um novo sistema conjugal, que instala novas funções geracionais. (NOGUEIRA, 2001)

2.1 Formação da família

Nos primórdios da história da humanidade, o homem foi quase que totalmente colocado fora da participação na cadeia da geração. A sociedade matriarcal, isto é a organização social centrada na mulher, desenvolveu-se durante os 4.000 anos entre o surgimento das primeiras civilizações até a chegada do monoteísmo, representado pelo conceito de um Deus único, dos quais foram profetas, Cristo, Maomé e, guardadas as proporções, Buda.

As estruturas familiares sempre foram relações de poder, tanto dentro da micro-célula da família, quanto nas relações sociais dos grupos. Essas relações de poder estabeleceram-se pela relação econômica, ainda que inicialmente, tenham sido impostas pela força. Esta implicava na expectativa de segurança e sobrevivência do indivíduo, na medida em que significava a perspectiva de acesso às fontes de água, alimentos e à integridade física, tanto do núcleo familiar quanto da prole, principalmente dos menores completamente dependentes desta estrutura.

O ser humano, na comparação com outros animais, é o que estabelece maior relação de dependência. Enquanto nas outras espécies a dependência é relativamente curta, por vezes até o desmame, na espécie humana, leva anos para que se efetive. Todavia, é importante evidenciar que essa longa relação de dependência dos humanos, também reafirma a importância da estrutura familiar.

A estrutura de família na cultura judaico-cristã, determinava papéis a serem desempenhados pelos atores, homem e mulher. Assim, a partir da narrativa bíblica da criação, a mulher foi colocada em posição de subordinação ao homem.

A idéia de que a mulher provém das entranhas do homem, fez com que se sedimentasse a idéia de inferioridade da mulher perante o homem. A idéia de culpa, pecado, erro, eximiu o homem, e foi imposta à mulher por ouvir as sugestões da serpente, passando-as a Adão, que as aceitou de pronto. Mas não se cogitou, também, da fraqueza do mesmo, ao ser inquirido por Jeová sobre sua desobediência, não só não assumiu sua culpa como acusou o próprio Jeová pelo ocorrido, respondendo: “[...] A mulher que me deste por esposa, ela me

deu da árvore e eu comi".¹ A sentença sobre o papel a ser desempenhado pela mulher, cuja fraqueza fora demonstrada no episódio em que se deixara seduzir pela serpente, foi em seguida determinada: "[...] Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o seu marido, e ele te dominará." ²

A sociedade hebraica organizou-se em torno da propriedade privada, que condicionava inclusive a formação da família patriarcal. O marido era dono da esposa, dos filhos, da casa, das terras e de outros bens. O décimo mandamento proclamado por Moisés expressava preocupações com essa situação: “Não cobiçarás a casa do teu próximo; não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo.” ³ O adultério era punido severamente, pois, além da falha moral, quando um homem tinha relações com uma mulher comprada por outro, violava um direito de propriedade. A mulher era comprada pelo homem e, ao casar levava um dote que funcionava como um auxílio para o início da vida econômica do casal. Às viúvas, cabia novo matrimônio com um dos cunhados, caso não houvesse cunhados, devia se casar com o parente mais próximo do marido. Ao homem de recursos, era permitido ter várias esposas e concubinas, sendo que lhe era facilitada a obtenção do divórcio.

A mulher deveria ser laboriosa e contribuir para o crescimento da população, seu papel reprodutivo era essencial para a sobrevivência dos hebreus, povo pouco numeroso e freqüentemente em luta com outros. Ultrapassando os limites impostos pela mentalidade patriarcal, há inúmeros relatos da romântica atração entre os sexos opostos, como é o caso de Jacó que, para esposar sua amada Raquel, precisou trabalhar quatorze anos para o futuro sogro. (COTRIM, 1997, p.51)

Na Grécia antiga, o homem era detentor de todos os direitos civis, as mulheres não possuíam autorização para qualquer transação jurídica e, em particular, não podiam comprar ou vender imóveis. Nesses e, em outros casos, era representada por seu tutor, vale dizer, seu pai, seu irmão, seu marido, ou, qualquer outro parente próximo, desde que fosse homem.

¹ BIBLIA SAGRADA.1995,Gênesis 3,12

² Idem,Gênesis 3,16

³ Idem.Êxodo 20,17

Estavam sempre sob a proteção de um varão. As mulheres gregas não eram sequer registradas nas listas oficiais do *demos* ou do *fratria*. O único direito que gozava essa cidadã passiva era o de poder contrair casamento legal e de gerar descendentes-herdeiros legítimos. Não era permitido às jovens senhoras exibir-se em público, a menos que se tratasse de uma reunião religiosa ou familiar, ou para fazer compras pessoais, ocasião em que eram sempre acompanhadas por um tutor ou por um escravo. Até em suas casas eram confinadas nos aposentos superiores. Tal situação de inferioridade da mulher perdurou por milênios, com a família estruturada em papéis específicos de representação para o homem e para a mulher, cabendo àquele a chefia do núcleo familiar e todas as decisões que atendessem aos seus próprios interesses, nisso incluído o futuro dos filhos.

Nos estudos de Friedrich Engels (1891), encontramos referência à teoria de Morgan para o estudo da formação da família, também, como já havia feito anteriormente Marx, a partir da concepção materialista da história. Morgan, ao estabelecer uma organização na pré-história da humanidade, subdividiu-a em 3 épocas: estado selvagem, barbárie e civilização, ocupando-se especialmente das duas primeiras, inclusive subdividindo-as em fases: inferior, média e superior; de acordo com os meios de produção. Em termos evolutivos, Morgan refere-se à família, definindo-a como ativa, nunca estacionária, mas os graus de parentesco e os progressos feitos pela família só sofrem “uma modificação quando a família já se modificou radicalmente”. (ENGELS, 1976)

A partir dos estudos da história primitiva, teremos diferentes formas de constelações familiares que se diferem da tradicional. Passam inclusive pela poligamia dos homens e pela poliandria das mulheres, sendo considerados os filhos, aqueles que se tinha em comum. Isso resultou, no conceito originalmente bastante amplo, de casal isolado que temos hoje.

Morgan (1984), ao fazer uma retrospectiva da história da família, concluiu que houve uma época em que o homem e a mulher primitivos viveram de forma promíscua, em que todos os homens pertenciam igualmente a todas as mulheres e cada mulher a todos os homens.

Desse suposto estado de promiscuidade, Morgan (1984), distingue diferentes formas de famílias: família consangüínea – as relações conjugais se estabeleciam nos círculos da própria família; família punaluaana – foi excluída a relação sexual entre irmãos, e instituída a gens, surgida pela proibição das relações entre filhos de uma mesma mãe, que fez com que

houvesse a cisão das comunidades; família sindiásmica – o homem tinha uma “mulher principal”, dentre as outras esposas, e ela também o tinha como esposo principal dentre os outros esposos.

A exclusão da consangüinidade e do matrimônio entre parentes fez com que as tribos se fortalecessem física e mentalmente e algumas gens tivessem o predomínio sobre outras. No entanto, essa exclusão de casamentos por vínculos tornava frágil a união, pois acabava com o matrimônio entre grupos, o que mostra que o amor sexual, individual não tem relação com a monogamia. Diante disso, os homens tiveram dificuldades de encontrar mulheres que tornaram-se mais escassas, induzindo raptos e compras de mulheres como sintomas dessa transformação. Nesse contexto, os matrimônios passam a ser arranjados, comprometendo homens e mulheres que nem sequer se conheciam. Antes do enlace, o noivo enviava presentes para a família gentílica (família da mãe da noiva e somente para ela, e seus parentes; excluindo a família do pai e sua família), sendo esse o preço a ser pago pela noiva.

As transformações, na estrutura familiar, vão ocorrendo gradativamente, permanecendo, muitas vezes, resquícios dos costumes anteriores, no interior dos grupos, alguns sob a forma de penitência para a compra do direito à castidade para livrar a mulher e dar-lhe o direito de não entregar-se a mais de um homem, deixando-se possuir por um tempo nos templos, prática essa antiga que acaba servindo de disfarce de costume religioso.

Em outras tribos, especialmente na América do Sul, as jovens usufruíam de maior liberdade sexual até se casarem, os filhos conheciam somente a mãe que tinha toda responsabilidade sobre eles, nem lhes ocorrendo a hipótese de reclamar algum dever do pai.

Outro resquício do costume de matrimônios por grupos, Engels (1891) relata que alguns povos permanecem com a **jus primae noctis**, (grifo do autor) costume que permaneceu durante toda a Idade Média: o direito daquele que representa a coletividade (chefe da tribo, xamã, príncipe ou senhor feudal) de ter a primeira noite com a noiva. (ENGELS, 1976)

Uma nova ordem social impulsiona o surgimento de uma forma de família, a domesticação de animais e a criação do gado propiciaram o aumento das riquezas. Agora, com essa ampliação de fonte de existência, a caça torna-se um passatempo, uma vez que se

tem carne e leite em abundância. O sentido de propriedade privada começa a se tornar presente, não no sentido moderno da palavra, mas provavelmente por direito próprio de seus rebanhos, por serem os chefes das gens ou de uma comunidade familiar.

A família sindiásmica trouxe um elemento novo à estrutura familiar, abalando o matriarcado; juntamente à verdadeira mãe está posto o verdadeiro pai. Na divisão de trabalho na família, competia ao homem procurar alimentos e instrumentos de trabalho, tornando-se o proprietário dos mesmos, em caso de separação levava-os, inclusive os seus escravos, e as mulheres ficavam com os utensílios domésticos. Os filhos não herdavam dele os seus bens. Baseando-se ainda no matriarcado, os bens de um homem falecido passava às gens, aos seus parentes mais próximos, devido a pouca importância da mulher. Os seus filhos não pertenciam a ele, mas à mãe e as heranças viriam dela para os seus filhos e consangüíneos, pois, não pertenciam a mesma gens do pai. (ENGELS, 1976)

Valendo-se da idéia de ter o direito de herança dos seus bens aos seus filhos, o homem provoca uma profunda revolução na história da humanidade, abolindo o matriarcado. Os filhos de um homem permaneceriam na gens e os descendentes de uma mulher passariam a gens de seu pai. Ocorreu, então, a substituição da filiação feminina e do direito hereditário materno pela filiação masculina e o direito paterno. Estabelece-se, assim, o patriarcado.

Os efeitos desse tipo de família são observados, não somente pela poligamia exercida pelos homens, mas também, como uma forma intermediária, pela incorporação dos escravos que tinham mulher e filhos e responsáveis por cuidar de uma determinada área do gado. O termo família não dizia respeito ao par de cônjuges e aos seus filhos, mas sim aos escravos. “**Famulus** quer dizer escravo doméstico e **família** é o conjunto dos escravos pertencentes a um mesmo homem.” (ENGELS, 1976)

A família monogâmica é baseada no predomínio do homem, sendo sua finalidade a procriação dos filhos. A paternidade é indiscutível, uma vez que os filhos serão os herdeiros diretos dos seus bens. Os laços conjugais são mais sólidos do que na família sindiásmica, uma vez que só ao homem é dado o direito de rompê-lo ou igualmente de ser infiel. O Código Napoleônico outorga-lhe esse direito, desde que não tenha a concubina em seu domicílio. No entanto, para a mulher que tentasse ter as antigas práticas sexuais seria castigada severamente.

Parece quase uma condenação à família ateniense a mulher ter de se transformar numa prostituta elegante para ser reconhecida. Entretanto, apesar do rígido sistema a que as mulheres eram submetidas, estas encontravam meios para enganar seus homens, que, por sua vez, não tinham por suas mulheres nenhum gesto de apreço ou consideração. No entanto, esse aviltamento às mulheres levou à depravação dos homens, desrespeitando seus deuses e a si próprios com práticas homossexuais e sodomia. (ENGELS, 1976)

Isso remete-se ao mito de Ganímedes, o deus homossexual do Olimpo que foi raptado por Júpiter, que encantado pela sua beleza, toma a forma de águia e é levado aos céus para servir néctar e vinho aos outros deuses.



Figura 1 – mito de Ganímedes ⁴

Assim, foi a origem da monogamia, que não tem relação com o amor sexual individual, mas sim surge como fruto de condições econômicas sustentadas pela conveniência. Os gregos anunciavam que a monogamia tinha como objetivo a manutenção da

⁴ Mito de Ganímedes – figura extraída do site <http://hugo-escritos.blogspot.com/2007/08/voc-conhece-o-mito-de-ganimedes.html> Acesso em 28/10/08.

soberania do homem e a procriação dos filhos legítimos que pudessem herdar os seus bens. O casamento era um dever obrigatório a ser cumprido, para com os deuses, o Estado e os seus antepassados.

A herança recebida pela civilização é duvidosa, uma vez que a monogamia e o heterismo, na sua forma extrema que é a prostituição, permanecem como uma instituição social, tolerada e praticada pelas classes dominantes cujos comportamentos são tidos reprováveis, embora a condenação nunca se dirija ao homem, mas somente às mulheres que são repudiadas e desprezadas, garantindo mais uma vez a soberania masculina.

O estado de desigualdade entre o homem e a mulher no casamento, também é herança das condições sociais anteriores e consequência da opressão econômica da mulher. Mais uma vez Engels (1891) compara a desigualdade da mulher em relação ao homem com as diferenças de classes entre os republicanos e os proletariados, embora as leis ditem a igualdade de direitos de ambos. Onde a igualdade social entre homens e mulheres só serão de fato reais na família moderna quando homens e mulheres tiverem por lei direitos absolutamente iguais.

A princípio, partindo dos estudos de Engels (1891) podemos afirmar que o papel de pai, ao longo da história, teve várias fases, que implicaram em alternância de poder e escala de importância na vida social.

O homem atual, certamente, olhará para trás e verá em seus ancestrais imediatos homens excluídos da ideia da concepção. Essa perspectiva escapava à inteligência humana primitiva. O ato oculto e misterioso da concepção era visto como um fenômeno puramente feminino.

Milles (1989, p.36) discute este pensamento onde faz uma verdadeira apologia ao feminino:

Pois a mulher, com seus ritmos lunares inexplicáveis e seu poder de criar vidas novas, era o mistério mais sagrado da tribo. Tão miraculosa, tão poderosa, ela tinha de ser mais do que o homem mais do que humana.[...] A mulher era o símbolo primeiro, a maior entidade de todas – nada menos que uma deusa.

O mistério inquestionável não trazia nenhuma relação com qualquer ato carnal. E é, desta forma, que também encontramos na mitologia grega, a deusa Deméter, a deusa que tinha a função de reprodução e renovação da vida...

[...] ela é a deusa da fecundidade, da fertilidade e da regeneração; possui uma identidade mística com sua irmã sombria do mundo avernal, a Rainha dos Mortos; dá a luz um Filho Divino, que permanece como seu jovem consorte em vez de transformar-se em marido ou em alguém de igual maturidade. (WOOLGER & WOOLGER, 1989, p.213)

à deusa Deméter se dois mil anos, Alarico, o Gordo, destruiu o seu santuário em Elêusis, o mais importante centro religioso da Europa. Em seguida, a chegada dos monges cristãos instituiu a devoção cristã da Virgem Santíssima pelo seu título honorífico de Rainha dos Céus, indicando sua divindade espiritual e distante de quaisquer ligações com a terra.

A família é um sistema complexo não só pela multiplicidade de modelos familiares que nos deparamos atualmente, mas também pela abstração que nos deparamos na tentativa de totalizá-la, ou de delimitá-la; é um sistema onde estão juntos o biológico e o social, onde novos membros são incorporados em situações absolutamente específicas como: nascimento, adoção e casamento.

A importância vital desse sistema não está somente na garantia de sobrevivência individual ou da espécie, mas também na garantia da sobrevivência emocional, na garantia da saúde física e emocional.

Embora as famílias também tenham papéis e funções, o seu principal valor são os relacionamentos, que são insubstituíveis. Se um progenitor vai embora ou morre, uma outra pessoa pode ser trazida para preencher uma função paterna, mas essa pessoa jamais substituirá o progenitor em seus aspectos emocionais. (CARTER & MCGOLDRICK, 1995, p.97)

Diante dessas mudanças, podemos constatar que o lugar do pai como autoridade e, principal referência da família patriarcal, embora ainda possa ter algum vestígio, passa por uma importante transição.

Com o advento do anticoncepcional feminino, a partir dos anos 1960, a mulher moderna passou para uma condição jamais imaginada em fins do século XIX. Não apenas porque agora tanto quanto o homem, poderia dispor do seu próprio corpo sem o compromisso da maternidade, mas também pela liberdade de gerar o número de filhos que lhe conviesse. Rompe-se, assim, a cordoalha de aço da cerca que lhe foi imposta pelo modo capitalista de produção.

Nesse sentido, a família clássica, concebida nos fins do século XIX, abre espaços para novas configurações familiares e convive lado a lado com a família monoparental, da mulher profissional, independente financeiramente, que resolve ter filho, escolhendo um pai que não vai conviver, digamos assim, debaixo do mesmo teto.

Também abriu espaço para a família homossexual em que duas pessoas com tal orientação sexual, constituem família, adotam filhos e os educam normalmente. Tema amplamente discutido, inclusive pelos principais órgãos representativos da Psicologia: os conselhos regional (CRP) e federal de Psicologia (CFP), que propõem abolir o modelo heterossexista de organização da vida. A família tradicional tida, durante muito tempo, como a base da sociedade, abre espaço para pessoas que desejam criar filhos, independentemente da capacidade procriativa.

Há ainda o espaço da família reconstituída, em que o advento do divórcio possibilitou novos casamentos e a formação de novas famílias, onde convivem filhos das relações anteriores de ambos os cônjuges e aqueles que são frutos desse novo enlace.

2.2 A família brasileira

A origem da formação social da família brasileira pode ser creditada a um encontro histórico, mas nem por isso politicamente ideal, entre três culturas representadas pelo índio, pelo negro, trazido como escravo e pelo branco, invasor colonizador.

No plano étnico-cultural, essa transfiguração se dá pela gestação de uma etnia nova, que foi unificando, na língua e nos costumes, os índios desengajados de seu viver

gentílico, os negros trazidos da África, e os europeus aqui querenciados. Era o brasileiro que surgia, construído com os tijolos dessas matrizes à medida que elas iam sendo desfeitas. (RIBEIRO, 1995, p.30)

A colonização do Brasil seria supostamente o marco principal para que possamos delinear historicamente a família brasileira. No entanto, acredito ser de fundamental importância ressaltar a existência dos povos indígenas que aqui já habitavam. As tribos tupis aqui instaladas, há alguns séculos, estavam dando os primeiros passos rumo à superação do período paleolítico em direção à revolução agrícola. Já dominavam o cultivo da mandioca, além do milho, abóbora, batata-doce, feijão, amendoim, algodão, urucu, abacaxi, mamão, erva-mate, guaraná, entre outras. Também dependiam da caça e da pesca e todos os habitantes das tribos se dedicavam à produção de alimentos. Esses povos que habitavam toda a encosta brasileira eram em grande número, e representavam uma macroetnia, porém, como afirma Darcy Ribeiro (1995): “não puderam jamais unificar-se numa organização política que lhes permitisse atuar conjugadamente.”

As tribos tinham uma organização social própria, em geral, todas tinham homens e mulheres voltados aos objetivos de sobrevivência e preservação muito mais que de domínio territorial ou a intenção de transformar seus prisioneiros em escravos.

Por seu lado, o invasor representado pelo branco trouxe um modelo de família pautado pela estrutura patriarcal. O Brasil era um país agrário cuja estrutura social, e os poderes, eram bem definidos, à mulher no controle total da casa e o homem, fora dele, tendo o lar somente para a alimentação e o repouso. O trabalho feito nas fazendas, era à base da mão de obra escrava, em que o branco proprietário era o “senhor” guardadas as proporções e diferenças, comparável ao senhor feudal. (RIBEIRO, 1995)

Havia, em relação a este senhor, uma condição de poder quase ilimitada. Essa família patriarcal não era um modelo de família acabado, era grande o número de filhos, digamos assim “tortos”, advindos da relação do patriarca com as escravas e com outras mulheres, muitas vezes, esses filhos de outros relacionamentos, eram trazidos como crianças “adotadas”, vindos da “Roda da Santa Casa”, de modo que se tinha na mesma família dois tipos de filhos. Esse tipo de família passou por transformações históricas. Podemos citar como um dos primeiros fatores de enfraquecimento do papel masculino a abolição da escravatura, ocorrida em 1.888, e a proclamação da República em 1.889.

Com a República, houve o declínio do poder do homem, pois os ideais republicanos eram a expressão da nova ordem de liberdade, igualdade e fraternidade, ditadas pela revolução francesa e, como já vimos, as relações entre homem e mulher guardavam uma acentuada assimetria, que não são condizentes a esses valores, portanto, mais uma vez os homens têm sua importância comprometida. (RIBEIRO, 1995)

É inegável que a vinda de D. João VI impulsionou a urbanização com a instalação da corte no Rio de Janeiro, mas este evento foi localizado e mais restrito àquele local.

Sem dúvida, o começo da industrialização, que deu impulso às transformações sociais verificadas na família brasileira. Esse evento provocou a primeira leva de êxodo rural, deslocando do campo para a cidade grande números de trabalhadores. Eram imigrantes que vieram para trabalhar nas lavouras que depois saíram do campo para trabalharem nas indústrias. (SAMARA, 2002)

A mulher que estava ligada ao lar, passou lentamente a trabalhar na incipiente indústria. Com isso, passou a deixar a função do lar para ser operária. Assim, a forma de colonização do Brasil foi decisiva no sentido de evidenciar as influências do modelo patriarcal como determinante da herança cultural européia, especialmente, a portuguesa, sendo determinante a forma como se estabeleciam as relações entre a vida privada e pública.

A participação da mulher na vida política do país, talvez, tenha sido o primeiro sinal da crise de masculinidade no Brasil, pelo fato de que, a partir de então, a mulher pode participar do jogo político do país, passando a ser igual em importância ao homem, ao menos como eleitora. (SAMARA, 2002)

As mudanças nos saltam aos olhos, o modelo patriarcal sendo substituído pelos modelos diversos de família, mas, como acompanhar essas mudanças e essas repercussões? Como pensarmos as mudanças e transformações em termos de hábitos, de valores e especialmente de formação de identidade individual a qual todos nós tendemos buscar?

Nesse emaranhado, tecido pelo econômico, social, cultural, imbricam-se fatores emocionais e individuais que formam, constroem, desconstroem, organizam, desorganizam e reorganizam funções e papéis de cada um na família.

2.3 A paternidade em transformação

O homem vive uma crise sem precedentes, sua identidade já não está tão clara, sua hegemonia foi abalada. Com isso, as famílias contemporâneas também enfrentam desafios, o poder institucional, abarcado pela “célula mater” social, foi desestabilizado, o divórcio foi instituído, as crianças permanecem em período integral na escola, a pílula anticoncepção foi popularizada, a tecnologia de utilitários doméstico avançou, as mulheres se profissionalizaram, a longevidade aumentou, o idoso consome produtos e se insere na sociedade, os homossexuais reivindicam legalidade para suas uniões e adoção de filhos, porém, paradoxalmente, nos tornamos mais individualistas, o planeta teme pelas variações climáticas e diminuição drástica de recursos naturais.

No entanto, ainda assim todos têm algo em comum: todos continuam querendo famílias, grupo de pessoas que podemos nos apoiar, identificar valores, ainda que em transição, confortamo-nos com a figura de cuidadores próximos.

Trinta anos mais tarde, essa organização social perdeu o senso, ninguém contesta o direito ao divórcio, sua legitimidade moral, quaisquer que sejam as dificuldades psicológicas que o acompanhem. A família existe ainda hoje, ela é referendada pelas pessoas – curiosamente, é uma das únicas instituições na qual, ainda, os indivíduos se dizem felizes, dizem sentir-se bem – mas foi esvaziada de sua força institucional, de comando, e guarda hoje apenas um valor emocional. (FORBES, J.; 2005, p.69)

Muitos outros fatos históricos concorreram para o novo papel da mulher. Observemos que a Europa foi palco de duas grandes guerras. Assim, na segunda guerra mundial (1936/1945), a mulher teve papel determinante na ocupação do espaço masculino, uma vez que homens ocupados pela guerra, a mulher desempenha o papel até então denominado masculino, ademais disso, a guerra causou um desequilíbrio na população de homens e mulheres. Mas é inegável que a guerra deu corpo ao papel da mulher, de modo que aquele soldado sobrevivente, encontrou na volta da guerra outra constituição de papéis de gênero: uma mulher mais forte e menos submissa.

Em que pese a propriedade da análise “materialista-histórica”, o mundo mudou, a mulher mudou, a família mudou. Depois de duas guerras mundiais, o avanço tecnológico deu-se de forma espetacular nunca antes visto na história da humanidade. Outros conceitos foram construídos e depois desconstruídos com impressionante e espantosa velocidade. Curiosamente, como verifica Marshall Berman (1986), em seu ensaio, “Tudo o que é sólido desmancha no ar”, os teóricos do liberalismo pouco falam dessa revolução proporcionada pelo avanço do capitalismo.

A burguesia e seus ideólogos jamais se notabilizaram por humildade ou modéstia; no entanto, parecem estranhamente empenhados em esconder muito de sua própria luz sob um punhado de argumentos irrelevantes. A razão suponho, é que existe um lado escuro dessa luz que eles não são capazes de suprimir [...] A verdadeira fonte do problema é que a burguesia proclama ser o “Partido da Ordem” na política e na cultura modernas”. [...] Não obstante, a verdade é que, como Marx o vê tudo o que a sociedade burguesa constrói é construído para ser posto abaixo. (BERMAN,1986, p.97).

O autor nos dá a pista da sombra que paira sob tanta luz, afirmando que:

[...] das roupas sobre nossos corpos aos teares e fábricas que os tecem, aos homens e mulheres que operam as máquinas, às casas e aos bairros onde vivem os trabalhadores, às firmas e corporações que os exploram, às vilas e cidades, regiões inteiras e até mesmo nações que as envolvem – tudo é feito para ser desfeito amanhã, despedaçado ou esfarrapado, pulverizado ou dissolvido, a fim de que possa ser reciclado ou substituído na semana seguinte...(BERMAN,1986,p.97)

Assim, o ponto negro da sombra se apresenta do ponto de vista ético, aos ideólogos liberais. Afinal, as ondas da autodestruição inovadora alcançam o homem, a mulher, e também, a estrutura e as relações da família moderna, que conjuntamente com os mercados, os valores éticos e afetivos foram despedaçados pelo impacto do modo de produção capitalista, concentração de renda, êxodo rural, correntes migratórias internas e também, pela modernidade.

A exemplo dessas mudanças, ou melhor, de como elas repercutem na constituição da família, nos papéis da paternidade e da relação dos filhos com os pais, podem ser observados no estudo de Cebotarev (2003), em seu artigo sobre a família norte-americana do século XIX, à luz do modelo de colonização adotado por aquele país.

A fonte de subsistência era o trabalho agrícola, onde todos os membros da família contribuíam com sua força de trabalho; essa estrutura gravitava de tal modo em torno da família que o Estado distribuía terras somente aos agricultores casados como garantia da formação dos assentamentos e do controle do Estado sobre o território. Nessa estrutura familiar e modo de produção agrícola, a figura do pai era a autoridade máxima, e o responsável pela conduta da mulher e dos filhos, e assim, toda a literatura que aconselhava no sentido educativo do trato com os filhos era dirigida ao pai.

Com o aparecimento das indústrias, do mercado e do comércio, e com a criação de instituições de saúde e escolas, os jovens passam a trabalhar nas pequenas fábricas e serem aprendizes nas escolas, ao invés de servirem às famílias, assim, antes considerados parceiros no sustento da família, passam a serem tidos como despesas. Lentamente, a mulher ganha destaque no lar, como figura importante na educação dos filhos, ao passo que o pai, com as exigências do trabalho, vai se tornando aos poucos mais distante do cotidiano do lar. Aos poucos, o Estado passa a ocupar-se de atividades que, antes pertenciam à família, oferecendo escolas públicas, serviços de saúde e bem estar social, reduzindo o tamanho da família.

A concepção de companheirismo do casal toma força em meados do século XX, onde se pretende diminuir a hierarquia familiar, estabelecer relações mais igualitárias entre marido e mulher e entre pais e filhos. (CEBOTAREV, 2003)

Em contrapartida, o consumismo possibilitado pelo avanço tecnológico gerou desprezo pela “responsabilidade social”. Isso favorece o aparecimento da ideologia do “interesse próprio”, ou de ser “dono de si mesmo”, ou seja, a busca da felicidade ainda que em detrimento dos outros. (BAUMAN, 2004)

Essa nova ideologia traz a possibilidade de expressão dos membros da família, que antes eram oprimidos pela autoridade paterna. A partir disso a família tradicional se fragiliza e o casamento pode ser dissolvido pelo divórcio. Homens e mulheres não se submetem ao controle da família e buscam sua independência, os cuidados com os velhos, menos validos e doentes são atribuídos com facilidade a outras instituições públicas ou privadas. A educação familiar passa a ser calcada em valores como independência, individualismo, autonomia e competitividade. A ênfase para este tipo de socialização está no êxito individual e material

que, embora possa ter aspectos positivos, fomenta uma socialização familiar e comunitária restrita, de curta duração e limitada. (BAUMAN, 2004)

A nova estrutura familiar que, aos poucos neste passado recente, foi desenhada, chegando e mostrando o seu perfil, suas forças e fraquezas, seus acertos e contradições. E, finalmente podemos afirmar que foi a partir dos anos 1960, que se estabeleceu a família pós-moderna, a qual as uniões entre o homem e a mulher são mantidas por uma duração relativa, que se busca realização sexual ou intimidade. Diferentemente das anteriores, a família moderna, embora tivesse estabelecido a divisão de papéis entre o casal, marido e mulher, as uniões foram fundadas no amor romântico.

Adventos da pós-modernidade potencializaram o individualismo no domínio das relações, incluindo o amor, qualificado por Bauman (2004) como líquido por sua fragilização e por moldar-se às necessidades imediatistas. Na cultura individualista, a expectativa é de que o sujeito se construa e invente seu destino, isto é, sem repetir o que já existia e sem contar com aquilo que existe, ao contrário do que se tinha na sociedade tradicional, na qual cada um que vinha ao mundo tinha um lugar definido e articulado na rede social, e o seu papel estaria decidido pela tradição. Na nossa cultura, ensinar, formar, transmitir passou a ser atividades problemáticas em todas as instituições, pois a ordem é de contradizer a tradição.

O pai tido como o grande transmissor dos valores e costumes, àquele a quem compete a ordem familiar calcada durante séculos em sua divindade e soberania, agora com a presença fortemente marcada pelo feminino, que começa a ocupar um lugar nunca antes imaginado, não consegue se ver pela oposição, ou pelo contrário, olha ao seu lado e o que vê é uma inversão de sua própria imagem.

E em meados do século XX, Freud (1974, 1976) traz à luz a história de Édipo, consolidando as diferenças entre os sexos, e tentando aplacar as feridas deixadas pela dissolução da autoridade paterna.

Tendo o pai como aquele que corrige o caminho, Freud (1974, 1976) passa a conceber a figura do pai um elemento de significação e de estruturação da identidade que tem no elemento pai uma primazia. Porém, esta é uma importância fundada na função simbólica. Portanto, a legitimidade do pai poderá ser perfeitamente substituída. O que então pertence ao universo masculino e feminino?

Atualmente, toda e qualquer verdade é questionada, as verdades demonstradas não são garantias; a verdade é diferente da certeza. A certeza está além de qualquer demonstração verdadeira. A exigência generalizada da eficiência está nas representações sociais, todos temos que ser eficientes no amor, no sexo, no trabalho. Como se numa imolação tivéssemos que ser objetos de investimentos, pessoas “investíveis”, aquela em que se é interessante investir e obter ganhos, e porque não dizer lucro ou lucratividade.

As pessoas se colocam numa condição tácita de que é preciso, portanto, ser competente em todas as esferas para que não se corra o risco de sucumbir a concorrência, e viver o desencantamento, seu e do outro. A produção de um mundo ordenado pela lógica e guiado pela razão não triunfou, ao invés disso, o que temos é um reino de ambivalências e de contradições. Nesse sentido, a incerteza nos remete à aprendizagem da convivência com o ambíguo, reconciliação e ambivalência, ao invés de nos empenharmos em algum tipo de superação dessa época. (BAUMAN, 1998)

A identidade humana foi construída por um processo histórico cultural, determinada pelas condições materiais de sobrevivência da espécie, dessa forma, um processo inacabado.

Não é tanto a co-presença de muitas classes que é a fonte de confusão, mas sua fluidez, a notória dificuldade de apontá-las com precisão e defini-las – tudo isso revertendo à central e mais dolorosa das ansiedades: a que relaciona com a instabilidade da identidade da própria pessoa e a ausência de pontos de referências duradouros, fidedignos e sólidos que contribuiriam para tornar a identidade mais estável e segura. (BAUMAN, 1998, p.155)

A passagem do mundo moderno para o mundo globalizado tem como principal ponto a passagem da ordem vertical (encarnada pelo pai) para a ordem horizontal (encarnada pelo coletivo).

É notório o crescimento de movimentos religiosos, especialmente de evangélicos, que ganharam espaço a partir da passagem dada pela teologia da libertação. Ora, sabemos que todas as religiões foram, antigamente, e são, atualmente, sustentadas pelo dinheiro.

A fé religiosa pertence a um campo muito complexo. E como constatamos a ciência não é nada consoladora para o ser humano. É interessante refletirmos sobre um fenômeno

social em relação a isto, temos muito mais provas científicas que somos descendentes dos símios, mas mesmo assim é tão difícil de acreditarmos.

A multiplicidade de religiões também nos revela as incertezas. O que é fé para algumas das religiões mais expoentes? A fé do judeu é esperar o Messias, o salvador; a do católico é no que já ocorreu, nos ensinamentos deixados, nos preceitos vividos por Ele; não se tem, portanto, uma forma definida; na verdade, o que temos é uma linguagem, é uma forma de explicar o mundo e de se explicar nele assim como tivemos desde sempre na história da humanidade.(informação verbal)¹

Chaplin foi um cronista social que já no seu tempo, antes da segunda Revolução Industrial, lança o filme “Tempos Modernos”, o qual faz uma profecia por meio do seu discurso proferido, vislumbrando que a máquina pauperizava o homem, assim também como hoje, com meios de comunicação tão potentes, que nos aproxima, que diminui e relativiza distâncias, fez com que o homem se sentisse sem tempo.

Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio aproximaram-nos muito mais. A própria natureza dessas coisas é um apelo eloqüente à bondade do homem... um apelo à fraternidade universal... à união de todos nós. (CHARLES CHAPLIN-1940)

O que tem-se conseguido a não ser esse sentimento de fracasso, de vazio, e de descrença geral, em que o individualismo está presente mas, não de forma irresponsável nas relações, uma vez que a exemplo do medo da promiscuidade que se tinha na era pós-moralista em função da quebra dos tabus da sexualidade, não ocorreu, denotando então, que os sistemas de controle sociais estão indo à falência. (LIPOVETSKY, 1983).

¹ Informação fornecida por Luiz Felipe Pondé, em outubro de 2008, pela palestra proferida no Programa Café Filosófico CPFL, Sorocaba.

Então, esse homem-pai, sujeito desejante, está em conflito, se depara com seus atributos, limitações e falta de referências, obrigado a olhar para as muitas respostas de inúmeras perguntas, o que fará constatar que serão justamente elas, as dúvidas, que poderão fazê-lo crescer.

3. PATERNIDADE, MUNDO CONTEMPORÂNEO, INCERTEZAS

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, senão ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos.

Fernando Pessoa

Nunca a dor pela distância e frieza foram tão bem descritas e reveladoras, como por Franz Kafka (2006), ao escrever o depoimento de sua relação com seu genitor, uma carta que nunca foi entregue ao destinatário, seu pai. Nesse sentido, é de valor lançar mão de *Carta ao Pai*, obra escrita em 1919, que bem ilustra o homem-pai patriarcal e o desejo de proximidade e de estreitamento dessa relação. O cenário é de um relacionamento familiar envolto pela conduta de um pai rígido e opressor que, curiosamente despertava ao autor, sentimentos de ambivalência. A própria forma, “Querido Pai”, pela qual inicia a carta, mostra que é provável que o tenha amado, um amor com revolta e idealização porque é assim que se percebe diante dele:

Eu magro, fraco, franzino, tu forte, grande, possante. Já na cabine eu me sentia miserável e na realidade não apenas diante de ti, mas diante do mundo inteiro, pois para mim tu eras a medida de todas as coisas. (KAFKA, 2006, p. 27)

O orgulho associado à tirania do velho Hermann (pai de Kafka), por ter uma boa posição econômica como comerciante, era sustentada também pelas conquistas que significava, diante das dificuldades enfrentadas por todas as famílias judias do Império Austro-Húngaro de então.

Na “Carta” de Kafka, não fosse o desprezo, a maneira grosseira e a tirania que o pai dispensava a todos, inclusive às suas três irmãs, seria possível uma abordagem psicanalítica edipiana. No entanto, isto também pode ser observado em outros relacionamentos, como por exemplo, aos empregados aos quais chamava de “inimigos pagos”.

A relação de submissão que vivia a mãe também pode ser constatada:

Um instinto certo de criança, aliás, pois com os anos mamãe se tornou ligada a ti ainda mais estreitamente; ao passo que, no que dizia respeito a si mesma, ela sempre conservou, de um modo belo e delicado, sua autonomia nos limites mínimos, sem jamais te magoar de modo significativo, com o passar dos anos ela assumiu cegamente, de uma maneira cada vez mais plena, os teus juízos e preconceitos em relação aos filhos [...] (KAFKA, 2006, p. 52)

O autor ainda descreve um fato marcante ocorrido na sua infância, quando à noite chorou pedindo água e depois de algumas ameaças, foi tirado da cama e levado pelo pai para fora da casa e deixado ali sozinho, de camisola de dormir, com a porta trancada. Sem jamais ter entendido o porquê dessa atitude drástica tomada pelo pai, carrega o sentimento de nulidade, de insignificância em relação ao pai.

A ascendência do pai sobre o filho era tanta que mesmo sendo adulto e homem, diante de suas dúvidas, não conseguia ser considerado,

Ouve-se então apenas o seguinte: “Faze o que quiseres; por mim, és livre; já és maior de idade; eu não tenho nenhum conselho a te dar” e tudo isso no quase sussurro, terrível e rouco, da ira e da condenação completa, diante do qual eu hoje só tremo menos do que na infância porque o sentimento de culpa exclusivo da criança em parte foi substituído pela compreensão do nosso desamparo comum. (KAFKA, 2006, p. 35)

Ou,

Quanto mais velho ficava, tanto maior era o material que tu podias levantar como prova da minha falta de valor; aos poucos passaste a ter, de certa maneira, razão de fato. (KAFKA, 2006, p. 38)

Certamente o caso de Franz Kafka (1919) não é excepcional, a convivência com a severidade paterna e com as mutilações emocionais dela decorrentes, parecem ser elucidativas e reveladoras do pai patriarcal, representativo durante um longo período histórico.

Além de Kafka (1919), recorro às Escrituras Sagradas, que são as mais antigas referências, de representações da figura do pai patriarcal, nas tradições judaico-cristãs. Assim, na Bíblia, no princípio do livro de Gênesis, Abrão é instituído por Deus como patriarca: “E farei a tua semente como o pó da terra; de maneira que, se alguém puder contar o pó da terra, também a tua semente será contada.” (GÊNESIS, 13,16)

Todavia, o maior simbolismo do patriarcalismo, é a passagem bíblica onde Deus pede a Abraão que sacrifique seu filho Isaque. Havia o costume de oferecer-se um cordeiro como sacrifício, segundo o costume, o animal, após ser sacrificado, era queimado como oferta a Deus. Nessa passagem, Abraão sobe ao lugar do sacrifício sem o cordeiro, apenas ele e seu filho Isaque.

E vieram a um lugar que Deus lhe dissera, e edificou Abraão, ali um altar, e pôs em ordem a lenha e amarrou Isaque, seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha. E estendeu Abraão a sua mão e tomou o cuitelo para imolar o filho, mas o anjo do Senhor lhe bradou desde os céus e disse: Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. Então disse: Não estendas a tua mão sobre o moço e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus e não me negaste o teu filho, o teu único. (BÍBLIA, GÊNESIS, 22, 9-12)

Assim, é possível considerar que, desde a origem da cultura judaico-cristã, o pai patriarca era a representação de Deus, uma representação de poder absoluto que decidia questões como: o futuro dos filhos, seus casamentos, moradia, entre outras situações do cotidiano.

Na trajetória da vida de Jesus, o filho de Deus, no mito cristão que norteou a conduta comportamental, da sociedade cristã, a ausência e o silêncio do pai foram fortemente demarcados. São José, segundo os relatos bíblicos, participou muito pouco da vida do filho, e até mesmo no momento de sua morte não estava presente, apenas Maria sob os pés da cruz. E o registro desse infortúnio foi magistralmente immortalizado por Michelangelo, em sua *Pietà*, onde mostra que somente à Maria coube acolhê-lo nos braços. E a dor do abandono vem com suas últimas palavras proferidas na cruz: “*Eli, Eli , lamma sabactáni?* – o que quer dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”(MATEUS 27,46)



Figura 2 - Pietá de Michelangelo⁵

No Direito romano, o herdeiro direto de toda a tradição judaico-cristã, o *paterfamilias*, que eram as leis que determinavam o estatuto jurídico do pai. Dá-se a este a autoridade e o poder absoluto. O pai próximo ou distante tem o direito de vida e de morte sobre o filho, seja criança, jovem ou adulto, isto é, no decorrer de toda a vida independentemente de quaisquer outras condições o pai é a autoridade a ser considerada. (HURSTEL,1999; MARKY,1995)

Esse poder, masculino do pai (“pater” em latim) em relação aos filhos se estendia na vida política e econômica.

⁵ Figura 2 - Pietá de Michelangelo figura extraída do site:
<http://www.sescsp.org.br/sesc/galeria/20mundo/obra09.htm> - acesso em 28/10/08.

Chamam-se *patres* os senadores, *patrici* os patrícios, *pater patriae* o imperador e Júpiter o deus que representa a função suprema. Assim, pais e magistrados são investidos da mesma maneira. Dessa definição política e jurídica, resultam numerosos efeitos: o pai romano não é essencialmente o genitor. (HURSTEL, 1999 p.97)

O reconhecimento da paternidade, em Roma, só é legitimado pela palavra e pelo gesto do pai. Aquele em que o pai não toma pela mão e nem o designa como filho, não terá sua filiação reconhecida, quer dizer a filiação biológica não é precedida dessa anuência. O filho natural só tem significação pelo reconhecimento do pai, sua atitude e palavra é que podem legitimá-lo ou deserdá-lo.

Todavia, a evolução da história do homem comporta a rebeldia e o enfrentamento, assim, essa submissão absoluta dos filhos propiciou revoltas e rebeliões como em um dos episódios mais célebres do mundo antigo, um caso típico ocorrido entre César e Brutus. César, confirmado como ditador perpétuo, o que lhe conferia poder absoluto despendia a Brutus uma consideração de filho, ambos eram ligados pela confiança e admiração. No entanto, César desafiava a política, na tentativa de manutenção de seu império, destituindo a República. Juntamente com os senadores, Brutus conspira e planeja a morte de César, ataca-o pelas costas, desferindo-lhe a primeira facada, que ainda ferido consegue dizer: “Até tu Brutus, a quem eu amava como a um filho?” Expressão esta bastante conhecida até hoje quando se refere às situações de traição. A que tudo indica as questões de rivalidade diante do autoritarismo extrapolavam as relações pessoais, pois ainda que houvesse afeto entre eles, os ideais cívicos e de honradez falavam mais alto. (SHAKESPEARE, 2003)

3.1 As representações dos papéis masculino e feminino num mundo de incertezas

A organização familiar modificou, ao longo da história, as relações homem-mulher-filhos.

A Revolução Francesa de 1789, representou um marco importante tendo como crença a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade, típicos do pensamento iluminista da modernidade. Assim, na estrutura da família, esse pensamento também influenciou, como em outras esferas

sociais, a relação da mulher perante o homem, foi destinatária destes avanços e dos benesses da Liberdade e da Igualdade. (BACHA, 1997)

Mudanças de paradigmas, são graduais, necessitam de bases teóricas, pensadores, filósofos, intelectuais, capazes de sustentar um novo modo de pensar, e que não foi diferente do que ocorreu com o amadurecimento dos ideais da Revolução Francesa. Pode-se citar, dentre tantos, dois importantes para os propósitos deste trabalho: Rousseau e Kant. Rousseau, que entendia a natureza humana como sendo boa, e a sociedade como sendo má, uma instituição desvirtuadora da bondade humana, nesse sentido a vida em sociedade somente seria possível, através de um contrato, assim, elaborou a tese do Contrato Social, e em contraponto ao absolutismo, coloca a Vontade Geral, cuja expressão máxima é a Lei. Só a Lei pode tornar os homens livres e iguais, só à Lei, se devem a justiça e a liberdade, só ela permite subjugar os indivíduos para torná-los livres. Ela é a mais sublime de todas as instituições humanas. Ela está acima dos homens, dos governos e dos governados, na base da constituição de uma nação e de um povo livre. (DURANT, 2000)

A ética kantiana, formulada por Immanuel Kant, que a partir do seu trabalho em “A Fundamentação da Metafísica dos Costumes”, foi importante principalmente quando formulou o conceito de homem como um fim em si mesmo, como destinatário de toda a elaboração e esforço humano, o que para as democracias do mundo contemporâneo, é a base do princípio da dignidade humana. Kant tinha fé incondicional na razão, fundamentava que o ser é racionalizável, isto é o seu destino é ser racional e o homem aperfeiçoa a si mesmo chamado pela voz da razão. (DURANT, 2000)

Rousseau, ao escrever o ensaio “O progresso das ciências e das artes contribuiu para corromper ou para purificar os costumes?” Em 1749, já questionava esse suposto progresso colocando-o à prova, pois, neste defendia que a cultura é muito mais um mal do que um bem, e se propôs a provar que ela era mesmo inútil. Exemplificando, com os relatos das terríveis desordens que a imprensa havia produzido na Europa. (DURANT, 2000)

A Revolução Industrial, século XVIII, influenciou grandes mudanças nas relações sociais, familiares, os homens empregados em fábricas, legitimou o domínio público como sendo masculino, ficando a mulher no domínio privado, compondo o papel da “rainha do lar”.

O propósito ideológico construído definiu o papel de provedor, ao homem, e de cuidadora da preservação das crianças, à mulher. (KUBLIKOWSKY, 2000)

A sociedade foi se modificando e adventos como a pílula contraceptiva, a mulher no trabalho em fábricas, a defesa da liberação sexual, o movimento feminista, entre outros marcaram a inserção da mulher no domínio público, contribuindo para novas mudanças nas relações sociais, econômicas, familiares, e nas relações de gênero. (ESPER, 2008)

3.2 Mundo contemporâneo: incertezas necessárias

O rompimento com o conhecido e com os propósitos da modernidade, fez com que o mundo masculino que respondia a uma determinada lógica passasse a conviver com uma mulher que conseguiu realizar o feminino muito além do âmbito doméstico, agora não lhe interessa mais ser só a “rainha do lar”, ou pelo menos este não é mais um padrão imposto a todas, seus interesses podem ir além da fronteira do privado. (ESPER, 2008)

A obra literária que bem ilustrou essa metamorfose social é “O segundo sexo” de Simone Beauvoir (1980 [1949]), que fez uma profunda análise do papel das mulheres na sociedade, e serviu para corroborar o movimento feminista, por trazer para essa época importantes reflexões sobre os fatos e os mitos que condicionavam o papel da mulher na sociedade, assim como revelar quais eram as posições da mulher nas diferentes esferas biológica, psicanalítica e do materialismo histórico.

O mundo protegido por certezas e regras universais, entra em crise, e abre espaço para as incertezas de um mundo aberto a possibilidades. Presenciamos o fim das metanarrativas, fim das ilusões, fim do racionalismo como único modelo de construir conhecimento, enfim a humanidade vive um novo paradigma considerado e discutido por inúmeros estudiosos que tentam lidar com as múltiplas conseqüências de uma nova maneira de pensar. As tentativas de caracterizar e definir a ruptura e/ou a continuidade do período moderno são trazidas por esses autores em diferentes perspectivas: Harvey (1993) refere-se a uma pós-modernidade, como seqüência temporal depois da modernidade; Bauman (2004), modernidade líquida, ainda modernidade mas com características fluídas, difícil concretizá-la; Debord (1997), define a

sociedade preocupada com a aparência, em que toda situação pode ser mostrada como show, como sociedade do espetáculo; e Lipovetsky (2004), usa o termo hipermodernidade, pois segundo ele, a sociedade não se conforma com pouco, tudo deve ser elevado a sua potência máxima, super moderno, não basta ser apenas moderno, tenho que estar a frente da própria moda.

Provavelmente, uma definição mais clara só será possível, quando no decurso dessa etapa, os historiadores e estudiosos descreverão a complexidade vivida, com um olhar distanciado. Da idade antiga até a contemporaneidade, vivemos crises, medos, conflitos assim como progressos que acompanham todo o desenvolvimento humano, mas, de modo geral, os autores convergem no sentido de enxergar esse homem do terceiro milênio como fragmentado, solitário, vazio, inseguro e fadado ao consumo como meio de alcançar a felicidade. (HARVEY, 1993 ; BAUMAN, 2004; DEBORD, 1997; LIPOVETSKY, 2004)

Decorrente dessas mudanças, vive-se hoje uma partilha dos direitos e deveres familiares, da autoridade do pai com a mãe e maior possibilidade de proximidade afetiva com os filhos. Atualmente, as funções paternas, aquelas tidas como simbólicas de genitor, educador, transmissor do nome e da herança material, acabaram por ser divididas com várias outras pessoas e instituições: o padrasto, os professores, a mãe, os avós, possíveis tutores, o Estado, as ONGs, etc.

Se o pensamento moderno acreditou que a razão seria a grande estratégia para a resolução dos problemas da humanidade, que os valores de fraternidade, liberdade e igualdade seriam possíveis de serem alcançados, desiludidamente percebe-se que não se cumpriram, o pensamento de sustentação dessa crença que o mundo seria melhor não foi conseguido.

Em outros termos, o que se acreditava que a falácia do progresso proporcionaria, não foi desfrutado, pois vivemos, na verdade, uma falência desse ideário.

Que mundo é esse: o da incerteza no lugar da certeza, a destruição de teorias universais? Somente uma teoria não responde, surgem as metanarrativas, grandes teorias tentando dar conta de um universo homogêneo, hegemônico. O que se vive é um grande avanço tecnológico que virtualizou as informações e as relações, possibilitou estar próximo sem estar presente, e gerou necessidades que até “ontem” seriam inimagináveis, surge uma onda da humanização nas empresas, nos hospitais, nas escolas.

O medo generalizado parece tomar conta de todas as relações, falta-nos uma confiança básica, devido à ausência da solidariedade nos laços sociais que viria de encontro ao individualismo tão presente nas relações atuais. Estamos com medo porque estamos sozinhos. Estamos sozinhos porque o indivíduo sobrepôs-se ao grupo, o individualismo serve à regra do egoísmo.

Para piorar ainda mais as coisas: mesmo quando (e se) os benefícios de uma luta conjunta são apresentados de maneira convincente, permanece a questão de como reunir e manter juntos os lutadores solitários. As condições da sociedade individualizada são inóspitas à ação solidária; elas militam contra a visão da floresta por trás das árvores. Além disso, as florestas antigas, antes paisagens familiares e facilmente reconhecíveis, foram dizimadas e é improvável que novas florestas as substituam, já que o cultivo da terra tendeu a ser repassado a pequenos proprietários agrícolas que trabalham individualmente. (BAUMAN, 2008, p. 32)

A explosão das duas bombas nucleares estabeleceram um novo conceito de guerra e também de paz. A concepção doutrinária de que não era mais determinante para a vitória o número de soldados, mas sim a tecnologia empregada. Ou seja, a falta de importância do homem, macho, soldado guerreiro a par disso, a mulher cujo papel desempenhado nas guerras era o de médica, enfermeira, terminou com o avanço tecnológico, e agora compete com o homem na qualidade de soldada, guerreira, pilotando tanques, helicópteros e aviões.

Falar da condição masculina é entender o espaço ocupado pela mulher na sociedade contemporânea, por meio da política, universidade, tecnologias que refazem um jeito de ser mulher, não submissa apenas à dominação masculina. A divisão do trabalho entre o casal torna-se motivo de divisão de papéis e de responsabilidades, entre pais e mães e também atribuindo autoridade ao Estado, delegando a este a educação dos filhos.

Assim, o ímpeto da luta pela liberdade, o desejo de mudar tudo e todos, tão cara ao homem da geração dos anos 1950, 1960, no jovem moderno, tomaram outra configuração. Dessa forma, o desejo de liberdade desse jovem, calcado no sonho da independência e autonomia, foi sendo substituído por um adiamento. Se os jovens do século XX viveram a adolescência como um período ou uma fase de transição para sua independência, e sair da casa dos pais, os jovens de hoje em geral, preferem a comodidade da casa dos pais para economizar dinheiro, entre outros benefícios, mesmo empregados, o que exemplifica as relações familiares em transformação. (CALLIGARIS, 2000)

Os valores atuais tais como, a obtenção de sucesso social e financeiro, que estão a serviço do consumo avassalador que atua como o termômetro da valoração do ser, estão presentes nas relações em que deseja-se conquistar, amizade, amorosa, sexuais, e até mesmo familiar. (BAUMAN, 2004; DEBORD,1997)

A identidade humana passa por transformações ao longo da história, e corresponde a determinada cultura, forma de pensar que constrói socialmente, nas relações entre as pessoas. Mas como constituir-se sem termos a clareza do que somos, a que raça pertencemos, quais os costumes a serem seguidos, o que vestir, o que comer?

Se desde a época do “desencaixe” e ao longo da era moderna, dos “projetos de vida”, o “problema da identidade” era a questão de como *construir* a própria identidade, como construí-la coerentemente e como dotá-la de uma forma universalmente reconhecível – atualmente, o problema da identidade resulta principalmente da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de achar uma forma de expressão da identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la de uma hora para outra, se for preciso. (BAUMAN, 1998, p.155)

Vivemos num mundo de possibilidades, de escolhas, de arbitrariedades, e de maior consumismo. Basta focarmos os sentimentos mais comuns em que estão na base dos principais distúrbios psicológicos da atualidade: a euforia como mecanismo reativo, o medo generalizado, a ansiedade injustificável, e a tristeza profunda; produzindo sintomas e doenças que passaram a fazer parte do cotidiano do homem como: a síndrome do pânico, o estresse, a depressão, a bipolaridade. (LIPOVETSKY,1983, 2004; BAUMAN,1998, 2004, 2008)

Nunca dantes a medicina investiu tanto em formas de se buscar e responder ao anseio da eterna juventude oferecendo verdadeiro culto ao corpo: cirurgias plásticas, remodeladoras, lipoaspiração, silicone, utilização de substâncias químicas como botox, vitaminas, energéticos, academias de ginástica, a atividade física passou a fazer parte das exigências para a conquista de uma vida longa e saudável. Os avanços tecnológicos que tinham a promessa de proporcionar conforto e lazer acabam por aprisionar-nos, na ditadura da moda e do padrão de beleza definido pela mídia. A idéia de cultivo, de processo, de gestar, de viver etapas, são combatidas pelo imediatismo desenfreado, e a queixa generalizada é a falta de tempo. (LIPOVETSKY,1983,2004; BAUMAN,1998, 2004, 2008)

Somos afetados, e nessa perspectiva, a crise da masculinidade é sem precedentes, o homem parece estar sem identidade clara, sua hegemonia foi abalada. Que homem-pai pós-moderno é este que traz uma amalgama dos gêneros? O sistema de poder, o status, as incumbências, as obrigações e atribuições, antes tão bem definidas e estáveis, foram aos escombros.

O homem deixou de ser o único “chefe” da família, provedor, agora pode dividir esse papel com a mulher, às vezes com os filhos, tal oportunidade, para ser percebida assim, precisa de tempo e destruição das regras prontas que deram conta de um momento sócio-histórico. Para homens e mulheres, trava-se uma busca de outras formas de se constituir e se localizar no mundo. O “mundo masculino” agora não é mais tão masculino, nem o feminino.

Mais importante do que definir ou contextualizar a pós-modernidade é encararmos com coragem os desafios que são colocados ao homem-pai e suas repercussões em todas as relações que estabelece: nas relações de gênero, com as mulheres, com outros homens, com o trabalho, com a instituição escola, com seu pai, seus familiares, com seus filhos e filhas, e especialmente consigo mesmo.

3.3. Exercício da paternidade no cotidiano escolar: - “Toma que o filho é teu!”

Temas como indisciplina, dificuldades de aprendizagem, relações familiares e escola; habilidades sociais e educativas; problemas de comportamento; representações do aluno ideal, são interesses de pesquisa em educação (Wicher, 2008; Martins, 2001; Azenha, 2006; Meneghetti, 2002; Bolsoni, 2003; Luciano, 2006), assim como discutidos no espaço escolar, nos corredores, nas salas de reuniões com coordenadores e diretores, nas salas de professores, nas reuniões bimestrais, nos atendimentos individuais, são motivos que levam a escola a requisitar a família e propor discutir às supostas ações educativas sobre as crianças e/ou adolescentes. Tais temas e outros que envolvem educação e a relação familiar, são também assunto para livros de grande circulação e fácil acesso ao público dentre eles podemos citar : Educar sem culpa (Zagury, 1993); O adolescente por ele mesmo, (Zagury, 1996); Limites sem trauma, (Zagury, 2000); Disciplina, limite na medida certa (Tiba, 1996); Adolescentes: Quem ama educa!, (Tiba, 2005); Pais brilhantes, professores fascinantes, (Cury, 2003); Como

estabelecer limites - Definindo limites de comportamento para seus filhos – da infância à adolescência, (Vinton, 2004).

O cotidiano escolar é permeado por algumas crenças, advindas das mais diferentes fontes, mas criam uma representação em relação às ações educativas da família e da escola. Temas como a dificuldade dos pais em colocar limites aos seus (suas) filhos (as), ou que a família não tem cumprido com seu papel de educar os filhos delegando esse papel à escola, ou até mesmo que os pais (pai-homem, mãe-mulher) não gerenciam, nem acompanham seus filhos nos afazeres escolares e não se posicionam em relação às questões disciplinares, entre outros temas, se observa no cotidiano escolar. Um olhar um pouco mais atento sobre esse cotidiano, identifica a mulher presente no ambiente escolar e o homem, pai, figura ausente, mas, ao mesmo tempo usada, por alguns professores, como recurso punitivo ao aluno indisciplinado. O pai é chamado quando a “mãe não resolve mais”.

Podemos identificar, no cotidiano escolar, representações sobre o comportamento ideal de pais e alunos. Esse fenômeno pode ser ilustrado nas datas comemorativas que fazem parte do calendário escolar, por exemplo: o dia das mães e dos pais. Nessas comemorações, acabam por se estabelecer, ainda que implicitamente, qual é o papel de pai e mãe que a escola ainda mantém, reproduz. Ao observar as frases e os presentes oferecidos, nesses dias, é comum a presença de corações, da palavra amor, no dia das mães e ainda há presentes ligados à cozinha, à beleza, ou flores, e no dia dos pais, gravata, meia, lenço, camiseta, acessórios para o carro ou o escritório, mensagem implícita pai trabalha fora de casa, espaço público, enfim comportamento culturalmente esperado aos progenitores, ligados a prover a família, mas na prática mulheres e homens já quebraram essa hegemonia.

A solicitação da presença dos pais, ou a reclamação de professores por causa da ausência do pai, realmente acontece, os pais estão trabalhando, e de modo geral, quando são realizados os eventos festivos, ou reuniões na escola, pesquisa-se sobre horários?

As expressões, função materna e função paterna, referem-se à investigação teórica psicanalítica, onde os estudiosos ao descrevê-las o fazem, mostrando sua importância desde a fase inicial do nascimento e como elas acompanham todo o percurso do desenvolvimento e estruturação do psiquismo da criança. Alguns desses autores deram relevância à função materna : Bion (1973,1966,1993); Klein (1981, 1982); Dolto (1996) e Winnicott, (1980, 1982,

1990, 1999, 2000), outros destacaram a função paterna: Dor (1991), Freud (1974, 1975, 1976), Hurstel (1999), Winnicott, (1990, 1999), mas todos têm em comum a idéia de que tais funções são fundamentais na formação psíquica, isto é, atuam como ancoradouro do desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo da criança.

Esses conceitos trouxeram à tona a discussão de gênero que imediatamente nos remete a relacionar pai como o responsável pelo desempenho da função paterna e à mãe a da função materna, no entanto, qualquer vinculação de gênero com maternidade/paternidade que se estabeleça seria incorrer num erro. A função materna e paterna pode ser exercida por ambos ou qualquer adulto cuidador, o que, na verdade, diferencia são as atitudes determinadas pelos sentimentos conscientes e inconscientes, e decorrentes do desejo pelo filho que estão em jogo nesta dinâmica relacional. (DOLTO,1996)

Assim, contrariando alguns ideais mais conservadores, que, acreditam que para o desenvolvimento saudável de uma criança, o único contexto favorável seria o casamento heterossexual, se faz possível a formação de famílias homoparentais, isto é, formada por casais de mesmo sexo. A discussão sobre as funções dos cuidadores frente aos filhos, exercida por uma só pessoa, está merecendo definição de termo específico, por exemplo, a parentalidade, termo usado por Moraes (2001) para designar as vivências de ser pai e de ser mãe, “fruto das modificações ocorridas na família nuclear, baseados nos ideais de igualdade dos direitos entre homens e mulheres” (p.12)

A discussão sobre a definição da parentalidade requer ser considerada sob outros aspectos que não somente o biológico como o único definidor de parentesco. As novas possibilidades de configurações familiares trouxeram essa perspectiva como, por exemplo, as famílias monoparentais (femininas ou masculinas) isto é, aquelas compostas por apenas um dos genitores que se ocupa sozinho do cuidado dos filhos, homens/mulheres divorciados (as) que possuem a guarda dos filhos, homens/mulheres viúvos (as) que criam seus filhos, assim como a partir da utilização das tecnologias reprodutivas, inovação essa em que se tem que considerar o impacto social decorrente desses avanços, tanto nas formas diferenciadas de concepção (esterilização), como das novas tecnologias conceptivas (fecundação *in vitro*).

A paternidade passa a ser revista pela condição biológica, como observa Scavone (2004, p.08):

As diversas técnicas de **TCS**, *inseminação artificial intraconjugal (IAC)* ou a *inseminação artificial com doador de esperma (IAD)*, a *fecundação in vitro (FIV)* – com o nascimento de bebês de proveta - a *ICSI, injeção intracitoplasmática de espermatozóide*, entre outras variações, envolvem uma série de novos atores na reprodução, como os médicos, os doadores anônimos de esperma, as mães de aluguel, extrapolando a relação do casal. Resta saber como essas mudanças interferem nas relações de gênero. (grifos do autor)

Essas mudanças acabam por determinar e manifestar esses novos conceitos acerca da paternidade e da maternidade no mundo contemporâneo, diferenciando definitivamente a reprodução humana da sexualidade, bem como a desvinculando o prazer sexual da procriação.

Estamos diante de uma representação social, onde as pessoas, em geral, pais, mães, os profissionais da educação, assim como também a mídia, e a sociedade, em geral, são tomadas no seu dia-a-dia por essas idéias, onde o interesse, a necessidade, e a curiosidade, forçam a compreendê-los. O que nos leva a crer que trata-se de inquietações de relevância para as pessoas e que, de alguma forma, norteiam suas ações, concepções, crenças e valores, influenciando, significativamente, a experiência cotidiana.

Gerard Duveen cita na introdução do livro “Representações Sociais” uma definição de representações feita por Moscovici:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambigüidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (1976:xiii; apud MOSCOVICI, 2003, p.21)

O discurso, de qualquer temática humana, é tido como reflexo das representações sociais, caracterizam as relações humanas no seu contexto histórico e cultural, e são fruto dessas conversações. (FIORIN; SAVIOLI, 2003)

Entendendo a representação social como um verdadeiro ambiente onde se desenvolve a vida cotidiana, e aplicando ao ambiente escolar, podemos entender a escola como um ambiente propício para as interações humanas, e portanto, as expectativas, experiências e concepções são pensadas, dialogadas, conversadas, no “ambiente escolar”, planejadas ou não,

oferecendo condições para formação, manutenção e ou desconstrução de representações sociais sobre a realidade, que podem ser convencionais ou emancipadoras. (SÁ, 1995)

As representações sociais podem nos ajudar na investigação sobre o pai e o cotidiano da escola, para mostrar a dialética dessas relações na população estudada mediante o significado individual buscando o grupal.

A complexidade do fenômeno decorre da desconstrução, no nível teórico, da falsa dicotomia entre o individual e o coletivo e do pressuposto daí decorrente de que não basta apenas focar o fenômeno no nível intra-individual (como o sujeito processa a informação) ou social (as ideologias, mitos e crenças que circulam em uma determinada sociedade). É necessário entender, sempre, como o pensamento individual se enraíza no social (remetendo, portanto, às condições de sua produção) e como um e outro se modificam mutuamente. (SPINK, 1995, p.89)

No cotidiano escolar, é muito comum a discussão acerca de quem compete, hoje, a responsabilidade pela educação da criança e do adolescente, discussão essa muito comum diante de quaisquer dificuldades apresentadas pelo(a) aluno(a). Os personagens da escola atribuem à negligência familiar e a família cobra da escola, criticando-a como um "desserviço".

Na verdade, o que se coloca é uma discussão subjetiva de questões como a quem compete, e em quais valores éticos e morais devem nortear os dispositivos disciplinares dos educandos.

Considerando a perspectiva de Deleuze e Gattari (1997) na sua obra *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, onde descrevem a organização social atual, e a comparam a um tecido "liso", cujos fios, as tramas não podem ser vistas, pois tamanho é o emaranhado que se apresenta ao se fazer a analogia com a organização e funcionamento social do sistema capitalista da era contemporânea em oposição à era moderna, que compara a um tecido "estriado", onde o espaço estaria demarcado por processos seqüenciais e hierárquicos claros e firmemente estabelecidos. Isto é, não conhece certezas, não são demarcados, não temos fronteiras, limites, barreiras, e divisórias que possam balizar, os espaços, as áreas, os saberes. E os espaços são ocupados segundo esses arranjos, e a partir das tensões criadas a partir dessa organização social.

É importante lembrar a concepção de espaço, que advém da tentativa de entender as transformações ocorridas nas sociedades modernas, e das facetas do capitalismo. A crescente mobilidade de tudo e de todos, a desterritorialização, “não-lugares”, a fluidez, os “mundos flutuantes”, os espaços ocupados pelas pessoas no mundo é que dispensam, muitas vezes, a relação, o contato e a presença física introduzidos pelas novas tecnologias da informação e a telecomunicação, especialmente, a internet e a telefonia celular. (AUGE, 2001; BAUMAN, 1998; DELEUZE E GATTARI, 1997)

E a escola, como podemos definir hoje, o espaço escolar contemporâneo? Será que pode ser considerada uma possibilidade de diluição ou afrouxamento dos laços familiares, uma vez que concorre com grande parte em tempo e espaço na vida da criança e do (a) adolescente? Uma vez que o cotidiano escolar é permeado pela crença de que aos pais compete a educação dos filhos, como podemos fazer o enfrentamento desse espaço de tensão provocado pela expectativa dos pais que contam com essa parceria na incumbência da educação dos filhos?

A família é o primeiro ambiente socializador importante para a criança.(BEE, 2003); (WALLON,1979).

Nesse ambiente, desenvolvem-se as relações de apego seguro e da afetividade ou inseguros de distanciamento. (BOWLBY,1990).

Essas teorias apontam o pai e a mãe como referências importantes, mas os psicólogos e pesquisadores estão revisando os termos, identificando as pessoas próximas como cuidadores, que não necessariamente pai e mãe biológico, mas todo aquele que, por razões afetivas, tenha responsabilidade do cuidado com a criança.

Nessa perspectiva, a escola teria que, supostamente, ampliar sua função social de transmissora do legado cultural, isto é, o papel informativo, e disciplinadora para também assumir o papel de formadora de princípios e valores, que favoreçam a socialização, a convivência.

[...] a escola é, depois da família (mas, muitas vezes, antes dessa), a instituição de seqüestro pela qual todos passam (ou deveriam passar...) o maior tempo de suas vidas, no período da infância e da juventude. Na medida em que a permanência na escola é diária e se estende ao longo de vários anos, os efeitos desse processo disciplinar de subjetivação são notáveis. (VEIGA-NETO, 2003, p. 85)

É de fundamental importância essas reflexões, uma vez que correspondem ao processo de transformação que nos colocamos e assim transformamos a realidade, ampliamos a consciência da existência, do mundo, da realidade escolar e familiar brasileira, de contextos sociais e políticos, da nossa própria existência que adquire novas formas de significar essa mesma práxis cotidiana.

E a validação se dá pela possibilidade de ruptura ou de permanência de representações que permanecem e criam precipícios entre os discursos e as práticas, tanto dos profissionais da educação como dos pais.

4. A RELAÇÃO DO PAI NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS: PESQUISA DE CAMPO

“O grande homem é, pois, aquele que reconhece quando e em que é pequeno.

O homem pequeno é aquele que não reconhece a sua pequenez e teme reconhecê-la.”

Wilhelm Reich

O cuidado da vida escolar dos filhos, em nossa sociedade, é preferencialmente exercido pelas mulheres, pois espera-se da mãe: participar das reuniões na escola, acompanharem o desempenho acadêmico de seus (suas) filhos (as), levar e buscar na escola, atendendo às regras instituídas da rotina escolar, horários, uniforme, lição, material, conversa com os professores, entre outras atividades do cotidiano escolar. Os estudos sobre o mundo contemporâneo, as mudanças na constituição familiar, as possibilidades de divórcio, segundos casamentos, adoção, ou até ter filhos (as) solteiros (as), entre outras possibilidades de constituir família, como visto nos capítulos anteriores, nos levaram a questionar se esse papel em nossa sociedade, construído para um perfil feminino, não estaria sendo desempenhado também por homens, num novo contexto das relações familiares.

Nesta pesquisa, tem-se como hipótese o fato de que os papéis, sociais antes relacionados ao gênero, estão cada vez mais sendo exercidos de acordo com as disponibilidades de horários de trabalho, ou seja, muito mais marcado por exigências cotidianas do que de gênero. Cada dia mais homens estão assumindo gradativamente esse papel de acompanhar o cotidiano dos filhos, invertendo a posição de pais ausentes para pais próximos e, entre outras coisas, preocupados com a vida escolar de seus (suas) filhos (as), ou seja, buscando uma nova maneira de exercer a paternidade.

Diante dessa hipótese, algumas questões foram levantadas: Como os pais acompanham a vida escolar de seus (suas) filhos (as)? Quais as preocupações no cuidado das relações paternas? A figura do pai, para os homens contemporâneos no cuidado de seus (suas) filhos (as), exerce alguma influência? Como avaliam essa relação?

Este capítulo apresenta uma pesquisa de campo, qualitativa, realizada com dez pais, por meio de entrevistas individuais, que investiga o envolvimento dos pais na vida escolar dos (as) filhos (as).

A relevância e aplicabilidade da pesquisa na educação, foram criticadas por Alves-Mazzotti (2001), indicando ausência ou insuficiência de teorização e pulverização das investigações. Mesmo assim, sendo a paternidade uma construção social, no que diz respeito à especificidade humana, não da concretude ou materialidade da presença ou da ausência física do pai ou por tê-lo “conhecido”, mas pela sua significação, que inevitavelmente permeia toda vivência e condição humana.

Considera-se, pois, essa pesquisa relevante para o cotidiano escolar, que trabalha com as relações familiares a fim de refletir sobre a relação escola-família como condição *sine qua non* para subsidiar contribuições que concorram para a realização plena a que se propõem ambas as instituições: escola e família, além de oportunizar a reflexão sobre a proximidade do homem na vida escolar dos filhos dando voz ao pai.

4.1 Objetivo

A pesquisa tem como objetivo geral entender melhor como se estabelece a relação da paternidade na vida escolar dos (as) filhos (as).

Na tentativa de alcançar esse fim, os objetivos específicos são:

- Levantar relatos de pais sobre a relação com seus (suas) filhos (as), no que se refere à vida escolar;
- Identificar as percepções e avaliações destes pais;
- Analisar a paternidade no contexto contemporâneo.

4.2 Instrumento

Para a coleta dos dados, foi elaborado um roteiro de entrevista com dados sobre o trabalho, estado civil, número de filhos, escolaridade, entre outras informações pessoais,

assim como 15 perguntas abertas, que serviram de norteadoras para entender a relação dos pais e seus (suas) filhos (as) na vida escolar destes, (Apêndice B). Tais questões abordam sobre: como os pais acompanham a vida escolar dos (as) filhos (as); as reuniões de pais na escola, os diálogos sobre o dia-a-dia na escola; a relação com seus (suas) filhos (as) e com seus pais; enfim, questões que levam os entrevistados a pensar e avaliar sua prática como pai, na relação com a escola.

A entrevista semi-estruturada teve o roteiro como diretriz para a coleta de dados. O papel do entrevistador, segundo Minayo (1998, p. 122), é aquele que:

Procura atingir metas, tentando manter a margem de movimentação dos informantes tão amplas quanto possível, e o tipo de relacionamento livre de amarras, informal e aberto dentro das limitações já conhecidas. O entrevistador se libera de formulações pré-fixadas, para introduzir perguntas ou fazer intervenções que visam a abrir o campo de explanação do entrevistado ou aprofundar o nível de informações ou opiniões.

4.3 Procedimento

O procedimento utilizado na coleta de dados foi a entrevista semi-estruturada, por meio de um roteiro em que os pais entrevistados tiveram a possibilidade de se expressar, ampliar suas reflexões acerca do tema, trazendo relatos de suas experiências, bem como entrando em contato com sentimentos eliciados pelas lembranças.

O que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (seno ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicos. (MINAYO, 1998, p.109)

Com base nesse procedimento metodológico, adequado aos objetivos deste estudo, pôde-se captar as representações sociais decorrentes das relações pai-filho-escola, o que levou a constatação do desejo de escuta desse pai/homem, ou seja, a expressão dos sentimentos pela palavra parece ter significado a tomada de consciência de sua história, enfim

de si mesmo como ator social, uma vez que a linguagem foi reveladora das condições históricas, sociais, econômicas e culturais específicas.

Somos inevitavelmente ideológicos, porque não somos objetivos como fenômeno de expressão histórica. Somos objetivos como fato social. Quer dizer, nossa subjetividade é um fato. Mas a expressamos de modo subjetivo, do nosso jeito. Ideologia é, em parte, a modulação de nossas formas de expressão, no sentido da ocupação dos espaços do poder. A dimensão política contém o horizonte da potencialidade humana. É a arte do possível, pois é possível ser feita em parte. É a perspectiva da criatividade. (DEMO, 1987, p.20)

Todos os procedimentos adotados, nesta presente pesquisa, seguiram as recomendações CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da Uniso, sendo por este, avaliados e aprovados, conforme protocolo 015/08, (Anexo A). Foi elaborado e assinado por todos os entrevistados, o termo de consentimento livre e esclarecido, (Apêndice A). Antes da elaboração final do roteiro de entrevista, foram realizadas duas pesquisas piloto com pais que ao responderem, também avaliaram as questões, e todo o clima da entrevista. A pesquisa foi realizada a partir do segundo semestre de 2008.

As entrevistas foram todas individuais, gravadas, com a permissão dos pais, com a duração média de 60 minutos. Ficou claro a todos que, a qualquer momento, estariam livres para não responder ou interrompê-la sem prejuízo algum dos mesmos e que a participação na pesquisa é voluntária. Também foram informados que a publicação das entrevistas seguiria a ética do sigilo da identidade dos sujeitos, substituindo os nomes por fictícios.

Num primeiro momento, pensou-se em estabelecer um único critério que seria a condição de ser pai. A partir daí, a pesquisa foi restrita ao número de dez pais de filhos (as) que estudassem em escolas particulares da cidade de Sorocaba, interior de São Paulo. A relação de entrevistados se deu pela indicação de amigos, que conheciam a pesquisa e passavam nomes, forneciam e-mails e ou telefones, assim, entrou-se em contato com os entrevistados, apresentando, já neste contato, os objetivos da pesquisa. Logo no primeiro contato, agendou-se dia, hora e local para as entrevistas, privilegiando locais e horários em que se pudesse ter privacidade e tranquilidade para a realização das mesmas. O local variou entre ambiente de trabalho, escola (biblioteca, sala particular de coordenação), residência, sem a interferência de outras pessoas. Após cada entrevista, encerrava-se com os agradecimentos

pela participação, e deixava-se livre para que os entrevistados comentassem ou sugerissem alguma coisa. Tais observações também foram incorporadas aos relatos.

Depois de concluídas todas as entrevistas, estas foram transcritas, (Apêndice D), e foi realizada a análise, seguindo as técnicas de análise de conteúdo de Bardin (2004), que consiste em técnicas que seguem a análise das comunicações, procedimento de descrição do conteúdo das mensagens, e indicadores de inferências para a construção das análises.

Cada entrevista foi lida na íntegra, realizada uma leitura rastreadora, mais de uma vez, depois foi realizada a leitura para assinalar, revelar as falas pertinentes aos objetivos, e outra leitura buscando a essência das falas em comum e as diferenças entre si. As análises tiveram referencial na psicologia do desenvolvimento e nas características da contemporaneidade. Isso levou a criar categorias de análise.

4.4 Resultados

4.4.1 Perfil dos entrevistados

Foram entrevistados dez homens, pais, com pelo menos um (a) (as) filho(as) matriculados (as) em escola particular. A idade variou de 35 a 49 anos; o conjunto dos entrevistados é composto da seguinte maneira: a maioria, 50% são casados, 20% declararam como relacionamento de união estável, 10% são solteiros, 10% divorciados e 10% separados não judicialmente. A forma como denominaram o seu estado civil foi transcrito e considerado literalmente. Quanto à escolaridade, todos os entrevistados possuem graduação em nível superior, quatro realizaram alguma pós-graduação (um com especialização, dois com mestrado e um doutorando).

Quanto à situação sócio-econômica do grupo, consideramos com poder aquisitivo médio-alto, pelo número de filhos (de 1 a 3), que estudam em escola particular, o exercício em profissões como por exemplo: coordenação de curso ou de projetos, consultoria, engenharia, professores do ensino médio e superior, e com certa experiência em funções de liderança no trabalho. Trabalham em média de 32 a 80 horas semanais, três pais não moram com os filhos atualmente, em razão de serem do primeiro casamento, ou no caso do divórcio,

porque os filhos foram morar com a mãe. Além disso, tivemos um pai solteiro e outro separado, morando com seus (suas) filhos (as), (Apêndice C).

Os pais entrevistados são nascidos nas décadas de 60 e 70, anos de contestação, marcados por profundas inquietações culturais e sociais em redor do mundo. Podemos, entre outras, citar o aparecimento dos Beatles, a Guerra do Vietnã, as rebeliões estudantis em Paris, o movimento hippie e o feminismo, a invenção da pílula anticoncepcional e a liberação da mulher. Neste mesmo período histórico, o Brasil era governado pela ditadura militar que perseguiu, exilou e deu causa à morte de tantos outros opositores ao regime.

Os entrevistados tornaram-se pais, nas décadas de 1980 e 1990, quando os ventos da abertura do regime militar e da democracia já sopravam no país, com o retorno de intelectuais e artistas exilados, eleições diretas, com as conquistas sociais já aflorando, com novas concepções de ensino, concepções pedagógicas construtivistas, massificação do computador com a criação da rede mundial de computadores, internet, influenciando profundamente as relações familiares, sociais, escolares e de trabalho, com evidentes reflexos nos papéis do homem e da mulher.

4.4.2 Análise das entrevistas

O exercício da paternidade no cotidiano da vida escolar dos filhos é o ponto central dos objetivos desta pesquisa, ou seja, como o pai atual estabelece a relação cotidiana com as experiências escolares dos (as) filhos (as). Nesse sentido, as respostas dos pais identificam vivências específicas da relação paterna. Cada vez mais foi possível identificar formas variadas de organizações familiares, no entanto, a constituição hegemônica da família nuclear ainda é a referência nas representações sociais de alguns dos pais entrevistados.

A exposição que segue apresenta um olhar possível, mas não o único sobre a relação paterna e a vida escolar dos (as) filhos (as). Outros olhares poderão conduzir a construção de outras análises. As entrevistas foram transcritas (Apêndice D), e a análise será apresentada

seguindo as categorias construídas “*a posteriori*”, agrupando respostas que representam indícios das relações de paternidade nesse contexto contemporâneo:

- a) interação pai e filho (a) e o cotidiano escolar;
- b) escola e pai;
- c) a relação pai-filhos (as) – mãe;
- d) na relação com o passado – o pai do pai;
- e) o pai representado, a falta do pai;
- f) aprende a ser pai sendo.

a) Interação pai e filho (a) e o cotidiano escolar

Para entender esta categoria, foram analisadas as respostas que demonstravam o dia-a-dia dos pais nas atribuições e atividades com os (as) filhos (as), incluindo questões sobre: levar e trazer os (as) filhos (as) à escola, e as relações e interações nesse percurso; a participação no modo de estudar dos filhos, ajuda nas tarefas domiciliares e a valoração atribuída pelos pais às atividades escolares.

A interação dos pais, de modo geral, ocorre por meio de conversas no ir e vir da escola. Nelas, são abordadas questões sobre o que o (a) filho (a) fez na escola assim como acompanha, supervisiona, ajuda, cobra e orienta em tarefas ou atividades em casa.

- Pouco, sempre que possível levo na escola, às vezes busco, normalmente olho as atividades que vem da escola. (...) Todo dia pergunto o que fez, peço para que ela me ensine a dançar, igual ela dançou na aula de balé da escola. (Enio, professor consultor, pai de I. 3 anos, M. 18 anos, J.25 anos)

- Acompanho normalmente nos finais de semana procuro ver as atividades ver os caderninhos, mas já posso adiantar que eu não vejo tanto quanto eu gostaria, eu acho que tenho pouco contato. Mesmo que não seja esse acompanhamento mais formal eu gosto, mesmo quando a gente tá brincando, de ficar perguntando o que viu, o que fez, o que não fez. Como eu dificilmente a noite converso com eles, o horário que eu consigo conversar com eles é de manhã eu entro um pouco mais tarde na empresa como eles

acordam bem cedo é a hora que normalmente a gente consegue conversar mais. (Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)

- Faço um acompanhamento à distância devido a minha ausência física, mas nós temos uma prática aqui em casa que é todo final de semana, a gente faz um apanhado do que aconteceu na semana. (Antonio, coordenador de curso, pai de J.15 anos e M.12 anos)

- Converso com os dois. Sobre comportamento em sala de aula, sobre tarefas, cobrando, ajudando, faço isso todos os dias. Eu gosto de fazer isso. (Silvio, professor, pai de M. 15 anos e M. 10 anos)

- Alguns professores ele elogia, outros eles não gostam muito, às vezes gostam do professor não gostam do jeito que ele dá aula, aí vem esses comentários, às vezes comentamos de algumas atividades que ele fez, que o professor corrigiu de um jeito e ele achou que estava errado, a gente conversa sobre isso no caminho pra escola, na volta pra casa. (Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)

De maneira geral, os pais se avaliam como insuficientes na sua atuação, respondem logo de início que acompanham pouco e o justificam pela falta de tempo devido a trabalho, ou pela separação ou divórcio, que repercute num distanciamento físico, e como decorrência disso, a mãe passa a ser a principal informante sobre a escola. No entanto, as respostas apontam para um acompanhamento próximo, dentro do possível de tempo, desempenham uma relação de preocupação e cuidado. Talvez a avaliação mais rígida se dê por uma representação social do papel ideal de estar sempre presente em todas as atividades escolares.

- Acompanhamento, na verdade tento acompanhar diariamente, mais por conta da T. morar com a mãe acaba sendo um processo um pouco de dificuldade. No entanto o meu acompanhamento da seguinte forma, por conta dela estar comigo pelo menos umas três vezes durante a semana, então ela traz as lições da escola traz todo o material, a gente senta, conversa, eu oriento na medida do possível, tento entender o projeto pedagógico dos cursos que ela frequenta, e na medida do possível vou acompanhando os processos de avaliação, na verdade a vida escolar dela eu vejo dessa forma, e nessas três vezes em média que ela está comigo durante a semana, eu levo ou vou buscar e às vezes é as duas coisas, e fora isso como ela faz piano eu também levo e vou buscar nessas vezes, (...) mesmo quando não é possível essa minha participação eu mantenho um contato direto com a coordenadora e com a própria diretora da escola no sentido desse acompanhamento. (Gustavo, coordenador de curso, pai de T.10 anos e P.03 anos)

- Olha é difícil até pela situação do meu trabalho, trabalho em São Paulo durante todo o dia saio às 5 da manhã e volto às 19 h então é difícil, não tenho esse acompanhamento, não, mas a gente tenta se informar desse dia-

a-dia, e sendo separado ainda é um pouco mais difícil ainda, né, é claro que não tendo esse contato mãe e pai, as notícias vem a conta-gotas. Mas mesmo assim recebo assim alguns inputs, olha a criança fez isso fez aquilo e tal, mas, mais como a meta em casos especiais. (Sandro, engenheiro, pai de D. 07 anos, D. 07 anos, C. 14 anos)

Gustavo e Sandro são pais separados, e vivem de forma diferente a limitação para o acompanhamento escolar de seus filhos (as), devido a não convivência diária. Ambos atribuem o pouco acompanhamento à distância causada pelo divórcio e à não proximidade com a mãe, pois esta é que detém a guarda deles. Todavia, é possível estabelecer que esta não seja uma regra, como no caso de Gustavo, que demonstra ser bastante atuante, até mais do que alguns pais que moram com os filhos, pois consegue estar com a filha, levá-la à escola, acompanhar as lições de casa, três vezes por semana, não sendo, então, o fato de não residir na mesma casa, fator determinante para uma maior ou menor presença. Diferente é a situação de Sandro que, pelas circunstâncias da vida atual, é duplamente prejudicado no aspecto do acompanhamento, pois, além da distância da separação, trabalhar em outra cidade, saindo às 5 horas da manhã e retornando somente à noite.

Outro indício de comportamento característico das novas relações familiares, está nas respostas de Marcos e Gabriel, que detém a guarda dos filhos, (moram apenas com o pai), estes têm o convívio facilitado pela circunstância de estarem em companhia dos filhos. Todavia, facilidade e proximidade física não são regras determinantes para o acompanhamento. Marcos, mesmo tendo os filhos presentes, estudando na escola em que trabalha, queixa-se de não acompanhar no sentido de fazerem juntos a tarefa, atribui isso à falta de tempo. Emblemática também, foi o alheamento de um pai que, com relacionamento reconstituído, não soube informar a escola e nem a série de uma das filhas do primeiro casamento, e respondeu toda a entrevista baseado somente na filha com a qual convive.

- Meus filhos estudaram o tempo todo na escola em que eu trabalho, né, então não há um acompanhar assim de sentar e fazer junto a tarefa, até porque o tempo não colabora, (...) mas já posso adiantar que eu não vejo tanto quanto eu gostaria, eu acho que tenho pouco contato. Mesmo que não seja esse acompanhamento mais formal eu gosto, mesmo quando a gente tá brincando, de ficar perguntando o que viu o que fez, o que não fez (...)
(Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)

- *Acompanho, na realidade eu acompanho mais a noite e se acaba monitorando se ela está tendo algum erro básico ou não, a gente acaba dando algum apoio. (Gabriel, comprador, pai de G. 10 anos)*

As respostas dadas pelos entrevistados, num primeiro momento, estabelecem uma comparação com o modelo feminino e avaliam como pouco. Quando começam a descrever a maneira de acompanhar têm uma descrição qualitativa boa. Demonstram também uma adequação de acordo com a faixa etária do (a) filho (a), atuam diferentemente, no caso de crianças menores com mais proximidade. E ainda, quando pontuam seu desenvolvimento, observam ou solicitam que mostrem o caderno, ajudando fazer a lição, e no caso de adolescentes ou crianças mais velhas se reconhecem como supervisores. Em geral, demonstram relações de qualidade, de incentivo e parceria.

- *Todo dia pergunto o que fez, peço para que ela me ensine a dançar, igual ela dançou na aula de balé da escola. Observo o português dela, como ela está falando, estímulo a autonomia, a coordenação motora dela. Observo que hoje ela já está conseguindo fazer desenhos melhores. Sempre aprovo o que ela faz. Mostro a natureza para ela, explico cada animalzinho que vemos juntos. (Enio, professor e consultor, pai de J. 25 anos, M. 18 anos e I. 03 anos)*

- *(...) então... então não há um acompanhar assim de sentar e fazer junto a tarefa, (...) mas acompanho vendo as provas, acompanho quando tem prova se vai estudar, se não vai estudar, é mais na figura de um supervisor do que de alguém que acompanha vamos sentar pra fazer as tarefas, às vezes sim, às vezes quando há dúvidas, quando há problemas, tem vários motivos pra se fazer essas coisas, então acompanho,(...). (Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)*

- *Sim. Parcialmente. Através da verificação de resultados, ajudando fazer lição, levando para a escola.(...) (Pablo, professor e administrador, pai de T. 23 anos, C. 22 anos e L. 07 anos)*

No decorrer das entrevistas, confirma-se que há um acompanhamento operacional mais próximo, demonstram atenção e cultivam uma relação de parcerias com os (as) filhos (as) e, nessas interações, os valores sobre a importância da escola, dentre outros, estão sendo transmitidos.

- *Por exemplo quando a D. foi para a diretoria, porque brigou lá, aprontou alguma coisa lá e a gente conversou com ela, pra mostrar pra ela que isso não é legal. Inclusive as crianças vêem isso como um status ah, fui para a diretoria duas vezes, três vezes, e até se vangloriam disso mas a gente mostrou pra ela que isso não é uma coisa boa que a gente tem que fazer é ter uma vida limpa, para nunca precisar ir para a diretoria, então esse foi um fato que já aconteceu.(...).* **(Felipe, coordenador de projetos, pai de F. 10 anos e D. 08 anos)**

- (...) *Teve um fato, em sala de aula, onde a professora virou e falou para eles que como punição, eles teriam que fazer uma lição de casa. Não é fácil... fato que nós discutimos bastante, para tentar reverter esse quadro desde quando estudar é punição, estudar é prazer, não obrigação, nem punição.* **(Antonio, coordenador de curso, pai de J.15 anos e M.12 anos)**

Os depoimentos revelam a presença do pai na transmissão de valores relativos à escola, bem como a preocupação com as situações punitivas, ainda frequentes no meio escolar.

A proximidade demonstrada e o empenho com que buscam a participação na vida escolar dos filhos favorecem a construção de vínculos propícios, para que subjetivamente sejam transmitidas posições, crenças, princípios éticos, enfim, modos de ser e de atuar no mundo. Este é um dos caminhos onde se legitima a importância da energia masculina na formação do (a) filho (a), que busca esse pulsar na sintonia da masculinidade paterna ou onde esta possa ser consolidada, uma vez que ele já o fez com as frequências femininas, por ocasião da gestação. Independentemente da forma de como cada pai atue, seja de acordo com sua disponibilidade real ou imaginária, ele está favorecendo a sintonização de suas vibrações com as do seu filho (a), porque “tanto as células masculinas como as femininas encerram uma música maravilhosa, mas o filho precisa vibrar na frequência masculina tão bem quanto na feminina.” (BLY, 2005)

O trabalho ainda permanece como um fator decisivo para a priorização dos cuidados e da sobrevivência da família. Nos dias atuais, diferentemente dos anos 1940 a 1960, a mulher compõe junto com o homem a renda familiar. A contradição reside no fato de que, apesar de falarem em igualdade, parece ser aceita por ambos a condição de que o trabalho feminino deve ser aquele que possibilite a convivência da mulher com o filho (a), ainda que em tempo parcial.

Em qualquer circunstância, as políticas nacional e de corporação não apóiam nem o casamento nem os pais com filhos. A política das corporações coloca em primeiro lugar a corporação, em segundo lugar a família. O trabalho não precisa apoiar a família, mas espera-se que a família apóie as exigências do trabalho e do trabalhador.” (CARTER e MC GOLDRICK, 1995, p. 209)

Mas, na verdade, ambos pai e mãe, estão submetidos a essa condição como possibilidade de sobrevivência e convivência familiar. Os pais entrevistados, apesar de demonstrarem certo ressentimento ou lamento em relação a isso, ainda assumem a posição de que compete à mulher o cuidado com os (as) filhos (as) ou de que devem as mães assumir trabalhos que as possibilitem estar mais disponíveis aos seus filhos (as). Isso parece ser a resignação de pais e mães contemporâneos, a inserção do indivíduo no mercado de trabalho e a corporação estão em primeiro lugar em relação à família.

- *“Com tantos afazeres profissionais, trabalho em Sorocaba, mas viajo bastante, tenho um acordo com a esposa que ela trabalhe meio período para poder se dedicar mais a essas atividades”.* (Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)

- *Às vezes, geralmente é a esposa que faz isso, só quando ela não pode.* (Felipe, coordenador de projetos/tecnólogo, pai de F. 10 anos e D. 08 anos)

- (...) então depois da separação ficou definido que a mãe até pela situação dela ficaria responsável pedagógica, pela T. na escola, e eu responsável financeiro, no entanto por conta de alguns percalços de saúde, a mãe, tem momentos que não consegue dar o acompanhamento necessário então eu acabo participando indiretamente das reuniões pedagógicas na escola, no entanto mesmo quando não é possível essa minha participação eu mantenho um contato direto com a coordenadora e com a própria diretora da escola no sentido desse acompanhamento. (Gustavo, coordenador de curso, pai de T.10 anos e P.03 anos)

b) Escola e pai

A escola e o pai nem sempre dialogam, suas relações podem ocorrer formalmente em reuniões pré-agendadas pela coordenação, ou informalmente no dia-a-dia com conversas com a professora. Quanto às reuniões de pais, pré-agendadas, os entrevistados respondem que não

há uma adaptação dos horários pela escola, voltam a relatar sua realidade de trabalho com horários incompatíveis com os estabelecidos. Se, por um lado, a escola reclama da não participação do pai, este reclama da não disponibilidade de horários para agendamento de reuniões escolares.

- *“Não nunca participei porque não bate os horários, a mãe é a representante oficial dos pais. Não converso com ela sobre a reunião.*

(Pablo, professor e administrador, pai de T. 23 anos, C. 22 anos e L. 07 anos)

- *(...) têm mania de marcar reuniões em horários que é difícil pra gente. marcam reunião às 6 da tarde, às 6 da tarde eu não consigo estar em reunião, mas gosto de participar acho importante.(...)* **(Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos e C. 14 anos)**

Althuon (2005) traz, entre outras técnicas para a realização de reuniões de pais, a proposta de caracterização do grupo de pais a fim de que a escola atenda à necessidade da família e lide com as diferentes realidades que ora se apresentam, reafirmando a necessidade de um olhar mais cuidadoso da escola em relação à participação dos pais.

- *..) Não tem reuniões na escola dela. Mas normalmente não seria possível eu ir, não teria horário para ir.* **(Enio, professor e consultor, pai de J. 25 anos, M. 18 anos e I. 03 anos)**

- *(...) tem as reuniões regulares de pais, mas ela manda um bilhetinho para os pais que ela deseja falar, então os outros pais que quiserem ir podem ir, eu vejo num outro caso, por exemplo, quando eu estava casado a mãe ia, porque normalmente no momento da reunião eu estava trabalhando não dava pra eu ir,(...)* **(Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)**

- *Mas as reuniões normalmente acontecem durante a semana em horários, ou no início ou no fim, então é sempre a mãe e eu procuro conversar com a mãe sobre as reuniões.* **(Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)**

Ao que se constata, pais e escola não conseguiram estabelecer uma forma de diálogo que fosse produtiva no sentido de atender aos interesses e expectativas de ambos, seja no sentido dos horários em que deveriam realizar-se as reuniões com os pais, seja também no

sentido de atender às necessidades do aluno. Percebe-se, assim, um diálogo truncado entre pai e escola com o aluno (a), fazendo o papel de mediador das discussões e informações.

Segundo Paro (2000, p.68), “parece haver, por um lado, uma incapacidade de compreensão por parte dos pais, daquilo que é transmitido na escola; por outro lado, uma falta de habilidade dos professores para promoverem essa comunicação.”

- (...) e a gente tenta estimular, ah eu não gosto de Português, mas Português é importante, coisas desse tipo. Outro dia foi engraçado peguei o C. para fazer uma sabatina nele, perguntei coisas de Historia do Brasil, e fiquei impressionado como essa molecada não sabe nada, impressionado, para ele e o R. (o sobrinho), juntei os dois e comecei a fazer perguntas: Quem foi Dom Pedro ? D. Pedro?, não sei quem foi Dom Pedro, não sei...sabe essas coisas.....O que é em 7 de setembro? não sei ... Mas enfim, a molecada tá... mas eu principalmente com o C. que eu tenho essa facilidade porque já é quase um adulto praticamente é fácil de ter essa conversa. (Sandro, engenheiro, pai de D. 07 anos, D. 07 anos e C. 14 anos)

Os diálogos entre o pai e a escola, normalmente, são precedidos pelo diálogo dos pais com os (as) filhos (as), eles é que são os mensageiros (as), que trazem ao pai uma radiografia da escola, dando a ele noções de como se estabelecem as relações dentro da escola entre professor-aluno, entre professor-professor, entre ele mesmo e seus colegas.

- Na verdade a T. tem uma visão bem otimista da escola, embora consiga pontuar bem algumas questões as dificuldades do professor de passar bem um conteúdo, consegue pontuar a dificuldade do professor na questão da empatia com os alunos e consegue entender um pouco das limitações do projeto pedagógico da escola, por conta de eu conhecer mais a fundo o projeto pedagógico aqui da organização onde eu trabalho, sempre foi uma vontade minha trazer a T. para estudar aqui no colégio, mas por conta do colégio que ela estuda ser ao lado da casa dela e a mãe ter dificuldade de trazer, na verdade sempre se chega a um impasse, e mesmo porque ela está lá desde o maternal eu acabo deixando isso e ela acaba ficando lá mesmo no colégio, (...) (Gustavo, coordenador de curso, pai de T.10 anos e P.03 anos)

A abordagem do pai Gustavo revela a dificuldade das condições da separação, das cidades grandes e o reflexo disso na escolha da escola para o filho. Nem sempre é possível ter

tudo, mas a partir do diálogo, do conhecimento do outro, no caso a escola, é possível preparar-se para enfrentar essas adversidades, sobretudo, se considerarmos que não existe projeto pedagógico ou escola perfeita e o fato de ir para a escola sonhada, desejada, não significa, necessariamente, a solução de todos os problemas.

- Este ano em especial eles se transferiram de uma escola pra essa, e a gente conversou bastante nos dois primeiros meses, porque sentiram bastante, principalmente o mais velho sentiu bastante a falta dos amigos, ficou bastante claro pra gente que ele não estava desgostoso com a escola, com a professora, ou com os amigos novos, mas a lacuna dos amigos que ficaram incomodou ele por pelo menos dois ou três meses. O mais novo se adaptou mais rápido talvez mesmo pela idade, mas também gerou certo desconforto para ele, mas fora isso foi tranquilo. (Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)

Na resposta de Bruno, as condições geradas pela transferência de escola, provocou sentimentos, afetos rompidos, instabilidades que refletem negativamente no rendimento da criança. Assim, a questão do diálogo ganha relevância, ao considerar que, a partir do momento em que a criança, ao falar da escola, de suas dificuldades de adaptação, perdas, compartilha com o pai o problema, evoca, neste, a figura do companheiro e ouvidor, próximo, confiável.

- (...) Da professora realmente não percebo neles uma observação muito crítica, nenhuma situação, gostam mas parece mesmo para o mais velho, a figura da professora por ele estudar desde os dois anos, acho que ele tem a professora ainda uma visão de alguém que esta ali cuidando dele, do que alguém que já tem a responsabilidade de passar algum conteúdo, que ali tem um professor, então essa diferença ele sentiu. (Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)

- Na verdade tenho até dificuldade de responder essa questão porque sempre quando a gente esta junto esses assuntos escolares não ficam restritos aquilo que é escola, aquilo que é educação, isso faz parte do nosso diálogo diário, então o tempo todo eu estou tendo esse feedback dela em relação a educação.

(Gustavo, coordenador de curso, pai de T.10 anos e P.03 anos)

Embora escola e família sejam instituições autônomas, isto é, com funcionamentos próprios, guardam relações de interdependência, considerando que uma conta com a outra na educação de uma pessoa em comum. Como toda relação, esta também estabelece para os pais

alguns conflitos, o primeiro se dá no sentido que delegam à escola a responsabilidade, mas nem sempre concordam com as ações educativas e acabam não encontrando espaços de proximidade.

- Para a gente que é pai é muito importante que a professora seja muito espontânea e muito cuidadosa com a criança, porque nem sempre hoje os pais no dia a dia têm tempo de estar junto, não que não queira, mas é que pela correria do dia a dia acaba passando direto e a professora tem que ser um apoio pra estar chamando os pais para conversar dando os feedbacks de como está a criança numa eventual dificuldade o que pode estar fazendo em casa, porque, hoje as coisas evoluem muito rápido e se você não tem esse feedback você pode estar deixando a criança ultrapassada, ou pra trás, e pode ser que não seja culpa da própria criança em si, mas sim alguma dificuldade que ela tem e que a professora não soube expor para os pais.
(Gabriel, comprador, pai de G. 10 anos)

Outro conflito é estabelecido desde o momento em que a criança é retirada do seio da família e enviada à escola, surgem sentimentos de ciúmes, dor da separação, insegurança em relação às novas relações afetivas que vão se estabelecer na vida dessa criança e a vontade de poupar o (a) filho (a) da “dor”. O medo desse desconhecido exige confiança e diálogo constante com a escola. (PERRENOUD, 2000)

A partir dos depoimentos colhidos, percebe-se o desencontro entre escola e pais, o que acaba sendo um fator de distanciamento entre família e escola, esta, ao propor reuniões e demais atividades que envolvem pais no horário em que a maioria não pode participar em razão do trabalho, alija também a mãe, mulher que, como já vimos, em sua maioria no mundo moderno tem o seu trabalho, suas ocupações, sua carreira e a casa para cuidar. Assim, pensando nas afirmativas de CARTER e MC GOLDRICK (1995), não é somente a corporação quem põe o emprego em primeiro lugar, mas ironicamente a escola também.

Podemos inferir ainda que, embora todos os discursos, políticos, sociais, apontam para a importância da escola na construção de um país, de um cidadão, quando esta marca uma reunião ou atividade que exige participação dos pais, não existe amparo legal para a dispensa destes do trabalho, fica a cargo da boa vontade do empregador, ou seja, é importante, desde que não atrapalhe o trabalho capital. Assim, estar na escola para reuniões ou conversas com coordenação ou diretor ainda é realizado quando possível pelas mães, ou responsável, com

horário disponível, mas a culpa pela falta de participação, numa visão simplista da escola, acaba sendo apenas dos pais.

(...) a composição de novos repertórios ainda transita entre o que consideramos “tradicional” e ”novo”. Todavia vale a pena ressaltar a importância e a necessidade de introduzirmos, aos poucos, outros repertórios no âmbito das relações de gênero e sexualidade de modo a tornar possível a produção de novos sentidos, novas versões para os fenômenos a nossa volta. (MEDRADO,1998, p.148)

Este parece ser um desafio que se apresenta à escola, ampliar as possibilidades de atuação e envolvimento do pai-homem na escola, transpondo as barreiras tradicionais impostas pelas relações de gênero, ainda bastante arraigadas, que ditam que às questões escolares competem às mães.

- Eu procuro participar de todas, geralmente eu vou sozinho mesmo porque a mãe ela foi pra longe e mora há 400 km de Sorocaba, e não demonstra interesse em estar participando (...) **(Gabriel, comprador, pai de G. 10 anos)**

Exceção presente entre os entrevistados é Gabriel, pai solteiro, que tem a guarda da filha, e vai a todas as reuniões, sinais dos tempos contemporâneos.

c) A relação pai – filhos (as) – mãe

A partir das perguntas que abordaram como os pais avaliam sua relação com os (as) filhos (as), pode-se observar que estes pais, diferentemente da pouca ou quase nenhuma afetividade que receberam de seus pais, são pais interessados, que buscam o diálogo e acreditam nas perspectivas de investir na educação dos filhos.

- Acho minha relação muito boa com ela. Me interessa por ela e procuro colocar limites quando necessário.(...) **(Enio, professor e consultor, pai de J. 25 anos, M. 18 anos e I. 03 anos)**

-Olha, são boas e de autoridade quando tem que ser autoridade, de educação quando tem que ser dada a educação, de amizade, de brincadeira, a gente tenta equilibrar as coisas. (...) **(Felipe, coordenador de projetos/tecnólogo, pai de F. 10 anos e D. 08 anos)**

- Com os dois? Temos uma relação boa, tanto que na separação eles acabaram ficando comigo, num monte é lógico...ninguém sentou e você, quem que ficar com quem, as condições estavam postas naquele momento, e a gente sempre teve uma relação muito boa, antes da separação, depois da separação, né.(...) **(Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)**

Com relação aos pais separados, observou-se que, apesar da distância e da separação causadas pelo divórcio, estes mantiveram o papel de autoridade e demonstraram impor limites e separar situações de amizade e brincadeira mesmo distante por causa do divórcio, sendo avaliada como boa.

- Minha relação, vou ter que separar. A minha relação com os pequenos é um pouco distante, sempre pelo mesmo motivo, sempre foi distante, mesmo durante o casamento porque a maior parte das vezes eu chegava em casa e eles já estavam dormindo. (...) *Com a separação eu me aproximei muito do mais velho, muito, e ele de mim, mas muito, (...) a aproximação foi muito grande muito grande mesmo.(...)* **(Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos, C. 14 anos)**

- O fato de eu ficar mais distante gera para eles uma chateação, percebo que gostariam que a gente tivesse mais tempo, essas férias tem sido corridas por conta das atividades de coordenação e eles de certa forma tinham a expectativa de pelo menos nas férias eu estar mais em casa o que acabou não acontecendo e a gente percebe que eles sentem essa falta. Já que isso é uma falha, eu procuro nos finais de semana me dedicar ao máximo para eles, não marcar nada, procurar evitar ao máximo ter qualquer tipo de compromisso pra poder ta saindo, ta passeando, ta conversando, mas como eu disse de manhã acabo fazendo um pouquinho o que as famílias fazem durante a noite. **(Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)**

Em relação à mãe, as respostas reproduzem o padrão estereotipado do papel feminino de cuidadora já outros trazem as opiniões típicas de relações desconstituídas.

Apesar do esforço social e legal para mudar, ainda nos deparamos com as construções instituídas de que os homens, mais do que as mulheres, pertencem ao mundo do trabalho público e de que as mulheres, mais do que os homens, pertencem ao trabalho no lar com a tarefa de educar as crianças. (CARTER e MCGOLDRICK, 1995)

A forma como o pai vê a mãe pode ser dividida de diferentes maneiras, seguindo o critério do estabelecimento do vínculo, assim, as mães foram tidas como: a boazinha, mas também a que não tem autoridade, infantilizada, a superprotetora e também num dos casos específicos como irresponsável.

- *A mamãe é a boazinha e carinhosa e o papai quem dá bronca. (Pablo, professor e administrador, pai de T. 23 anos, C. 22 anos e L. 07 anos)*

- *Minha esposa nesse sentido é bastante carinhosa e presente, isso já é uma característica que ela sempre teve, mas também pelo fato de ter perdido a mãe cedo, de uma certa forma acaba pesando, mas há uma relação de dependência muito grande entre os três, dela de acompanhar o que eles fazem e deles de terem a mãe sempre perto. Então se é que se pode fazer um acordo nesse sentido, mas o fato de eu trabalhar mais de dois períodos, a gente chegou a conclusão que ela teria que se sacrificar um pouco mais e acompanhar mais proximamente, levar na natação...Então é uma participação muito maior do que é a de um pai. (Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)*

- *A relação deles com a mãe sempre foi muito boa, super protetora, sempre foi muito boa, não deve ter mudado com a separação. Mãe durona, mas ali, galinha com os pintinhos sempre embaixo da asa, é uma característica dela.(...) (Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos e C. 14 anos)*

- *Fico bastante em casa e acabo sendo mais exigente do que a mãe seria por exemplo, exijo organização dos pertences, da casa, dos materiais da escola... mas fazer isto me desgasta porque acho que esse é o papel da mãe. (...) Acredito que ela tem o papel de conciliadora, o pai é mais duro, mais objetivo, ela conversa mais com a filha, faz o papel de proximidade, do feminino.” (Silvio, professor, pai de M. 15 anos e M. 10 anos)*

Silvio revela-se um pai mais exigente, justamente pelo fato de estar mais tempo em casa. Desta forma, a presença do pai é determinante nos afazeres escolares dos filhos. Embora seja uma exceção, ainda demonstra estar preso às representações do papel masculino, ao afirmar que este é o papel da mulher.

Courneau (1991, p. 38), afirma ser absolutamente necessário aos homens afagar seus filhos, para abrir as portas da sensibilidade e da necessidade que o homem tem de ser tocado.

É absolutamente necessário que os homens comecem a afagar seus filhos, em particular os meninos; assim abrirão para eles a porta da sensibilidade e, ao fazê-lo, descobrirão também sua própria sensibilidade. Isso significa que a sensualidade não será mais proibida aos homens, e que as mulheres não mais serão isoladas; os homens também têm um corpo, e as pessoas têm necessidade de serem tocadas para manter seu equilíbrio e saber que existem.

Nesse sentido observa-se que essa atitude de envolvimento e proximidade está em franco processo de mudança, pois, alguns pais já se reconhecem mais próximos embora outros ainda tragam resquícios de uma paternidade calcada no distanciamento. Este movimento é bastante positivo, pois leva a todos os envolvidos a caminharem no sentido do atendimento dessa necessidade.

d) Na relação com o passado – o pai do pai

Os depoimentos revelam, na trajetória de vida dos entrevistados, uma origem simples, famílias pobres, pais operários semi-alfabetizados, com pouca instrução, perdas afetivas na separação dos pais com crianças criadas por tios e de mães que criaram filhos sozinhas depois da perda do pai. Essas trajetórias de vida apresentam um aspecto interessante, o da valorização do ensino e da escola como perspectiva de ascensão social e realização profissional, na medida em que todos os entrevistados têm formação de nível superior. Para esses pais entrevistados, pelas suas histórias de vida, está posta a valorização do ensino como perspectiva de vida para seus filhos.

- Não fui criado pelos meus pais a partir dos dois anos, quando eles se separaram, éramos dois irmãos cada um ficou com um filho. O meu pai que ficou comigo me deu para minha tia (sua irmã) para me criar. (Enio, professor e consultor, pai de J. 25 anos, M. 18 anos e I. 03 anos)

- Meus pais eram semi-analfabetos não podia dar nenhum suporte para eu estudar, eu vi nisso um diferencial: preciso saber mais que todo mundo. (Pablo, professor e administrador, pai de T. 23 anos, C. 22 anos e L. 07 anos)

O que alguns dos entrevistados relatam é que tiveram acompanhamento da mãe mesmo que ambos, pai e mãe, tivessem baixa escolaridade, mas havia aqueles que não contavam com ajuda alguma e, quando tiveram algum tipo de ajuda, ela foi restrita ao início da escolarização, tornando-se independentes no transcorrer da escolaridade.

- *Eu sou filho de pais operários, e o meu pai fez quando muito até a 4ª série, e o valor que ele atribuía a educação também não era muito grande. Minha mãe estudou um pouco mais, então ela dava um valor maior à educação e era a pessoa que sentava com a gente pra ajudar a fazer as tarefas, pra verificar caderno,(...) (Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)*

- *Meus pais sempre se preocuparam muito com o estudo, mas não tinham estudo então essa participação que eu já consigo fazer mesmo em idades menores deles, meus pais já tinham muita dificuldade, na verdade meu pai estudou até a 4ª série e minha mãe até a 2ª série então eles só sabiam praticamente ler e escrever. Principalmente quando envolve história, ciências eram assuntos dificilmente abordados. (Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M .04 anos)*

- *Meus pais tinham pouca instrução portanto não interferiam na minha vida escolar, estudei em escola pública uma grande parte da minha vida. É ... totalmente assim, desconexo, era levado, não tinha muito fundamento, até que repeti três vezes a 6ª série, até o momento de que eu cai na consciência de que realmente era importante, mas muito mais por mim, sem a interferência nem da escola, nem da família. Depois de ter repetido três vezes por não dar bola, por estar muito mais envolvido com outras coisas do que com a escola daí mudei minha vida. (Antonio, coordenador de curso, pai de J.15 anos e M.12 anos)*

- *Meu pai, porque minha mãe trabalhava desde cedo, o meu pai por ser aposentado ele que cuidava da gente em casa e ele dava a maior atenção do mundo pra gente, só que como eu disse chegou uma hora que ele não conseguia mais acompanhar o nível escolar que a gente tinha, mas sempre ele deu total apoio,(Pausa) se desdobrava para poder comprar o material escolar, o uniforme, a gente era bem pobre, mas nunca faltou nada pra gente. (Felipe, coordenador de projetos/ tecnólogo, pai de F. 10 anos e D. 08 anos)*

Felipe viveu um caso de inversão do que comumente se tinha em relação aos papéis de homem e mulher. O pai, por ter se aposentado precocemente, passou a cuidar da casa, “dando a maior atenção do mundo” aos filhos.

Sobre as relações familiares enquanto momento de convivência, relacionada aos pais, mesmo sem escolaridade, oportunizaram momentos familiares que garantiram, de certa forma, uma segurança emocional. E, com isso, à escola coube o desenvolvimento cognitivo, do conhecimento, da informação, que a ela compete. As respostas fazem-nos refletir sobre uma crença atual, de que a família precisa acompanhar, academicamente, os filhos para que eles aprendam melhor, quando, na realidade, temos como relato a história de pessoas que, mesmo

sem este acompanhamento, aprenderam e chegaram ao nível superior. Assim, o que se constata é que são igualmente importantes para o aprendizado, dentre outros fatores, a família, o (a) aluno (a) e a escola, isto é, o grupo social e como cada um realiza a interação com outras pessoas no processo de aprender. (VYGOTSKY, 1984)

Os pais entrevistados valorizam a educação, a partir de suas próprias histórias de vida, homens oriundos de famílias humildes que, de um modo geral, conseguiram se firmar na vida através da realização profissional. Em que pese as dificuldades e a distância da figura paterna que tiveram ou não, hoje educam seus filhos nos valores que têm como referência.

Quando questionados sobre o próprio pai, a maioria dos entrevistados coloca o pai como um modelo para diferenciar-se, avaliam e repensam seus papéis, mas apresentam relações difíceis de serem esquecidas, mostrando a importância das relações familiares e, em específico, do pai ou da ausência dele na suas vidas.

- Meus filhos nunca tiveram os problemas que eu tive. Durante minha infância e juventude não tive pai. Os meus filhos sempre tiveram a minha presença na vida deles.(...) minha vida sempre foi feita de exceções. Não tive pai que me desse base educacional, então, pensei em fazer totalmente o oposto. (Pablo, professor e administrador, pai de T. 23 anos, C. 22 anos e L. 07 anos)

Pablo, embora não tivesse a presença do pai na infância e na juventude, fez questão de fazer-se presente na vida de seus filhos. Assim, apesar de não ter tido essa referência ele pode construí-la no exercício da paternidade.

- (...) essa referência família foi muito importante pra eu me constituir enquanto pai, porque eu acho que é isso você vai aprendendo com os erros até porque você rejeita um pouco o modelo pai, o modelo mãe, que você teve pra constituir um novo modelo, ou pra constituir uma nova caminhada, então acho que esse laço familiar que eu sempre tive, foi importante pra eu me constituir enquanto pai. Foi diferente por exemplo, da minha mulher, minha ex-mulher, que ela foi abandonada na maternidade, foi adotada depois ainda criança, né mas tinha uma relação muito difícil com a mãe o pai sempre muito distante então talvez isso explique o fato de eles estarem comigo hoje, e não com ela, porque a minha referência família é diferente da referência dela. Então, acho que isso foi o que me constituiu muito mais como pai, do que modelos que o meu ou minha mãe possam ter me dado. (Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)

- A diferença básica está na abertura, até mesmo nas questões de sexualidade, andamos pelados pela casa, isto jamais acontecia na casa dos meus pais. Rompi essa dificuldade de poder falar o que estamos sentindo. Em geral, procuro ficar com as coisas boas que ele deixou. Me lembro que ele deixava de fazer muitas coisas e de passear para segurar, para acumular, ele acumulava demais, não saía de casa, isto fez muita falta para nós, não tínhamos envolvimento social, fomos muito privados, isto eu me esforcei para fazer diferente. **(Silvio, professor, pai de M. 15 anos e M. 10 anos)**

- (...) (Pausa) sempre foi de uma forma muito fechada, não lembro de uma conversa pai e filho, mãe e filho, uma conversa que marcou assim não lembro, existia o carinho, claro que havia o amor mas existir essa troca como hoje que a gente aprende a ver, hoje com outra estrutura de educação, você acaba entendendo mais essa importância, mas eu não tive isso. E isso me levou e foi um grande... (Pausa), esse não aprendizado foi um grande precursor de eu ter exatamente essa distância dos meus filhos. Eu fui acostumado desse jeito, e é gozado que a gente sabe que tá errado mas não consegue assim facilmente quebrar essa corrente. É estranho porque a gente sabe: - Puxa vida, eu preciso conversar mais, eu preciso sair mais, eu preciso... e poxa..não acontece, parece que a gente tá meio amarrado, parece carro que está com o motor meio emperrado, não anda... **(Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos, C. 14 anos)**

Marcos, que mora com os filhos, rejeita em parte o modelo paterno e materno, refere-se a uma nova caminhada para constituir-se enquanto pai. Da mesma forma, Silvio e Sandro procuraram caminhos diferentes no exercício da paternidade.

O pai do pai, ganhou proximidade com a velhice, com o envelhecimento, reformulam-se valores, comportamentos, as pessoas fazem uma revisão de vida que pode levar a mudanças de atitude, a rede de apoio emocional concentra-se nas relações familiares e estas ganham outras intensidades emocionais, mais próximas e afetivas. (NOGUEIRA, 2001)

- No final da vida dele, eu tinha 23 anos, e aí ficamos mais próximos, eu já era casado e pai. Então passou a me ligar mais, quando estava doente ligava mais não conseguia falar sobre o que queria falar...eu percebia isso. É diferente do que tento fazer hoje com os meus filhos. **(Silvio, professor, pai de M. 15 anos e M. 10 anos)**

- Com o meu pai se repetiu no final dele o que aconteceu também com o meu avô, era eu que fazia a barba do meu avô, era eu que cortava as unhas do meu avô, fui que cuidei do meu avô quando a perna dele começou a gangrenar, então esses aspectos sempre foi um aspecto meu com relação a essas figuras mais paternas. **(Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)**

- *Então quando eu me tornei pai, durou muito pouco essa relação com meu pai, e acho que esse é o momento que fez falta, você ser pai e agora eu vou falar com meu pai de pai para pai e não de pai para filho, então isso não tive, (Pausa) (...)* **(Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos, C. 14 anos)**

A partir da vivência com o pai, apontam para o desejo de transformação das referências que tiveram como filhos com o intuito de reformulação desse modelo na relação com seus filhos, e não apenas de reproduzi-lo. O que também possibilita melhorar a relação do filho com seu próprio pai. Esse desejo de transformação do homem-pai, também foi descrito por Badinter (1993). A identificação só foi possível, quando mais tarde, na idade adulta, o pai pôde perceber atuações de maior proximidade do pai-avô com seus filhos, ou quando se permite tarefas mais ligadas ao âmbito doméstico, justamente atividades que eram tidas como específicas do universo feminino, como por exemplo, cozinhar, contar histórias. Em geral, não se identificam com eles, e relatam que, na maioria das vezes, não contaram com modelos positivos de identificação do seu pai.

- *No início do meu primeiro casamento, percebo que me identifiquei com ele,...) também fui bem rígido. Hoje vejo que me identifico com ele quando já estava próximo de morrer, quando ele brincava com as crianças, contava muitas histórias, gostava de cozinhar. Mas eu já era crescido, e ele tinha uns 60 anos e foi assim até os 72 anos quando ele morreu. Me identifiquei muito no início da minha vida como pai, hoje já amenizei bastante.(...).* *Vejo um crescimento em mim, em relação aos filhos, até mesmo por causa da educação que eu tive. Ampliei minha sensibilidade. (...) Aprendi a ser pai com minhas filhas, (...) o modelo que eu tive, não é o que eu aplico, a forma rígida tenho uns 10%, o restante aprendi com elas.* **(Enio, professor e consultor, pai de J. 25 anos, M. 18 anos e I. 03 anos)**

- (...) *Ele foi excelente pai. Ressaltar o negativo só me fez melhorar como pai.* **(Silvio, professor, pai de M. 15 anos e M. 10 anos)**

- *Eu acho que é uma tendência meio da gente...da nossa geração que foi mais reprimida, eu fui muito reprimido, (...) então a gente tenta não repetir certas coisas que não gostou, então nesse aspecto meus filhos têm comigo uma relação muito mais é... mais amiga do que a que eu tive com o meu pai na época que eles tinham a mesma idade ou que eu tinha a idade deles,então acho que nesse aspecto eu busquei fazer diferente, (...) mas acho que em termos de relação sinto que eles tem comigo talvez..., talvez não, com certeza, uma relação muito mais próxima com a minha figura do que a que eu tive com meu pai na infância, na adolescência.* **(Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)**

As verbalizações mostram como os pais têm consciência das mudanças que ocorreram nessas relações paternas e de que elas são possíveis. O modelo do pai, distante e autoritário, está servindo como referência do que querem e podem abolir dos relacionamentos com seus filhos (as) hoje. A pouca participação de seus pais, a rigidez autoritária, o distanciamento sem poder dizer o que sentiam, servem de parâmetros, e demonstraram ter clareza de que se propõem a ter uma atuação que atenda à essa necessidade de mudança nas relações com seus (suas) filhos (as) nos tempos atuais. Dessa forma, a possibilidade de estabelecer vínculos mais profundos entre o homem-pai e seus (suas) filhos (as) está sendo muito maior e a solidão de ambos pode ser amenizada.

- (...) mesmo tendo como espelho a questão da perseverança eu não consegui pegar do meu pai esse modelo de pai, eu não o tenho como modelo, realmente eu não me espelhei nele.(...) Não tenho uma pessoa que eu diria que eu me espelhei, foi uma coisa construída ao longo da minha vida,(...) **(Gustavo, coordenador de curso, pai de T.10 anos e P.03 anos)**

É interessante notar que o pai tido como a principal figura identificatória para os relacionamentos posteriores com seus (suas) filhos (as) e, que já foi amplamente discutido na teoria psicanalítica, são reforçados nas colocações dos entrevistados. Isto fica evidente, quando relatam suas experiências como filhos e de como o modelo de pai foi por eles introjetado, isto é, todos o tomam como referência, no entanto, a maioria para não reproduzir o pai que tiveram, mas sim para diferenciarem-se dele; apenas dois, dentre os entrevistados, relataram ter aprendido a serem pai com seu próprio pai. Um deles, ainda que tivesse se referido a uma certa identificação com seu pai, não o faz totalmente e atribui essa aprendizagem ao instinto.

- Ah... com o meu pai, não só com relação a escola, (...) mas pra tudo, de certa forma sempre que existe uma situação onde eu sou inquirido por eles sempre me vem a mente alguma passagem que eu tive com ele. Algumas vezes com meu avô paterno a gente morava junto, então também ele faz parte das lembranças e das experiências, mas com certeza muito mais ele... o meu pai. **(Bruno, consultor em TI, pai de L.07 anos e M. 04 anos)**

- (Pausa) (...) então, um pouco com meu pai, é... tios que me deram assim algum fundamento pra ser pai, mas basicamente, acho que é meio instintivo, o ser pai vem de dentro da pessoa, e é influenciado fortemente pela sua

personalidade. Então, acho que ninguém ensina ninguém a ser pai.”
(Felipe, coordenador de projetos/tecnólogo, pai de F. 10 anos e D. 08 anos)

É indiscutível que o processo de identificação nos primórdios da vida toma a mãe como referência, mas o pai precisa estar presente para que represente o *outro* nessa relação, e possa ser tomado como princípio de realidade e de ordem familiar. No entanto, sabe-se que não é exatamente o pai o verdadeiro fator de separação desse vínculo simbiótico, entre a mãe e o bebê, mas o desejo de ambos de estarem como um casal. Assim, o homem-pai ou um substituto masculino precisa estar lá para que a estrutura interna dessa criança possa ser construída. (CORNEAU, 1991)

Observa-se que, hoje, o pai é capaz de manifestar o que acredita ser inaceitável na relação paterna, especialmente, a falta de resposta do pai à necessidade de proximidade e reconhecimento alguns a viveram até como negligência na medida em que reafirmam o desejo de estarem próximos aos filhos e participarem da sua vida. Mas, para nenhum dos entrevistados, a condição de seus próprios pais de não terem participado e nem se envolvido com sua vida escolar foi motivo de serem colocados como “pais faltosos”,

- Na verdade tem muita diferença porque meus pais sempre com pouco estudo, a família toda sempre com muito pouco estudo, na verdade enveredando sempre para a parte do comércio sem muito entendimento das questões educacionais, embora eu sempre devo contemplar o aspecto de que eles sempre fizeram questão do estudo, embora não entendessem, não pudessem colaborar, então vejo que isso é muito diferente hoje, (...) buscando tá perto, numa dinâmica muito grande, coisa que a gente não tinha quando era criança. (...) ele desenhava muito bem as letras góticas, então quando tinha um trabalho na escola eu pedia para ele fazer o título do trabalho para eu mostrar e então era essa a colaboração. Uma outra colaboração que eu ressalto muito, foi quando eu tive que prestar vestibular e eu não tinha carta de motorista, tinha 17 anos, e na época não tinha vestibular unificado, eu tinha que fazer um em cada cidade e eu lembro que ele me levava com muito gosto, sempre atuou bastante nesse sentido (...).(Gustavo, coordenador de curso, pai de T. 10 anos e P. 03 anos)

-Eram totalmente ausentes. Tanto é que, se eu falava que eu passei, oh legal, se eu falava que reprovei, ai que pena, se eu falasse ah vou fazer faculdade em tal lugar, oh legal, larguei a faculdade, pô bacana, então era assim completamente...eles não tinham...sabiam que era importante, o caminho deles pra mim é simples você tem que estudar, me apoiavam financeiramente, toda a parte emocional, mas na parte decisória do que eu vou fazer com a minha vida, (Pausa) a opinião era completamente nula, mas

era mais pelo fato de não conhecerem, não era por falta de vontade não. (Antonio, coordenador de curso, pai de J.15 anos e M.12 anos)

- (...) era uma outra imagem de família que você tinha, uma outra imagem de sociedade que você tinha, então, a figura paterna era mesmo uma figura mais distante. (...) O pai era aquele que tinha que dar bronca, que tinha que dar o castigo e a mãe era aquela que colocava panos quentes. Essa era aquela família tradicional antiga, então não me incomodava, mesmo que ele não estivesse presente nas atividades escolares. (Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)

É importante lembrar que todos os entrevistados possuem no mínimo escolaridade superior e são filhos de pais com baixa escolaridade. Vemos, portanto, que essa foi uma geração em que tomou o ensino superior como possibilidade de mobilidade econômica e ascensão social.

A sociedade pós-industrial era o cenário da época em que os pais entrevistados viveram sua escolarização. Seus pais foram contemporâneos de uma época de transições de um país agrário para um país industrial, o processo de industrialização provocou êxodo rural com as migrações, proporcionando o crescimento das grandes cidades. O desenvolvimento industrial colocou, na ordem do dia dessas famílias, exigências de ocupações qualificadas e, em especial, de ocupações oriundas do ensino superior, tornando o conhecimento e as titulações dele decorrentes, molas propulsoras de desenvolvimento pessoal e social.

A cooperação restrita à escolaridade que os pais tinham na época, não foi impeditivo para que seus filhos (os pais entrevistados) atingissem à estrutura profissional e referem-se a isso de uma forma um tanto quanto condescendente.

Portanto, o contexto em que os pais entrevistados estão criando seus filhos é absolutamente diferente por razões óbvias daquele em que eles viveram.

Ainda assim, sentem-se culpados por acreditarem que precisariam dispor de mais tempo com seus filhos ou por não atenderem às exigências de sua escolaridade.

Desta maneira, entende-se que são inúmeros os fatores que atestam as mudanças nas relações pais/filhos (as) e escola. O desejo de participação mais efetiva, acompanhada pela consciência de que sofrem limitações decorrentes da organização do trabalho no espaço

público, da capacidade de reformular e reparar o vínculo paterno legitima esse processo de transformação da paternidade.

e) O pai representado, a falta do pai

- Meu pai faleceu quando eu tinha um ano de idade, não me lembro de nada. (...) Figura masculina em geral tive meu padrinho de batismo, aquela figura de 2º pai, que por incrível que pareça ela só é bastante evidente até os 14, 15 anos, depois que você atinge uma certa mocidade ou é encarado como adulto isso cai bastante, mas nesta idade escolar nessa fase entre aspas de criança aí, existe bastante essa figura e ela é importante pena que depois acaba cada um vai para o seu lado, acaba aquele negocio de dia do aniversário venha passar as férias comigo, venha isso venha aquilo, tudo isso acaba, eu sinto muita falta disso hoje.” (Gabriel, comprador, pai de G. 10 anos)

- Nos últimos anos antes dele falecer, e especificamente minha família sempre foi bem complicada, né. (...) Então quando eu me tornei pai, durou muito pouco essa relação com meu pai, e acho que esse é o momento que fez falta, você ser pai e agora eu vou falar com meu pai de pai para pai e não de pai para filho, então isso não tive, (Pausa) (...) (Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos, C. 14 anos)

O relato de Gabriel é bastante ilustrativo da importância da figura do pai que, embora não tenha lembrança de seu pai biológico, refere-se ao padrinho de batismo como alguém que guardou como uma figura de “segundo pai”, mas que, ao atingir a adolescência, ela também foi se distanciando.

Sandro acredita que essa figura de pai é passível de ser desmistificada; ao se tornar adulto, percebe que pode buscar essa proximidade ao tornar-se pai, mas, infelizmente, não consegue realizar o intento, pois, logo após o nascimento de seu primeiro filho seu pai falece.

Na medida em que se torna pai, essa ausência é transformada em desejo de proximidade dos (as) seus (as) filhos (as) e o olhar crítico sobre o comportamento do pai e de como vivenciou a paternidade favoreceu a esses homens que formulassem outras formas de conceber a paternidade.

- *Meus filhos nunca tiveram os problemas que eu tive. Durante minha infância e juventude não tive pai. (...) Meu pai foi totalmente distante e ausente, (...)* **(Pablo, professor e administrador, pai de T. 23 anos, C. 22 anos e L. 07 anos)**

- *Por ele ser policial e ter essa postura mais rígida, mais autoritária encobria esse pai mais próximo que ele poderia ser. Depois que adoeceu acho que ele quis se aproximar, mas não conseguia, quando se aposentou e ficou mais em casa, percebia que ele queria conversar, mas não tinha coragem de se aproximar.* **(Silvio, professor, pai de M. 15 anos e M. 10 anos)**

Essas colocações trazem também latente a condição patriarcal vividas por esses homens, são expressões bastante evidentes do resultado de dinâmicas familiares organizadas, segundo um estereótipo do papel de gênero, fruto da organização social vigente naquele momento.

A ausência e o distanciamento são elementos resgatados para explicar o autoritarismo e a rigidez que delineiam esse tipo de masculinidade e paternidade.

f) Aprende a ser pai sendo

A paternidade, exercida por homens ou mulheres, é a mais difícil tarefa que os seres humanos têm para executar. Pois, pessoas, diferentemente dos outros animais, não nascem sabendo como serem pais. Muitos lutam do princípio ao fim. (CARTER e MC GOLDRICK, 1995)

Aos entrevistados, foi perguntado como ou com quem aprendeu a ser pai, o que causou reações diversas, como: surpresa, dúvidas, introspecção, embaraço, mas, fez pensar.

- *(Pausa) Difícil ... Eu acredito assim que não exista um livro que ensine a gente a ser pai, (...)* **(Marcos, professor, pai de B.19 anos e T. 13 anos)**

- *Ah... isso não é com quem, com quem é impossível. Não existe escola pra pai. (...) acho que ninguém aprende a ser pai, você é pai e tem que se virar, (...) puxa eu fui um bom pai, pra depois lá na frente o meu filho estar na*

frente de uma pessoa fazendo um trabalho de mestrado e tentar falar a mesma coisa, é isso aí... (Sandro, engenheiro, pai de D. 07 anos, D. 07 anos e C. 14 anos)

- (Pausa) Puxa vida... como que eu nunca tinha pensado nisso...(Pausa) com quem eu aprendi e como ??(...) Não tenho uma pessoa que eu diria que eu me espelhei, foi uma coisa construída ao longo da minha vida (...).(Gustavo, coordenador de curso, pai de T.10 anos e P.03 anos)

- (Risos)... No manual da vida...(risos), não foi, ... todo o meu processo de casamento e de ter filhos foi muito distante da minha família, muito distante. (...)(Antonio, coordenador de curso, pai de J.15 anos e M.12 anos)

-Aprendi a ser pai com minhas filhas, desde que estavam na barriga da mãe, aprendi a ter paciência a cantar, a falar com elas... o modelo que eu tive, não é o que eu aplico,(...) Leio bastante sobre educação de filhos, (...) fui construindo um arcabouço que me fez entender muitas coisas. (Enio, professor e consultor, pai de J. 25 anos, M. 18 anos e I. 03 anos)

Aprende-se a ser pai, entregando-se à relação da paternidade, sem modelos, manuais ou imposições homogêneas, aprendendo com a vida, se envolvendo com os filhos.

Claudine Haroche (2004) fala das mutações nas interações familiares causadas pela flexibilidade e fluidez dos sistemas econômicos contemporâneos os quais se impõem às relações. Ao se referir ao instantâneo, fala da função da família burguesa em fabricar um certo tipo de personalidade de caráter autoritário e atribui as modificações conhecidas pelo indivíduo contemporâneo à própria evolução das famílias que, diferentemente da família burguesa, constrói um tipo de personalidade adaptada à flexibilidade. Também, afirma que os pais se abstêm de inculcar em seus filhos preceitos e normas inúteis em um mundo em constante transformação e conclui que a fluidez das relações estabelecidas socialmente impõe a flexibilidade na educação como uma necessidade dada à necessidade de adaptação do indivíduo a um mundo de constantes mudanças.

Como já vimos ao longo do presente trabalho, com o declínio do macho representado pelo fim de uma organização social patriarcalista que chega ao fim, a nostalgia dos ritos iniciáticos foi-se perdendo pelo caminho, o pai moderno tanto quanto ou mais que seus ancestrais, na eterna busca da sobrevivência, tornou-se cada vez mais ausente. Entretanto, a presença paterna, melhor dizendo, a ausência dela, denota a falta dessa referência que representa sua própria identidade (a falta do espelho?). Assim, há um vazio, o vazio deixado pelo pai, que de todo modo esse filho procura inconscientemente preencher, e isso se dá por

meio de mecanismos de compensação, seja na busca de uma carreira importante aos olhos desse pai, ou na troca inconsciente, o encontro de pais substitutos. Mas devemos admitir que esse vazio, na verdade, é a eterna busca, o profundo desejo do reconhecimento pelo pai.

Cabe-nos a reflexão no sentido de pensar sobre essas expectativas, esse desejo é insaciável, porque o homem-pai busca o reconhecimento de um pai perfeito, que teria todas as qualidades que deseja, que esse pai reunisse as qualidades imagináveis, artísticas, esportivas, intelectuais, físicas, fosse um humanista, bom ouvinte, amigo, companheiro, enfim perfeito. Convém refletir que essas qualidades são impossíveis em qualquer ser humano, uma vez que esse homem não existe. Existe apenas no imaginário do seu desejo. Ainda hoje nas tribos indígenas do Brasil as iniciações são feitas não apenas “pelo pai”, mas pelos pais da tribo, isso nos dá uma dimensão de coletividade, da reunião dos atributos de vários indivíduos, vários modelos masculinos, como referência masculina, de força e coragem do jovem iniciado.

Talvez seja mesmo necessário ao homem adulto admitir o enterro de seus ideais, nessa ruptura da passagem de filho para pai, de menino para homem, e assim cicatrizar suas feridas, elaborar seu luto e preencher esse vazio que traz dentro de si, transformando-o numa busca, ou melhor, numa luta que consiste em procurar ser o pai que o seu pai não foi, é a eterna luta pelo preenchimento do vazio, até que venha seu filho, que por sua vez verá um pai incompleto, ausente no sentido de suas expectativas e da perfeição esperadas. (CORNEAU, 1991)

Os homens que têm um pai ideal na cabeça precisam construir toda uma sala para o lado deformado, secreto, destrutivo, vulgar e sombrio do pai, mesmo que ele tenha sido um herói para os outros. (BLY, 2005, p.108)

A difícil tarefa de perdoar esse pai chegará sorrateiramente, na medida em que esse homem trilhar o caminho da maturidade e a figura do pai acabar esmaecida pelo tempo e apagada pelo silêncio que cala todas as gerações, da mesma forma que o passado devora o presente segundo a segundo. (CORNEAU, 1991)

Só o tempo e a experiência dirão a esse homem-pai que as fraquezas do seu pai foram, na verdade, tudo o que ele pôde alcançar, tendo em vista os tempos difíceis e de muito sacrifício decorrentes do contexto sócio-econômico e cultural em que viveu. Super-homens

existem apenas na alegoria do cinema e dos desenhos animados. É mister que o homem-pai passe pelo processo de desconstrução da imagem do pai ideal, a fim de que possa ressignificar o seu papel de homem-pai a partir do atual contexto sócio-econômico e cultural.

5. CONSIDERAÇÕES

“Quase morri pelas lágrimas que deixei de chorar”, ele pensou.(...)

O cavaleiro gritou de alegria. Nunca mais vestiria a armadura e sairia cavalgando em todas as direções. Nunca mais as pessoas veriam o brilhante reflexo de aço e pensariam que o sol estava nascendo no norte ou se pondo no leste. (...)

*Pois, de fato, o cavaleiro **era** o riacho. Ele **era** a lua. Ele **era** o sol. Ele podia ser todas essas coisas de uma vez agora, muito mais, porque ele era um com o universo.*

*Ele era **amor***

“O cavaleiro preso na armadura”

Robert Fischer

É importante afirmar que as considerações aqui delineadas não têm a intencionalidade de fechamento estanque ou estático de conclusões e/ou teorias. A subjetividade de cada indivíduo, as possibilidades de transformações que vivem no enfrentamento das experiências cotidianas, assim como em função de contextos específicos, o momento da coleta das informações, as projeções que cada um atribui a si mesmos e as representações da paternidade, como vivenciaram sua própria escolaridade e de como compartilham a escolaridade dos (as) filhos (as) denotam a complexidade e a impossibilidade de uma análise rígida, estanque e conclusiva.

O contato objetivo com o homem-pai, durante as entrevistas, possibilitou a construção do corpus de pesquisa e confirmou o problema proposto: entender melhor a relação da paternidade contemporânea na vida escolar dos (as) filhos (as).

Tentar entender, traduzir, compartilhar o impacto observado quando os entrevistados se depararam com as lembranças, reflexões, sentimentos, surpresas que os tocavam e, num processo bastante fruído, revelavam a cada palavra, gesto, olhar fugidio a face frágil, delicada e encantadora da paternidade, aproximou a relação pesquisador (feminino) e pesquisado (masculino).

Uma consideração advinda da constatação acima - a superação do estereótipo do gênero masculino autoritário, distante e frio - foi a expressão de sentimentos à medida que as entrevistas aconteciam. Pôde-se observar que falar do papel de pai acionava, em diversos momentos, o papel de filhos dos homens entrevistados.

Assim, tornou-se necessário um certo esforço da pesquisadora para manter o foco na perspectiva da vida escolar dos filhos e o papel de pai, em especial no momento em que as perguntas remetiam às lembranças de suas vidas escolares e do papel de seus próprios pais.

Constatou-se a distância entre o que o homem pensa de si e o que ele sente. Ele julga e é julgado por uma corte interna impiedosa, que o torna, muitas vezes, distante de si mesmo.

Isso porque, durante o relato, foi comum em todos os entrevistados a prerrogativa da negativa quando a pergunta foi: “Você acompanha seu filho na vida escolar dele?” No entanto, percebeu-se o oposto e dessa forma, abre-se um campo importante de pesquisa futura sobre a dificuldade do homem-pai contemporâneo desconstruir o papel ideal de pai.

Os novos papéis que agora desempenha poderão levá-lo ao encontro de si mesmo como homem, buscando proximidade como pai e como filho se se partir do pressuposto que o objetivo, o ideal de uma vida é estar mais próximo de si mesmo como ser humano.

Saber disso é reconfortante, os afetos são possíveis e não podem estar restritos aos padrões únicos, às ideologias hegemônicas, nem às crenças científicas universais, ele é do ser humano.

Os pais demonstram o desejo de estarem mais próximos e presentes na vida dos filhos assim como acompanhar seu crescimento, ter mais proximidade emocional com eles. Apesar desta regularidade, vivem um momento em que buscam alternativas que respondam a essa demanda. Vivem a relação com o (a) filho (a), segundo as possibilidades que as exigências do trabalho lhes impõem, da forma como estabelecem a relação conjugal, entre outras circunstâncias.

Em outras palavras, espaços são concedidos ou precisam ser conquistados na relação com a mãe e com o filho, quando juntos ou após a separação, ou quando buscam formas de viver em família sem a presença dessa relação. Vivências essas decorrentes da emergência das diferentes composições familiares e das formas atuais de ser e viver.

Os entrevistados fornecem indícios das várias possibilidades de exercício da paternidade, fugindo a um padrão dominante, observado em épocas anteriores, rompem

barreiras culturais e sociais para uma relação próxima, afetiva, com seus (as) filhos (as) e desejam se aproximar da instituição escola e compartilhar com ela a educação de seus filhos, numa outra perspectiva, diferente de sua vivência como filhos.

A antiga missão da escola de ser a transmissora do legado cultural tornou-se insuficiente frente às exigências atuais, especialmente diante da diversidade e da profusão de informações a que crianças, adolescentes e jovens estão submetidos, o que os torna estrangeiros em sua própria terra, e os faz conviver com ambivalências, com a relatividade de valores.

A escola precisa aprender a incorporar a diversidade, o múltiplo no seu cotidiano, o efêmero, característico da contemporaneidade, em que tudo está desmanchado e tudo é líquido, tempos estes extremamente complexos que carregam resquícios de todos os tempos anteriores e que, certamente, irão influenciar outros. É evidente que quando saímos de um único padrão seguro, isso provoca crises, incertezas e medos, mas o ambiente escolar na sua concepção mais idealista é transformador e ser transformador é estar em movimento.

É necessário que a escola acompanhe as mudanças de seu tempo, e torne-se um organismo vivo, pulsante, que assimile as transformações sociais e inovações tecnológicas, e que, além disso, vibre na sintonia dos anseios das relações naquilo que tenha de mais humano, que implica correr riscos, saber ouvir, saber falar, possibilitar perspectivas diferentes, mesmo que ainda em construção, sem esquecer que o importante nas relações escolares é o fator humano, emocional, que envolve sentimentos, atitudes de cuidado, envolvimento e responsabilidade sobre o outro.

Ao ouvir os pais, a escola também pode se refazer, aproximar-se, dialogar, ainda são os caminhos de aprendizagem exercido pelo ser humano. Receber os pais na escola é um ganho para todos os envolvidos, pois o que este trabalho revela é que ele já se mostra capaz de trazer um olhar diferenciado, que não é mais somente nos momentos de crise, ou de quem exerce o papel único de disciplinador.

Os pais demonstram buscar uma situação de responsabilidade paterna, que implica em assistência e acompanhamento dos filhos, os papéis sociais, antes definidos pelo gênero masculino e feminino, estão sendo modificados. Os pais querem e atuam no sentido de terem

um papel mais atuante e interventivo. Homens e mulheres, que desejam ser pais, assumem o cuidado com os filhos (as), envolvem-se na vida escolar deles (as), acompanham as demandas decorrentes da escolaridade; tomam a escola como um valor que coopera no processo formativo de seus (suas) filhos (as).

A insatisfação dos pais entrevistados com as instituições escolares, que não reconhecem suas necessidades profissionais para acompanhar a vida escolar de seus (suas) filhos (as), desmonta os discursos escolares sobre a ausência deles, e poderia ser referencial para a escola, ao organizar seus calendários de festas, eventos, e reuniões em horários compatíveis com a participação dos pais.

A escola, não buscando mecanismos de aproximação com os pais, faz a manutenção onipotente da formação de crianças e adolescentes, muitas vezes, entrando em confronto com as ações educativas dos pais. Os questionamentos atuais que se impõem a essas duas instituições (escola e família) acabam por deixar lacunas que não estão sendo supridas, a socialização e o cuidado das crianças e adolescentes são determinadas pelas necessidades físicas, psicológicas e pelas normas sociais e culturais, e isto compete a todos.

As principais dificuldades apontadas pelos pais entrevistados: a crença de que o trabalho os distancia dos filhos (as), de que o tempo que dispõem é insuficiente, a forma como se estabelece a relação mãe e filho (as), a forma como a escola institui e organiza seu cotidiano, são alguns dos fatores apontados e impeditivos para essa aproximação mais efetiva. Esses conflitos podem oferecer uma oportunidade de crescimento para os pais, desde que estes continuem questionando o papel que lhe foi imposto, de provedor dentre outros, e entrem em contato com as feridas do passado, abrindo possibilidades para a renovação de si mesmos e das instâncias que participam: escola e família.

Ressalta-se, então, a importância de se oferecer um espaço de escuta aos pais e necessidade de se propor um projeto que possibilite o encontro, a fim de viabilizar a escuta e a troca entre as pessoas que interagem com as crianças, adolescentes, cidadãos em formação. Em outros termos, o objetivo é o de acolher naquilo em que a desconstrução da identidade masculina possa trazer.

A partir de elementos que vêm constituindo suas vivências atuais, em relação ao gênero, às expectativas e idealizações como homem-pai, diante da insubordinação que ora se apresenta e dos critérios claros de que, o que é feminino é relativo ao cuidar, e do masculino ligado à força, e ao poder, fica premente a necessidade de espaços e possibilidades para que expressem seus sentimentos e adquiram conhecimentos para responder exigências próprias e não aquelas que lhes são impostas e que os colocam numa armadura.

No âmbito da análise dos resultados, poderiam ser criados projetos de pesquisa e /ou estudos com o objetivo de aprofundar as investigações sobre a proximidade pai/escola, uma vez que foi, no contato desses pais com essa instituição, que estes sentiram um desajuste entre o protagonismo que pretendem assumir na relação e participação na vida escolar dos filhos e o que lhes é proporcionado pelos interlocutores dessas instituições.

Sem dúvida, esta análise, se aprofundada, pode até articular-se com ações de sensibilização junto aos profissionais da educação de modo que facilite também a busca de uma relação de equilíbrio entre a participação de pais e mães.

O que a contemporaneidade nos mostra é que a diversidade pode e deve ser bem vinda, pois ela favorece o crescimento, o surgimento de possibilidades, a criação de outros esquemas relacionais que estão muito mais em sintonia com a pluralidade que a condição humana legítima.

As possíveis contribuições e caminhos que a pesquisa sobre a experiência paterna e as relações na vida escolar dos (as) filhos (as) podem suscitar, ficam delineadas na fala do pai Sandro:

- Eu acho do caramba ser pai, eu sempre quis ser pai. Eu até brincava vou ser pai solteiro, vou arrumar uma mãe pra um filho meu. Isso é uma falação boba, porque não é uma brincadeirainha, mas é gostoso ser pai... difícil (Pausa) é bem difícil...(Pausa) muito difícil, mas é gostoso. E pra mim nesse momento da minha vida está sendo muito importante ser pai, super importante, porque eu quebrei algumas amarras importantes, eu cortei alguns laços que me atrapalhavam ser pai, eu hoje sou mais pai do que eu era (...) porque hoje eu posso ser pai do meu jeito, e não baseado num

modelo que alguém queria que eu fosse.(...), você tem que ser um pai desse jeito mas você não pode ser este pai desse jeito, é isso que me incomoda, porque que eu não posso errar? e ser pai é errar. (Sandro, engenheiro, pai de D.07 anos, D. 07 anos, C. 14 anos)

REFERÊNCIAS

ALTHUON, B. G.; ESSLE, C. H.; STOEBER I. S. **Reunião de Pais: sofrimento ou prazer?** 7ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo nº113, Julho, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000200002&script=sci_arttext&tlng=es. Acesso em 10 ago. 2008.

AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 2001.

AZENHA, C. A. C. **Lia: do nome ao verbo ou desejo e leitura**. 2006. 177f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BACHA, A. **Avaliação da implantação do programa de assistência integral à saúde da mulher no Estado de São Paulo no período de 1987- 1990**. 1997. 323f. Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

BADINTER, E. **XY – Sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUMAN, Z. **O mal –estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2004.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 3. ed. Lisboa, Portugal: Edições 70. 2004.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. vol. I e II. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BION, W. R. **Os elementos da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

_____. **Atenção e interpretação: uma aproximação científica à compreensão interna na psicanálise e nos grupos**. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLY, R. **João de Ferro: um livro sobre homens**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOLSONI-SILVA, A. T. **Habilidades sociais educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães pré-escolares**, 2003, 188 f., Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

BORGES, F. C. **A mulher do pai: essa estranha posição dentro das novas famílias**. São Paulo: Summus, 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade Lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOWLBY, J. **Apego (Apego e perda)**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M.; AYLNER, R. C. **As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CEBOTAREV, E.A.N. Família, Socialización y nueva Paternidad. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais, niñez y juventud**, Manizales, Universidad de Manizales, v.1, n.2, p. 53-78, Julio-diciembre de 2003.

CHAPLIN, C. Filme : **Tempos Modernos**, 1940.

COTRIM, G. **História e Consciência do Mundo**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1997.

COURNEAU, G. **Pai ausente, filho carente: O que aconteceu com os homens?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** São Paulo: Editora 34, 1997.

DURANT, W. **A história da filosofia.** São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

DOLTO, F. **No jogo do desejo: ensaios clínicos.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

DOR, J. **O pai e sua função em psicanálise.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 1991.

ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado.** 3.ed. Lisboa, Portugal: Editorial Presença, 1976.

ESPER, E.M.B. **Relações de gênero e o trabalho profissional realizado por homens e mulheres no espaço doméstico: reflexos na instrumentalidade e expressividade, na saúde e na qualidade de vida.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

ÊXODO. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

FIORIN J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto: leitura e redação** 16.ed. São Paulo: Ática, 2003.

FORBES, J. ; Apresentação de Gilles Lipovetsky e introdução aos debates. In: FERRAZ JUNIOR, T. S.; FORBES, J.; REALE JUNIOR, M.; **A invenção do futuro: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade.** 1. ed. Barueri, São Paulo: Manole, 2005.

FREUD, S. Totem e Tabu e Outros Trabalhos.(1913) In:_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1974.v. XIII, p.11-191.

_____. Moisés e monoteísmo: três ensaios.(1939). In:_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1975. v. XXIII, p. 11-161.

_____. A dissolução do complexo de Édipo.(1924). In:_____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora,1976.v.XIX, p. 215-224.

GÊNESIS.In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

GERARD, D. Introdução. In: MOSCOVICI, S.; **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

HABERMAS, J. (1974). Theory and Practice. London: Heinemann.- (1987). **Knowledge and Human Interests**. Cambridge: Polity Press. In: BAUER, M. W. e Gaskell, G. Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HAROCHE, C. Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno. **Revista Ágora** v.VII, jul-dez, 2004, p.221-234.

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola,1993.

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.

KAFKA, F.**Carta ao pai**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

KLEIN,M. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

_____. Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional do bebê. In: KLEIN, M. et al. **Os progressos da psicanálise**. 3. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

KUBLIKOWSKY,I. **A meia idade feminina em seus significados: o olhar da complexidade**. 2000. 254p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio : ensaio sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Editora Gallimard, 1983.

_____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LUCIANO, E. A. S. **Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno.** 2006.171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia e Educação - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

MARKY, T. **Curso elementar de direito romano.** 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

MARTINS, N. A. R. **Análise de um trabalho de orientação a famílias com queixa de dificuldade escolar.** 2001.127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MATEUS. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

MEDRADO, B. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. **Homens e masculinidades: outras palavras;** São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998, p. 145-161.

MENEGHETTI, A. D. **Relação familiar, violência urbana e experiência escolar na vida cotidiana de jovens adolescentes.** 2002.115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Pós Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2002.

MILES, R. **A história do mundo pela mulher.** LTC Ed. Ltda: Casa - Maria Editorial. Rio de Janeiro, 1989.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 5. ed. Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1998.

MORAES, M.L. A estrutura contemporânea da família. In: COMPARATO, M.C.;

MONTEIRO, D. (Org.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

MORGAN, L. A família Antiga. In: Massino Canevacci (org.), **Dialética da Família.** São Paulo: Brasiliense, 1984. p.56-70.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em psicologia social.** 4.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NOGUEIRA, E. J. **Rede de relações sociais: um estudo transversal entre homens e mulheres de três grupos etários.** 2001. 117 f. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

PARO, V. H. **Qualidade do ensino: a contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SÁ, C. P.; Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, M.J.; (org.) **O conhecimento no cotidiano.** São Paulo: Brasiliense, 1995, p.19-45.

SAMARA, E. M. **O que mudou na família brasileira.** Psicologia USP, v. 13, n.2, São Paulo, 2002. In: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso Acesso 27dez. 2008.

SCAVONE, L. A questão social no novo milênio. In: Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 8., 2004, Coimbra, Portugal, 2004, p.10. **Maternidade e Paternidade na era tecnológica,** Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, 2004, p.08.

SHAKESPEARE, W. **Julio Cesar (Original: Julius Caesar).** São Paulo: L&PM Editores; 1. ed., 2003.

SPINK, M.J.; (org.) et al. O estudo empírico das Representações Sociais. In: **O conhecimento no cotidiano.** São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 85-108.

TIBA, I. **Disciplina, limite na medida certa.** São Paulo, Ed. Gente, 1.ed., 1996.

_____. **Adolescentes: Quem ama educa!,** São Paulo, Integrare, 2005.

VIGOTSKI, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo, Martins Fontes, 1984.

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VINTON, E. C. **Como estabelecer limites - Definindo limites de comportamento para seus filhos – da infância à adolescência** 1. ed. São Paulo, M.Books do Brasil Editora Ltda, 2004.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa: Editorial Veja, 1979.

WICHER, C. T. **Docentes, direitos humanos e (in)disciplina no espaço escolar: perspectivas e limites**, 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Estado, Sociedade e Educação – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento do indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

_____, D.W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. São Paulo: LTC, 1982.

_____. Teoria do relacionamento paterno-infantil (1960). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 69-103.

_____. **Tudo começa em casa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

WOOLGER, J. B.; Woolger R. J. **A deusa interior**. São Paulo: Editora Cultrix, 1989.

ZAGURY, T. **Educar sem culpa**. São Paulo, Circulo do Livro, 1993.

_____. **O adolescente por ele mesmo**. 5. ed., Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996.

_____. **Limites sem trauma**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa – A Figura Paterna e as Relações na Vida Escolar -, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador (a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador (a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

NOME DA PESQUISA: A Figura Paterna e as Relações na Vida Escolar

PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: Eliete Jussara Nogueira

ENDEREÇO: _____

TELEFONE: _____

PESQUISADORES PARTICIPANTES: Walquiria Regina Ramires Miguel

PATROCINADOR: _____

OBJETIVOS: Entender melhor como a figura paterna se relaciona na vida escolar dos filhos

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: Caso concorde, sua participação será através de uma entrevista que poderá ser gravada ou não. A pesquisa é qualitativa, com entrevistas que serão analisadas a fim de ressaltar essa relação atual por vezes comparando com o passado.

RISCOS E DESCONFORTOS: a pesquisa não acarretará qualquer tipo de riscos ou prejuízos de qualquer espécie nem mesmo provocará: desconfortos, riscos morais e constrangimentos.

BENEFÍCIOS: Através desse estudo esperamos contribuir para a compreensão do processo de percepção dos pais na dinâmica que se estabelece na relação pai/filho/pai e a influência de sua participação na vida escolar do filho e como filho; de modo a auxiliá-los, aos familiares, e profissionais da área de Educação e Psicologia do Desenvolvimento.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: A participação é voluntária e sem remuneração assim como o (s) participantes não arcarão com nenhum gasto.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Toda identidade das pessoas entrevistadas e as citadas nas entrevistas será mantida em sigilo, caso necessite citar, os nomes serão trocados por fictícios. Somente serão divulgados os dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Entrevista número: _____ **Data:** ___/___/___ **Local:** _____

Eu Walquíria Regina Ramires Miguel, estou desenvolvendo uma pesquisa de campo, para minha dissertação, no programa de Mestrado em Educação da Uniso. Para tanto gostaria de pedir sua colaboração voluntária, em responder algumas questões sobre as relações entre pais e filhos no cotidiano escolar. A minha pesquisa tem como objetivo entender melhor como a figura paterna se relaciona na vida escolar dos filhos. A investigação é qualitativa, com entrevistas que serão analisadas a fim de ressaltar essa relação atual por vezes comparando com o passado. Toda identidade das pessoas entrevistadas e as citadas nas entrevistas será mantida em sigilo, caso necessite citar, os nomes serão trocados por fictícios.

Ressalto que a participação é voluntária, sem remuneração, e em qualquer momento da pesquisa caso queira interromper, não sofrerá algum tipo de prejuízo.

Por ser entrevistas, gostaria de pedir permissão para gravar. Sim () Não ()

Assinatura do entrevistado:

Pesquisadora: Walquiria Regina Ramires Miguel

Endereço: R: João Wagner Wey, nº 20 apto 12.

Telefone: 21048177 / 97851582

Assinatura:

DADOS PESSOAIS E FAMILIARES

Nome: (somente as iniciais) _____

Idade: _____ **Estado civil:** _____

Escolaridade: _____ **Profissão:** _____

Trabalho atual: _____ (verificar o tempo no dia/semana)

Tem filhos? _____ Quantos? (idade, gênero, e série escolar, e escola de cada um).

Mora com os filhos? _____

(verificar um pouco sobre a mãe: escolaridade, idade, profissão, trabalho).

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Você acompanha seu filho na vida escolar dele? Como?
 2. Você leva ou busca seu filho na escola?
 3. Quando tem reuniões de pais, você participa, se sim por quê? Se não por quê? Junto com a mãe? Você discute com o(s) filho(s) sobre a reunião?
 4. Você conversa sobre a escola? Como, quando?
 5. O que o seu filho diz sobre a professora, os colegas e a escola em geral?
 6. Cite uma situação escolar ou de conversa com seu filho que você acha interessante para mostrar essa vida escolar dele?
 7. Como você avalia sua relação com ele? E a relação dele com a mãe?
 8. Agora gostaria que você pensasse um pouco sobre o passado, e lembrasse da sua vida escolar, o que você pode contar dela?
 9. Como era?
 10. E o que você lembra dos seus pais em relação a sua vida escolar? Quem acompanhava mais, sua mãe ou seu pai?
 11. E como era para você essa relação?
 12. Com relação ao seu pai, em que você se identifica com ele, e qual a relação atual?
 13. Se pudesse avaliar, comparando as situações do passado e atual, como avalia a relação dos seus filhos com você e a sua com seu pai?
 14. Como ou com quem você aprendeu a ser pai?
 15. Gostaria de dizer mais alguma coisa?
- Se precisar retornar, posso procurá-lo, obrigada.

APÊNDICE C – Tabelas de dados pessoais dos entrevistados

Nº	PAI	IDADE	ESTADO CIVIL	PROFISSÃO	ESCOLARIDADE	HORAS TRABALHO SEMANAL
1	Enio	44	União estável concubinato	Professor e consultor	Pós-graduação	32
2	Pablo	44	Casado	Professor e administrador	Doutorando	40
3	Silvio	38	Casado	Professor	Especialização	40
4	Marcos	46	Separado não judicialmente	Professor	Mestrado	50
5	Sandro	42	Divorciado	Engenheiro	Superior completo	40
6	Gustavo	49	União estável	Coord. Curso	Superior completo	50
7	Bruno	42	Casado	Consultor em TI	Mestrado	56
8	Gabriel	35	Solteiro	Comprador	Superior completo	40
9	Felipe	42	Casado	Coord de projetos/Tecnólogo	Superior completo	42
10	Antonio	42	Casado	Coord. Curso	Superior completo	80

Nº	PAI	Mora com os filhos?	Nº FILHO	IDADE	SÉRIE	GÊNERO	ESCOLA
1	Enio	Sim	3	3	Maternal	Fem.	Particular
		Não		18	?	Fem.	Não sabe
		Não		25		Fem.	Não estuda
2	Pablo	Não	3	23	-	Masc.	Formado
		Não		22	pós-gr	Fem.	Pública
		Sim		7	2ª	Fem.	Particular
3	Silvio	Sim	2	15	1ºEM	Fem.	Particular
		Sim		10	4ª	Masc.	Particular
4	Marcos	Sim	2	19	1ºgrad	Fem.	Particular
		Sim		13	6ª	Masc.	Particular
5	Sandro	Não	3	7	2ª	Masc.	Particular
		Não		7	2ª	Masc.	Particular
		Não		14	8ª	Masc.	Particular
6	Gustavo	Não	2	10	5ª	Fem.	Particular
		Sim		3	-	Masc.	Não estuda
7	Bruno	Sim	2	7	Jardim	Masc.	Particular
		Sim		4	1ª	Masc.	Particular
8	Gabriel	Sim	1	10	4ª	Fem.	Sim
9	Felipe	Sim	2	10	4ª	Masc.	Sim
		Sim		8	2ª	Fem.	Sim
10	Antonio	Sim	2	15	8ª	Masc.	Sim
		Sim		12	6ª	Fem.	Sim

APÊNDICE D – Transcrição das entrevistas

1- Enio

44 anos - união estável (concubinato)

professor e consultor - Superior em administração de empresas - UNISO/FIB/FAESB

trabalha 32 h/semanais

Sim – 3 filhas: todas sexo feminino

1 – 3 anos Escola Pee Wee

2- 18 anos - não sabe o nome da escola onde estuda (2 e 3 são filhas do primeiro casamento)

3- 25 anos – não estuda (não é filha consangüínea)

Mãe – superior incompleto, 29 anos, estudante, não trabalha

1. Pouco, sempre que possível levo na escola, às vezes busco, normalmente olho as atividades que vem da escola. Todo dia pergunto o que fez, peço para que ela me ensine a dançar, igual ela dançou na aula de bale da escola. Observo o português dela, como ela está falando, estímulo a autonomia, a coordenação motora dela. Observo que hoje ela já está conseguindo fazer desenhos melhores. Sempre aprovo o que ela faz. Mostro a natureza para ela, explico cada animalzinho que vemos juntos.

2. Vide anterior

3. Não tem reuniões na escola dela. Mas normalmente não seria possível eu ir, não teria horário para ir.

4. Pergunto como foi o seu dia quando estou em casa.

5. Sim, mas não fala se não for perguntada. Mas eu pergunto se tem amigos e ela fala os nomes. E a professora gostou do sapatinho?

6. Fiquei sabendo, por exemplo, que foi tirada dos ensaios da dança, porque a mãe sempre levava ela atrasada para a escola, e foi ela que me contou.

7. Acho minha relação muito boa com ela. Me interesso por ela e procuro colocar limites quando necessário. A da mãe é bastante complicada, a mãe é extremamente desorganizada, às vezes briga com ela de igual pra igual, têm muitos conflitos, a mãe tem uma relação extremamente infantilizada com ela.

8/9 - Em que sentido? Até 8ª série tive uma prima que me ajudava e cobrava muito, fazia isso com uma cinta na mão. Sempre fui muito estudioso. Não fui criado pelos meus pais a partir dos 2 anos, quando eles se separaram, éramos dois irmãos cada um ficou com um filho. O meu pai que ficou comigo me deu para minha tia (sua irmã) para me criar. Meu tio, meu pai adotivo era militar, alcoólatra, e eu fui identificado como o negativo, ele me desmerecia e me criticava em tudo, sempre fui uma criança solitária, meu tio tinha muito ciúmes de mim, então eu não podia demonstrar afeto pela minha

mãe adotiva. Aos 13 ou 14 anos, consegui conquistá-lo, fazia tudo o que ele me pedia, nem que tivesse que fazer coisas que estavam além das minhas forças, arrumava forças e fazia. Sinto falta dele porque consegui ficar com as coisas boas dele. Comecei a estudar com 11 anos lamaismo tibetano, parapsicologia e comecei a tentar entendê-lo, engraxava as botas dele, logo que percebia as necessidades dele eu ia lá e fazia para ele. Acho que essa mudança veio um pouco depois que meu pai biológico se matou enforcado, quando eu também tinha 11 anos.

- 10 -Os meus tios nunca me ajudaram em nada, só minha prima.
- 11- A ausência do meu pai adotivo vejo com naturalidade, ele tinha que trabalhar, minha tia só se preocupava em fazer fofoca, falar dos outros, fazer intrigas. Quem foi minha mãe mesmo foi minha prima, que me ensinava, que cobrava, que batia. Era uma relação de muita violência. Quando sentávamos para as refeições ele proibia que se falasse. Mas insistentemente me perguntava se a comida estava boa, ou outra pergunta qualquer, como eu não respondia ele repetia a pergunta aos berros, até que eu respondia ele me dava tapas no rosto por ter sido desobediente.
- 12- No início do meu primeiro casamento, percebo que me identifiquei com ele, minimizei a educação da minha filha, mas também fui bem rígido. Hoje vejo que me identifico com ele quando já estava próximo de morrer, quando ele brincava com as crianças, contava muitas histórias, gostava de cozinhar. Mas eu já era crescido, e ele tinha uns 60 anos e foi assim até os 72 anos quando ele morreu. Me identifiquei muito no início da minha vida como pai, hoje já amenizei bastante.
- 13- Vejo um crescimento em mim, em relação aos filhos, até mesmo por causa da educação que eu tive. Ampliei minha sensibilidade.
- 14- Aprendi a ser pai com minhas filhas, desde que estavam na barriga da mãe, aprendi a ter paciência a cantar, a falar com elas... o modelo que eu tive, não é o que eu aplico, a forma rígida tenho uns 10%, o restante aprendi com elas. Leio bastante sobre educação de filhos, sobre Piaget e muitos outros que falam sobre a criança, buscava também bastante nos professores de Psicologia e fui construindo um arcabouço que me fez entender muitas coisas.
- 15- As perguntas me fizeram retornar lá atrás e na linha do tempo, foi muito bom perceber que muita coisa evoluiu, o quanto eu cresci, gostei muito de participar, poderia ter mais perguntas...

2- Pablo

44 anos - casado - superior professor/administrador

3 filhos:

- 23 anos masculino publicitário
- 22 anos feminino jornalista (pós USP)
- 07 anos feminino Colégio Aliança (2ª série fund. I)

1. Sim. Parcialmente. Através da verificação de resultados, ajudando fazer lição, levando para a escola.
2. Levo todos os dias. A mãe trabalha e o horário não permite que ela leve.
3. Não nunca participei porque não bate os horários, a mãe é a representante oficial dos pais. Não converso com ela sobre a reunião.
4. Sim. Informalmente de manhã quando está no carro, pergunto o que aconteceu, quais as suas expectativas hoje. Quando tem alguma atividade diferente na escola, pergunto como foi.
5. Conta os detalhes que fogem do corriqueiro. Fatos que aconteceram na escola, os eventos.
6. Eu fiz uma viagem e queria trazer um presente para ela. Trouxe um livro do Monteiro Lobato e coincidentemente estava tendo um projeto na sua classe sobre esse autor, ela me perguntou : - Você combinou com a minha professora de comprar esse livro?
7. É uma relação boa, amistosa. A mamãe é a boazinha e carinhosa e o papai quem dá bronca. E com os outros filhos mais velhos era mesma coisa.
8. Era totalmente autônoma. Meus pais eram semi-analfabetos não podia dar nenhum suporte para eu estudar, eu vi nisso um diferencial: preciso saber mais que todo mundo. Lia 7 horas, além da escola, entrei para o escoteirismo e tive uma relação mais estável da vida.
9. Vide Anterior
10. Não tinham condições de ajudar, mas iam nas reuniões de pais, eles demonstravam ficar felizes em relação ao meu desempenho. Não tinham cultura para me ajudar. Durante toda minha infância meu pai foi ausente, foi alcoólatra, ficou internado bastante tempo, tive que cuidar dos irmãos mais velhos.
11. Dentro das limitações deles, incentivadores. Bem diferente da atenção que dei para os meus filhos.
12. Meu pai é um sujeito muito divertido, muito inteligente, não tem escolaridade formal, fez até 4ª série, ficou no hospital, é evangélico, é super antenado, leitor assíduo, faz as interpretações dele, é muito jovem. Ele é muito trabalhador, tem 70 anos e continua trabalhando como construtor. Relação atual -> muito amistosa, criamos situações para estarmos juntos, fazemos alguns passeios e viagens.
13. Meus filhos nunca tiveram os problemas que eu tive. Durante minha infância e juventude não tive pai. Os meus filhos sempre tiveram a minha presença na vida deles. Trabalhei em São Paulo e apesar de não me verem eles sabiam que eu estava em casa. Meu pai foi totalmente distante e ausente, e até hoje meus filhos têm uma necessidade muito grande de estarmos juntos.

14. Minha vida sempre foi feita de exceções. Não tive pai que me desse base educacional, então, pensei em fazer totalmente o oposto. Com 14 anos tive uma referência carismática, e passei a agir com princípios, de querer formar seres humanos, ter valores cristãos que passei a atuar.
15. Foi muito bom responder esse questionário. Mas é só isso ? Pensei que tinha mais coisa para falar... é bom falar dessas coisas que a gente quase não fala...

3- Silvio

38 anos casado superior professor 35 hs/aula

2 filhos : 10 anos menino – Colégio SER

15 anos menina – Colégio SER

Mãe = superior professora de ensino superior

- 1- Vê as tarefas, mas quem vai à reunião geralmente é a mãe.
- 2- Leva e busca todos os dias, buscar vou 3 vezes por semana.
- 3- Não porque eles estão na mesma escola que eu trabalho. Não procuro saber o que foi falado, acho que as reuniões não são aproveitáveis.
- 4- Converso com os dois. Sobre comportamento em sala de aula, sobre tarefas, cobrando, ajudando, faço isso todos os dias. Eu gosto de fazer isso.
- 5- Mateus se indispôs com a professora numa época e agora se estabilizaram. Ele culpava a professora e eu tentava mostrar que tinha a parte dele. Eles contam sobre as atividades que fizeram em sala de aula, das relações com os colegas.
- 6- Meu filho gosta de atividade de apresentar para a classe. A Marcela tem maior interesse na relação com os colegas e gosta de contar as piadas que os professores fazem na aula.
- 7- É uma relação aberta, sincera, mesmo quando tenho problema, quero ficar sozinho, peço que me dêem um tempo, que colaborem. Acho que sou exigente demais. Fico bastante em casa e acabo sendo mais exigente do que a mãe seria por exemplo, exijo organização dos pertences, da casa, dos materiais da escola... mas fazer isto me desgasta porque acho que esse é o papel da mãe. Agora que ela mudou de trabalho e está mais em casa estou mais tranquilo. A relação que eu percebo com a mãe eu posso perceber melhor porque atualmente estamos vivendo um momento novo. Acredito que ela tem o papel de conciliadora, o pai é mais duro, mais objetivo, ela conversa mais com a filha, faz o papel de proximidade, do feminino.

- 8- Se resume a boas lembranças, isto é, meus amigos. Não tive uma escola que me incentivou a buscar o conhecimento e também a dificuldade de matar minhas curiosidades.
- 9- As recordações da vida escolar são quase nulas. Lembro das aulas de educação artística e área econômica secundária, tenho um lado sinestésico. Português, geografia, matemática, não lembro nada; uma vez um professor me ensinou o que era crase e eu entendi, achei fantástico.
- 10- Eles acompanhavam só se eu tivesse dúvidas. Eles não tinham condições intelectuais de acompanhar. Meu pai trabalhava e quem cuidava do horário, de estar uniformizado e limpo era minha mãe. Para ajudar nas tarefas eles (pai e mãe) tentavam mas não conseguiam. Me lembro quando fiz uma pergunta de matemática para o meu pai, e ele respondeu um absurdo, e eu ri dele. Hoje acho que foi frustrante para ele. Minha mãe que ia às reuniões e levava a gente na escola a pé. Era importante para o meu pai que a gente estudasse, ele incentivava a gente fazer cursos, quando a gente se atrasava fazia questão de levar a gente para a escola. Depois que ele adoeceu passou a ficar mais em casa e a participar mais da rotina da casa.
- 11- Quando ele trabalhava bastante, nas horas de folga gostava de sair com a gente. Mas faltava muito diálogo. Hoje tenho medo de impor sem diálogo, e fazer como ele fazia. Por ele ser policial e ter essa postura mais rígida, mais autoritária encobria esse pai mais próximo que ele poderia ser. Depois que adoeceu acho que ele quis se aproximar, mas não conseguia, quando se aposentou e ficou mais em casa, percebia que ele queria conversar, mas não tinha coragem de se aproximar. Era uma pessoa de muita moral, idônea, retidão, mas não fomos educados para dialogar. E isto refletiu na relação com meus irmãos.
- 12- Me identifico em 2 questões : moral, da ética, da honestidade e um carisma de se relacionar com as pessoas. Isso eu tento repetir o modelo dele, ele era muito querido. No final da vida dele, eu tinha 23 anos, e aí ficamos mais próximos, eu já era casado e pai. Então passou a me ligar mais, quando estava doente ligava mais não conseguia falar sobre o que queria falar...eu percebia isso. É diferente do que tento fazer hoje com os meus filhos.
- 13- A diferença básica está na abertura, até mesmo nas questões de sexualidade, andamos pelados pela casa, isto jamais acontecia na casa dos meus pais. Rompi essa dificuldade de poder falar o que estamos sentindo. Em geral, procuro ficar com as coisas boas que ele deixou. Me lembro que ele deixava de fazer muitas coisas e de passear para segurar, para acumular, ele acumulava demais, não saía de casa, isto fez muita falta para nós, não tínhamos envolvimento social, fomos muito privados, isto eu me esforcei para fazer diferente.

14- Aprendi com meu pai. Ele foi excelente pai. Ressaltar o negativo só me fez melhorar como pai.

15- Foi muito bom tomar contato com algumas coisas de ontem e de hoje, poder fazer essa ponte, foi ótimo pra mim... já acabou???

4- Marcos

46 anos - Separado não judicialmente - Mestrado - Profissão: Professor

02 filhos

Menino- 13 anos- 6ª série – Colégio Dom Aguirre

Menina- 19 anos- 1º ano Teatro (graduação) – UNISO

Mãe- graduação – 39 anos Atendimento Comercial

1- Meus filhos estudaram o tempo todo na escola em que eu trabalho, né, então não há um acompanhar assim de sentar e fazer junto a tarefa, até porque o tempo não colabora, né, vida de professor é de quem trabalha muito, então...mas acompanho vendo as provas, acompanho quando tem prova se vai estudar, se não vai estudar, é mais na figura de um supervisor do que de alguém que acompanha vamos sentar pra fazer as tarefas, às vezes sim, às vezes quando há dúvidas, quando há problemas, tem vários motivos pra se fazer essas coisas, então acompanho, mas como eles estudam na mesma escola em que eu trabalho eu conheço todos os professores que dão aulas pra eles, eu acompanho nesse sentido, os professores me falam coisas, né, então não deixa de ser um acompanhar.

2- A menina o tempo que ela estudou lá ela ia comigo todos os dias e o menino vai comigo, ela não estuda mais lá, mas o menino vai todos os dias de manhã, buscar não porque saímos em horários diferentes, mas daí eu tenho professores amigos que levam até a casa da minha mãe depois eu pego na casa da minha mãe, né.

3- A escola sempre teve um sistema assim...ela tem as reuniões regulares de pais, mas ela manda um bilhetinho para os pais que ela deseja falar, então os outros pais que quiserem ir podem ir, eu vejo num outro caso, por exemplo, quando eu estava casado a mãe ia, porque normalmente no momento da reunião eu estava trabalhando não dava pra eu ir, então não vou a reunião, até por uma questão ética, porque vou conversar com colegas que trabalham comigo, né, então ... Mas quando há um problema eles normalmente nunca deram problema na escola, os colegas falam, olha veja tal coisa, mas sempre elogios, então, nunca fui, nas reuniões eu nunca fui.

4- Alguns professores ele elogia, outros eles não gostam muito, às vezes gostam do professor não gostam do jeito que ele dá aula, aí vem esses comentários, às vezes comentamos de algumas atividades que ele fez, que o professor corrigiu de um jeito e ele achou que estava errado, a gente conversa sobre isso no caminho pra escola, na volta pra casa.

5- “E sobre os colegas e a escola em geral...” (fala da entrevistadora)

A gente conversa sobre isso, mas nunca houve assim críticas, eles assim, mais sobre o dia-a-dia na sala de aula mesmo alguma atividade alguma prova que o professor corrigiu de um

jeito, ele achava que ele estava certo, a gente discute um pouco essas questões, mas nunca houve da parte de nenhum dos dois uma crítica sobre a escola.

6- Alguns projetos que a escola faz, né e que...minha filha se envolveu muito em todos os projetos que a escola fez, então, ela gostava dessa parte, agora a gente tem um projeto na escola que é uma mostra cultural então meu filho assim que o projeto saiu quero participar, ele gosta de cozinhar, eu também gosto de cozinhar, e ele eu quero participar do projeto de gastronomia, vou fazer casquinha de siri, vou fazer isso, vou fazer aquilo,né, esses projetos eles curtem bastante.

7- Com os dois? Temos uma relação boa, tanto que na separação eles acabaram ficando comigo, num monte é lógico...ninguém sentou e você, quem que ficar com quem, as condições estavam postas naquele momento, e a gente sempre teve uma relação muito boa, antes da separação, depois da separação, né. Com a mãe não temos rugas da separação, tanto que a gente tem amizade até hoje, então praticamente todo sábado eles dormem na casa da mãe, voltam no domingo pra casa. Eu tenho com a mãe também uma relação muito boa, não há nenhum...

8- Eu sou filho de pais operários, e o meu pai fez quando muito até a 4ª série, e o valor que ele atribuía a educação também não era muito grande. Minha mãe estudou um pouco mais, então ela dava um valor maior à educação e era a pessoa que sentava com a gente pra ajudar a fazer as tarefas, pra verificar caderno, então meu pai sempre se manteve mais afastado dessa parte. Mas é... Meu pai foi a pessoa, pra mim que me formei professor e comecei a dar aula, eu era o orgulho dele, o fato de dar valor à educação depois volta na figura do filho que é o professor, dos três filhos dele, aquele é o professor, meu filho é professor, então...

9- Eu sempre fui um aluno bom, muito bom quer dizer nunca tive problema na escola, eu só reprovei um ano na escola, mas é porque eu estava muito cansado de ser o “Caxias” , (risos). Eu queria conhecer um pouco outras coisas, mas eu não me arrependo nem um pouco, atrasei um ano na minha vida, foi no 1º colegial. Então até a 8ª série eu tinha sido aquele aluno de ganhar elogios, no primário eu ganhava estrelinhas no caderno era cheio de estrelinhas, fechava todas as notas, e quando eu cheguei no 1º colegial, uma serie de fatores, eu comecei a trabalhar, então eu mudei de horário, eu fui estudar à noite, eu fui cair numa sala que daquela classe que o melhor era o A, depois vinha B,C,D... Eu fui cair no 1ºcolegial J, que era o último e só tinha repetente, tanto é que de 50 alunos, só 15 chegaram ao final e dos 15 que chegaram ao final só nove passaram. Então esse ano foi um ano de experiência pra mim e foi fantástico, eu não me arrependo, em nenhum momento. Mas de resto ... Depois disso sempre fui um aluno bom, sempre fechei com notas boas, nos outros três anos de colegial nunca dei trabalho em casa.

- E como seu pai reagiu a repetência?

Não muito feliz, mas as críticas vinham mais da minha mãe, ele até nesse momento se mantinha mais afastado, ele reclamava muito mais das companhias que eu passei a ter nesse ano do que eu ter sido reprovado, minha mãe sentiu mais, mas também não houve nenhuma crítica, não houve assim um gesto mais pesado, castigo nada disso, mesmo porque eu já estava bem mais maduro, eu já trabalhava, tinha por volta de 17 anos, foi no 1º colegial, por ai, não me recordo muito bem.

10- Era minha mãe, minha mãe é até hoje aquela mãe coruja, ela chegava muitas vezes até a fazer as atividades da gente aquela mãe, que...e até ágora ela faz isso com o neto, ela tem o netinho que mora com ela e quando ela tem dificuldade ela não consegue ensinar é ela que tem que fazer. Mas era minha mãe que acompanhava, meu pai a gente tinha uma relação um pouco mais distante nesse sentido, meu pai era aquele que provia a casa, que saía do trabalho cansado... Então era minha mãe que resolvia toda essa parte, minha mãe que ia atrás de comprar uniforme, comprar material, que acompanhava o dia-a-dia, ia para as reuniões, essa parte ele não fazia.

- Ela não trabalhava fora?

Não.

11- Ela nunca me incomodou, eu estou com 46, isso foi há 30 anos atrás, era uma outra imagem de família que você tinha, uma outra imagem de sociedade que você tinha, então, a figura paterna era mesmo uma figura mais distante. Eu fui desenvolver mesmo uma relação com o meu pai, mais afetiva, quando eu já estava formado, quando eu casei, aí eu passei a ter uma convivência mais afetiva com o meu pai, nós nos aproximamos mais, nunca houve assim nada de ruim, mas era uma relação mais distante. O pai era aquele que tinha que dar bronca, que tinha que dar o castigo e a mãe era aquela que colocava panos quentes. Essa era aquela família tradicional antiga, então não me incomodava, mesmo que ele não estivesse presente nas atividades escolares.

Meu pai morreu há três anos, né... Eu passei a ter uma relação afetiva com ele depois de formado, depois de adulto mesmo, que é um pouco aquela coisa eu acho que, é na proporção em que ele foi perdendo um pouco a autoridade sobre os filhos, ele foi ganhando no aspecto essa relação plena, que é esse aspecto afetivo. Então eu me aproximei, tanto é que ele teve uma vida comigo eu fazendo a barba dele, cortando a unha dele, levando ao médico, né. Então foi uma relação da minha parte sempre muito afetiva com relação a ele, mas ele...(Pausa) ele foi também afetivo a gente saía muito com ele, de mão dada, pra buscar leite, né, então, a imagem que eu tenho do meu pai é sempre uma imagem muito positiva, eu fui talvez o filho que mais apanhou dele, mas eu era o único filho homem o caçula, o mais questionador então eu acabava apanhando mais por causa disso. Não era de surra, mas fui o que mais apanhei. Meu pai sempre foi uma figura muito especial para mim, meu pai e minha mãe, mas ele sempre foi uma figura especial pra mim, muito terna, ao mesmo tempo, e frágil, e eu sempre o defendi, ele bebia muito quando a gente era muito pequeno, e às vezes minha mãe e minhas irmãs, eu tenho duas irmãs, elas se colocavam contra ele, e eu era o que ficava a favor dele, eu era o que defendia meu pai, mas sempre ele foi uma figura muito importante, tanto é que a morte dele me abalou bastante. Eu tive uma relação muito boa com ele nesse sentido, mas ela foi se tornando mais afetiva da parte dele na medida em que a autoridade foi caindo mais a gente foi crescendo e aí a autoridade vai...

12- Fisicamente em quase tudo, eu olho no espelho e vejo a imagem do meu pai, às vezes me vejo num gesto que me lembra meu pai, né. Acho que herdei dele o jeito ensimesmado de ser, o jeito fechado de ser, o olhar triste eu herdei dele, então acho que há muito do meu pai em mim, não é o gênio dele, porque ele tinha um gênio mais forte...

- Você é mais bonzinho?

Desse lado eu já puxei mais desse lado a família da minha mãe, porque eu tinha uma relação muito forte também com o meu avô, meu avô foi uma figura fenomenal pra mim também, porque minha vida toda minha mãe e o meu pai moraram com os meus avós maternos, né, então o meu avô... Com o meu pai se repetiu no final dele o que aconteceu também com o meu avô, era eu que fazia a barba do meu avô, era eu que cortava as unhas do meu avô, fui

que cuidei do meu avô quando a perna dele começou a gangrenar, então esses aspectos sempre foi um aspecto meu com relação a essas figuras mais paternas.

13- Eu acho que é uma tendência meio da gente...da nossa geração que foi mais reprimida, eu fui muito reprimido, eu tinha horário pra chegar em casa, dez e meia eu tinha que estar em casa, não podia ir em baile, nada dessas coisas, então a gente tenta não repetir certas coisas que não gostou, então nesse aspecto meus filhos tem comigo, uma relação muito mais é... mais amiga do que a que eu tive com o meu pai na época que eles tinham a mesma idade ou que eu tinha a idade deles,então acho que nesse aspecto eu busquei fazer diferente, mas sinto por exemplo, que às vezes meu acho que meu pai tinha mais razão de agir do jeito que ele agia do que do modo como eu ajo. Mas aí é um pouco também de características minhas, eu não sou uma pessoa que sabe pedir, eu vou lá e faço, se tiver coisas pra fazer você quer fazer, tai, arregasse as mangas e faz. Eu sempre tive essa dificuldade de pedir, então eu acabo acumulando muito mais serviço, agora que a gente mora os três, mas acho que em termos de relação sinto que eles tem comigo talvez, talvez não, com certeza, uma relação muito mais próxima com a minha figura do que a que eu tive com meu pai na infância, na adolescência.

14- (Pausa) Difícil ... eu acredito assim que não exista um livro que ensine a gente a ser pai, eu acho que a gente... é uma questão de referência muito forte, a referencia família sempre foi pra mim muito forte, tanto é que nesse processo de separação meus filhos ficaram comigo, e talvez eu não tivesse suportado um distanciamento deles, então acho que essa referencia família foi muito importante pra eu me constituir enquanto pai, porque eu acho que é isso você vai aprendendo com os erros até porque você rejeita um pouco o modelo pai, o modelo mãe, que você teve pra constituir um novo modelo, ou pra constituir uma nova caminhada, então acho que esse laço familiar que eu sempre tive, foi importante pra eu me constituir enquanto pai. Foi diferente por exemplo, da minha mulher, minha ex-mulher, que ela foi abandonada na maternidade, foi adotada depois ainda criança,né mas tinha uma relação muito difícil com a mãe o pai sempre muito distante então talvez isso explique o fato de eles estarem comigo hoje, e não com ela, porque a minha referencia família é diferente da referencia dela. Então, acho que isso foi o que me constituiu muito mais como pai, do que modelos que o meu ou minha mãe possam ter me dado. Não sei...pelo menos acho que pra mim é essa a imagem que eu tenho de mim como pai. Eu procuro, pra mim... a prioridade é sempre eles.

15- Eu acho que ser pai, (risos), nesse mundo pós-moderno que a gente vive é um desafio constante, né. É... Eu acho que até uma contradição imposta, aí nessa dimensão você não quer repetir a repressão que você teve no momento da sua infância da sua adolescência, mas ao mesmo tempo você percebe todo o momento externo totalmente problemático para a convivência com os seus filhos, acho que isso preocupa, mas acho que de qualquer forma sempre fica essa necessidade constante do diálogo, de conversar, eu procuro conversar muito com os meus filhos, nem sempre isso é possível porque por mais próximo que você seja sempre tem a relação pai e filho, eu sinto isso mais na minha filha, ela não se abre comigo sei coisas dela porque eu percebo no ar, nós nunca tivemos essa intimidade tão grande a ponto de sentarmos e... Às vezes conselhos sim. Com o meu filho eu já tenho essa proximidade maior, porque ele já tem 13 anos, né, a gente conversar mais. Ser pai nesse mundo pós-moderno é muito complicado, é um desafio por causa de todas as coisas que você tem fora de casa, são situações mais complicadas que você tem fora de casa e que de certa forma preocupam, então, então no momento que eles saem debaixo das asas da gente é que é...

5- Sandro

42 anos - separado judicialmente - superior completo - engenheiro - analista de negócios

3 meninos

- gêmeos – 7 anos 2ª série – Escola O Farol

- 14 anos – 8ª série – Colégio integrado Veritas

Não mora com os filhos.

Mãe superior completo, 48 anos, educadora, gerente de projetos

- 1- Olha é difícil até pela situação do meu trabalho, trabalho em São Paulo durante todo o dia saio às 5 da manhã e volto as 19 hs então é difícil não tenho esse acompanhamento, não, mas a gente tenta se informar desse dia-a-dia, e sendo separado ainda é um pouco mais difícil ainda, né, é claro que não tendo esse contato mãe e pai, as notícias vem a conta-gotas. Mas mesmo assim recebe assim alguns inputs, olha a criança fez isso fez aquilo e tal, mas, mais como a meta em casos especiais.
- 2- Não, não dá tempo.
- 3- Quando eu ainda era casado eu tentava participar sim, na maioria das vezes, agora estando separado é um pouco mais difícil também, e têm mania de marcar reuniões em horários que é difícil pra gente. marcam reunião às 6 da tarde, as 6 da tarde eu não consigo estar em reunião, mas gosto de participar acho importante. E todas as vezes que eu participei... eu ... como meus filhos nunca me deram trabalho esta é a grande verdade, então na maior parte das vezes era pra falar : aí valeu, é isso mesmo, e tal to feliz, como um incentivo. O C. eu acompanho um pouquinho mais, o mais velho, a gente conversa mais sobre escola, ele tem mais assunto pra conversar, né, mas quanto aos pequenos basicamente não tem muito o que extrair dessas informações pelo menos eu não tenho essa capacidade porque o assunto é bem restrito e eu não tenho uma linguagem que eu possa me comunicar com essa facilidade, mas via de regra quando tem... mas desde que eu me separei estou há 8 meses separado, não participei de nenhuma reunião, mas quando teve sim, participei sim, conversei sim e acho muito importante.
- 4- Conversei sim, com os mais novos é muito repetitivo, o que você fez hoje e tal, e se teve brincadeira, não teve brincadeira, aquela coisa toda mas é muito repetitivo, e o assunto é sempre o mesmo, eles não são muito de falar, não, eles não são de evoluir nessa conversa. Com o mais velho já é mais fácil, a gente troca bastante idéia da importância de determinado assunto, matérias, ah eu não gosto de determinado assunto, e a gente tenta estimular, ah eu não gosto de Português, mas Português é importante, coisas desse tipo. Outro dia foi engraçado peguei o C. para fazer uma sabatina nele, perguntei coisas de História do Brasil, e fiquei impressionado como essa molecada não sabe nada, impressionado, para ele e o R. (o sobrinho), juntei os dois e comecei a fazer perguntas : Quem foi D. Pedro ? D. Pedro?, não sei quem foi D. Pedro, não sei ... sabe essas coisas.....O que que é em 7 de setembro? não sei ... Mas enfim, a molecada tá... mas eu principalmente com o C. que eu tenho essa facilidade porque já é quase um adulto praticamente é fácil de ter essa conversa.
- 5- Os pequenos...eu sempre tenho que separar a conversa, os pequenos e o grande, os pequenos tudo tá bom, tudo tá legal, eles gostam da escola atual então de uma forma geral eles estão felizes e se dizem por satisfeitos. O mais eu tive um problema de adaptação com ele. Nos últimos 3 anos ele trocou de escola 3 vezes. Agora parece que ele se acertou no V. mas ele teve problema de adaptação eu acho e aí fui voto vencido, eu acho que devia ter insistido porque ele passou por boas escolas e eu acho

que deveria ter insistido um pouquinho mais. Foram problemas do tipo, classe social, que gera conflitos, ele passou por algumas escolas bem elitistas, e daí ele teve problemas de adaptação. Mas é isso.

- 6- Situação escolar? Eu tive 2 grandes conversas com meu filho, duas não, tive uma grande conversa com meu filho, e foi exatamente, sobre essa falta de adaptabilidade dele, num ambiente que as vezes é hostil, sabe, né, escola existe essa dificuldade de colegas, é nova, é difícil uma escola que você chegue e que normalmente seja bem aceito, essa foi uma das principais conversas que eu tive com ele, eu insisti que ele não deveria desistir tão fácil, mas a mãe facilitou essa desistência, mas enfim...e tanto é que na última eu disse: - Olha essa é a última, vai ter que ficar até o fim. Porque são escolas boas. Escola não fica ruim de janeiro pra dezembro. Uma outra situação é essa do dia-a-dia, de matérias que gosta ou não gosta, de eventualmente de professor, ah professor é muito chato, enfim essa coisa de ver como estão as notas, que matérias você mais gosta não gosta, ou porque, e sempre nessas conversas eu insisto na importância das matérias ditas chatas. Eu não gosto de Geografia, a maior parte da criançada não gosta de geografia,mas é uma matéria importante, português e assim vai, as discussões giram em torno disso mesmo de conteúdo escolar.
- 7- Minha relação, vou ter que separar. A minha relação com os pequenos é um pouco distante, sempre pelo mesmo motivo, sempre foi distante, mesmo durante o casamento porque a maior parte das vezes eu chegava em casa e eles já estavam dormindo. Eu tenho uma característica eu não sou daqueles tipo de papai “babão”, ah meu filho, eu não tenho essa característica, não tenho essa formação, não fui formado assim, então essa característica já vem de berço. Com a separação eu me aproximei muito do mais velho, muito, e ele de mim, mas muito, porque a gente começou meio que confidenciar e tem essa, essa... de que ele com 14 anos já ta tomando gosto por outras coisas que não é só brincar, então já falamos de mulher, já falamos de namorada, já falamos de ele sair para a balada, o que faz e o que não faz e logicamente a preocupação com o que ele faz, mas a aproximação foi muito grande muito grande mesmo, ele tem se tornado ai ate mesmo um confidente em alguns casos, a gente troca muita idéia sobre isso a situação da casa. Eu acho que eu tive muita sorte o C. me surpreendeu muito, ele ta tocando a separação de uma forma super tranqüila, e adulta mesmo. Ele me surpreendeu muito.

A relação deles com a mãe sempre foi muito boa, super protetora, sempre foi muito boa, não deve ter mudado com a separação. Mãe durona, mas ali, galinha com os pintinhos sempre embaixo da asa , é uma característica dela. Não creio que tenha mudado não; acho que é boa não tenho nada que falar com relação a postura dela da educação das crianças, do tratamento dela.

- 8/9- Nossa !! eu só tenho boas lembranças, viu...me diverti um bocado, eu sempre gostei de escola. Eu sempre fui aquele aluno não “Caxias”mas que nunca tive dificuldades na escola então eu tocava na boa, eu não tinha aquele negocio de horário de estudo, agora você vai ter que ficar 2 horas estudando, eu estudava quando sentia essa necessidade não me lembro de ter sofrido com isso, entendeu? Aquele negócio que fique você vai ter que estudar, aquilo que normalmente os pais faziam e não sei se fazem ainda. Eu não tive isso, eu não era obrigado estudar. Eu automaticamente, quando sentia necessidade pegava a materiazinha que eu tava com algum problema sentava num canto e me virava. Mas eu sempre tive muita facilidade na escola, não precisava ter o reforço fora da sala de aula.

Mas eu me divertia muito, tenho boas lembranças da época da escola, brigava pra caramba, era gostoso.

10- quem acompanhava mais era minha mãe, mesmo assim era muito pouco. Longe do que estamos acostumados. A preocupação deles era, se for mal vai ganhar castigo, era ação e reação. Não me lembro dos meus pais, era mais minha mãe, meu pai não tinha cara de fazer isso, de ajudar, acompanhar. Mas era quem estava com a cinta na mão, em riste, era o “sinhozinho” nesta situação.

11- Se isso fazia falta ? hoje como adulto eu penso que isso fez falta. Mas eu acho que isso não tenha se tornado assim uma falta, quando eu era um garoto que meu pai e minha mãe não iam na reunião, sei lá se iam. Hoje não tenho essa lembrança negativa, hoje eu analiso sim, eu acho que eles deveriam ter tido sim esse acompanhamento. O meu pai a única base que contou nessa minha formação foi a necessidade do meu pai de ter um filho formado, isso foi um sonho dele que acabou sendo uma obrigação minha como filho, entendeu? Meu pai queria um cara engenheiro, um filho formado, então minha busca era de atender esse sonho do meu pai, isso eu lembro dessa situação.

12- () Acho que a honestidade, um pouco de perfeccionismo, meu pai era perfeccionista ao extremo, infelizmente eu sou... apesar de aparentemente ser expansivo e falador mas minha relação é um pouco fechada com as pessoas, se eu vou numa festa me relaciono muito bem, mas na vida reservada eu sou bem fechado e isso é característica do meu pai. Mas acho que o que mais se aproxima e essa questão de ser perseverante de querer fazer até o final, e mania de querer ser perfeccionista então essa é uma característica do meu pai que eu levo comigo.

Nos últimos anos antes dele falecer, e especificamente minha família sempre foi bem complicada, né. Ver os pais se separarem aos 50 anos, com quase 30 anos de casado é um negócio muito estranho, né. E tudo foi muito rápido, muito rápido porque no momento que eu deixei de ser um estudante, deixei de querer fazer as coisas, quando eu me casei meus pais praticamente faleceram. Então quando eu me tornei pai, durou muito pouco essa relação com meu pai, e acho que esse é o momento que fez falta, você ser pai e agora eu vou falar com meu pai de pai para pai e não de pai para filho, então isso não tive, () nem mãe, mas foi bem complicado por conta disso, durou muito pouco minha vivência de pai com o meu pai.

13- O passado é antes da separação ou pós-separação é isso ou não importa ?

Entrevistadora: - Você que determina...

Até a minha separação a relação com meus filhos foi distante, de novo por conta do tempo que eu fico fora de casa trabalhando, por conta de algumas características minhas também, do meu jeito meio fechadão também, e isso atrapalha um pouco a relação, com a separação estou quebrando alguns paradigmas também, estou me aproximando bastante deles. E como já disse no início o meu filho se aproximou de mim de uma forma fantástica, isso ele abriu a conversa, essa é a grande verdade, ele que abriu esse canal de comunicação de uma forma automática, já com os meus pais a minha relação, sei lá () sempre foi de uma forma muito fechada, não lembro de uma conversa pai e filho, mãe e filho, uma conversa que marcou assim não lembro, existia o carinho, claro que havia o amor mas existir essa troca como hoje que a gente aprende a ver, hoje com outra estrutura de educação, você acaba entendendo mais essa importância, mas eu não tive isso. E isso me levou e foi um grande... (), esse não aprendizado foi um grande precursor de eu ter exatamente essa distância dos meus filhos. Eu fui acostumado desse jeito, e é gozado que

a gente sabe que tá errado mas não consegue assim facilmente quebrar essa corrente. É estranho porque a gente sabe: - Puxa vida, eu preciso conversar mais, eu preciso sair mais, eu preciso... e poxa..não acontece, parece que a gente tá meio amarrado, parece carro que está com o motor meio emperrado, não anda...

14- Ah isso não é com quem, com quem é impossível. Não existe escola pra pai. Então, o como, você toma alguns exemplos, tenta escolher, bom isso achei legal e isso não é bom. No dia-a-dia, você vê um pai no parquinho fazendo um montinho de areia com o filho e diz isso é legal eu vou fazer, mas com quem, não, é no dia-a-dia, não tem com quem, não tem escola pra pai, não sei se aprendi a ser pai, essa é a grande verdade, não tem fim isso, porque a cada ano que vai passando são experiências que você não tinha, claro que com os menores eles tem a vantagem de ter um que tem 7 anos na frente deles, então a experiência que eu estou tendo com o C. acaba facilitando ou deveria facilitar a experiência que eu estou tendo com os pequenos, porque eu corrijo o que eu fiz de errado com o C., mas não tem fim isso não, acho que ninguém aprende a ser pai, você é pai e tem que se virar, pra depois lá na frente puxa eu fui um bom pai, pra depois lá na frente o meu filho estar na frente de uma pessoa fazendo um trabalho de mestrado e tentar falar a mesma coisa, é isso aí...

Como foi responder essas questões?

Tranquilo. () tranquilo mas traz umas lembrancinhas que traz uma cutucadinhas e tal...dá uma emoção, mas foi tranquilo. Hoje em função de não ter mais os meus pais, dá um pouco mais de emoção pra ficar tentando puxar isso pela memória, mas é tranquilo porque falar do passado é gostoso. E pensar em hoje e se preocupar com o amanhã.

Gostaria de falar mais alguma coisa...

15-Eu acho do caramba ser pai, eu sempre quis ser pai. Eu até brincava vou ser pai solteiro, vou arrumar uma mãe pra um filho meu. Isso é uma falação boba, porque não é uma brincadeira, mas é gostoso ser pai...difícil () é bem difícil...() muito difícil, mas é gostoso. E pra mim nesse momento da minha vida está sendo muito importante ser pai, super importante, porque eu quebrei algumas amarras importantes, eu cortei alguns laços que me atrapalhavam ser pai, eu hoje sou mais pai do que eu era há 8 meses atrás, porque hoje eu posso ser pai do meu jeito, e não baseado num modelo que alguém queria que eu fosse. Não falando especificamente evidentemente da minha ex-mulher, você tem que ser um pai desse jeito mas você não pode ser este pai desse jeito, é isso que me incomoda, porque que eu não posso errar ? ser pai é errar. Hoje eu pego meus filhos e não interessa como eu to cuidando dos meus filhos, não preciso me preocupar com o que vou escutar depois. Se eu quero levar meus filhos num posto de gasolina, tomar uma cervejinha com os meus amigos eu vou levar, se eu não ver nada errado. Se hoje quiser dar uma bronca nos meus filhos como to longe desse controle eu dou a bronca do jeito que eu quiser. Não tem quem me fale não é assim calma, eu dou bronca e acabou. Eu acho que hoje eu to aprendendo a ser pai, hoje eu to aprendendo a ser pai, e está sendo bom, eu diria que está sendo ótimo, está sendo ótimo !!

6- Gustavo

49 anos - união estável - pós-graduação - coordenador de curso/engenharia - 50 hs/semanais
2 filhos – Tainá – 10 anos 5ª série – Colégio TJ

- Murilo – 3 anos não está na escola

Mora só com o caçula, a mais velha mora com a mãe.

Mãe da Tainá é mestre e professora da rede estadual – 46 anos
Mãe do Murilo é advogada e graduada em Psicologia - 43 anos

1/2/3 - Acompanhamento, na verdade tento acompanhar diariamente mais por conta da T. morar com a mãe acaba sendo um processo um pouco de dificuldade. No entanto o meu acompanhamento da seguinte forma, por conta dela estar comigo pelo menos umas 3 vezes durante a semana, então ela traz as lições da escola traz todo o material, a gente senta, conversa, eu oriento na medida do possível, tento entender o projeto pedagógico dos cursos que ela frequenta, e na medida do possível vou acompanhando os processos de avaliação, na verdade a vida escolar dela eu vejo dessa forma, e nessas 3 vezes em média que ela está comigo durante a semana, eu levo ou vou buscar e as vezes é as duas coisas, e fora isso como ela faz piano eu também levo e vou buscar nessas vezes, então depois da separação ficou definido que a mãe até pela situação dela ficaria responsável pedagógica, pela T. na escola, e eu responsável financeiro, no entanto por conta de alguns percalços de saúde, a mãe, tem momentos que não consegue dar o acompanhamento necessário então eu acabo participando indiretamente das reuniões pedagógicas na escola, no entanto mesmo quando não é possível essa minha participação eu mantenho um contato direto com a coordenadora e com a própria diretora da escola no sentido desse acompanhamento.

4- Na verdade não só eu como ela também busca o tempo todo bastante essa conversa. Porque ela gosta bastante de estudar, gosta bastante dessa aquisição do conhecimento e ela tá sempre procurando caminhos diversos para trilhar essa busca do conhecimento então nós temos um diálogo muito freqüente e muito claro dessa questão de educação.

5- na verdade a T. tem uma visão bem otimista da escola, embora consiga pontuar bem algumas questões as dificuldades do professor de passar bem um conteúdo, consegue pontuar a dificuldade do professor na questão da empatia com os alunos e consegue entender um pouco das limitações do projeto pedagógico da escola, por conta de eu conhecer mais a fundo o projeto pedagógico aqui da organização onde eu trabalho, sempre foi uma vontade minha trazer a T. para estudar aqui no colégio, mas por conta do colégio que ela estuda ser ao lado da casa dela e a mãe ter dificuldade de trazer, na verdade sempre se chega a um impasse, e mesmo porque ela está lá desde o maternal eu acabo deixando isso e ela acaba ficando lá mesmo no colégio, mas ela tem sim noção de como é um projeto, de como são os professores e ela é uma aluna que se envolve bastante nas atividades do colégio. Na verdade tenho até dificuldade de responder essa questão porque sempre quando a gente está junto esses assuntos escolares não ficam restritos aquilo que é escola, aquilo que é educação, isso faz parte do nosso diálogo diário, então o tempo todo eu estou tendo esse feedback dela em relação a educação. Agora algo que reflita o relacionamento dela em relação a escola. Esse relacionamento dela com a escola fica evidente por todo o envolvimento dela com as atividades, durante a semana ela também faz curso de dança, então em todos os eventos da escola ela participa como convidada, no sentido que ela vai dançar, ela vai cantar, ela participa de forma ativa dos eventos. Tem final de semana da família, semana cultural, tem a semana da educação, então ela sempre tá participando nesse sentido, mostra cultural. Eu sempre dou um jeitinho de sair de onde estou, porque ela faz muita questão, ela espera, tem uma expectativa grande da minha participação nesse sentido, não só na escola formal, mas sempre quando ela vai se apresentar, quando tem audição do curso de piano e de flauta.

6- em termos escolares ou em gerais vai ficar implícito, na verdade o meu diálogo com a T. é muito franco aberto e transparente o tempo todo, não tenho muita dificuldade de entender os caminhos que ela está trilhando, de poder compartilhar desses caminhos, então meu

relacionamento com ela eu considero muito fácil porque ela busca esse diálogo o tempo todo isso facilita demais. Agora em relação a ela com a mãe dela ela já tem algumas dificuldades porque tem algumas formas de atuação da mãe que acabam não privilegiando esse diálogo, são imposições algumas coisas mais radicais, e isso acaba dificultando um pouco esse relacionamento e talvez por conta disso acabe vazando muito mais essa questão para comigo.

7- Na verdade tem muita diferença porque meus pais sempre com pouco estudo, a família toda sempre com muito pouco estudo, na verdade enveredando sempre para a parte do comércio sem muito entendimento das questões educacionais, embora eu sempre devo contemplar o aspecto de que eles sempre fizeram questão do estudo, embora não entendessem não pudessem colaborar, então vejo que isso é muito diferente hoje, e eu fico sempre que possível com a minha filha buscando entender, buscando colaborar, buscando tá perto, numa dinâmica muito grande coisa que a gente não tinha quando era criança. Eu lembro que quando muito meu pai havia feito assim um curso assim por fora de letras góticas,

E ele desenhava muito bem as letras góticas, então quando tinha um trabalho na escola eu pedia para ele fazer o título do trabalho para eu mostrar e então era essa a colaboração.

8/9/10- Uma outra colaboração que eu resalto muito, foi quando eu tive que prestar vestibular e eu não tinha carta de motorista, tinha 17 anos, e na época não tinha vestibular unificado, eu tinha que fazer um em cada cidade e eu lembro que ele me levava com muito gosto, sempre atuou bastante nesse sentido. Mas vejo uma diferença gritante da nossa época com a de hoje, com certeza.

- Quem acompanhava mais, seu pai ou sua mãe?

Eu não conseguiria responder essa pergunta, porque eu não via essa diferença mesmo porque o acompanhamento era muito de longe, mas muito de longe, mesmo porque eles tinham toda a luta pela sobrevivência, meu pai era vendedor e ele viajava ia de manhã voltava muito tarde da noite, ficava as vezes uns 2 dias fora, então minha mãe ficava tocando o comércio o tempo todo, então não consigo ver essa diferença se um ou outro acompanhava, porque isso era muito, muito pouco.

11- E como era isso p/ você?

O que eu lembro é foi algo que não me afetou, eu não sentia falta, não sei se até por conta da gente não ter esse acompanhamento que a gente acaba se superando e trilhando o caminho sem essa necessidade, acaba se independendo muito cedo, no sentido da busca do conhecimento e isso acaba não tendo nenhum impacto, nunca fiquei assim aí puxa vida nunca tive nenhum acompanhamento, esse sentimento, essa percepção eu nunca tive.

12- Puxa vida...essa é uma pergunta marota !!! puxa vida ... eu tenho assim no bom sentido muitas divergências com o meu pai, até divergências de natureza ideológica, mas algo que eu me identifique com ele (), perseverança, é algo que eu me identifico com ele, quando quero algo de ir atrás daquilo que quer e ir buscar, etc...

Relação atual.

Tenho uma relação muito boa, muito saudável por conta da distância que eu guardo deles. Por isso também eu me refiro as questões ideológicas, porque para eles você viver bem em família é viver juntos o tempo todo, e é isso que acontece lá, então é cada um na casa do outro o tempo todo e os envolvimento nas vidas particulares, nos segmentos das famílias é muito alto, é muito gritante, e isso nunca teve ecos em mim. Então a única forma que eu consegui ter um relacionamento saudável com eles foi mantendo um certo distanciamento, são visitas esporádicas, um contato telefônico, etc e isso criou um respeito muito grande, tanto da minha parte para com eles e deles para comigo. Coisa que eu vejo que inexistente nessas relações extremamente próximas o tempo todo. Hoje mantenho um relacionamento saudável e vejo que eles me respeitam mas sempre guardando essas distâncias.

13- um comparativo...() o que me vem muito a mente quando você me faz essa pergunta, é que as relações que eu tinha com o meu pai, eram mais no sentido da busca da sobrevivência essa era a tônica da época para a minha família, as relações se alicerçavam na busca da sobrevivência. Coisa que hoje eu não trabalho isso dessa forma gritante com os meus filhos, eu trabalho hoje com os meus filhos a questão da existência, da pessoa buscar seus caminhos, da pessoa buscar ser feliz, o resto vem, as realizações vem. Sempre pautados nos alicerces da ética, da moral, dos princípios dos valores então acho que essa é uma diferença muito grande, a sobrevivência hoje no trato com os meus filhos não é o trato principal.

14- () Puxa vida...como que eu nunca tinha pensado nisso...() como eu aprendi e como ?? mesmo tendo como espelho a questão da perseverança eu não consegui pegar do meu pai esse modelo de pai, eu não o tenho como modelo, realmente eu não me espelhei nele. Não tenho uma pessoa que eu diria que eu me espelhei, foi uma coisa construída ao longo da minha vida, mesmo porque a T. eu vim a ter ela com 40 anos, então eu já tinha trilhado uma série de caminhos que me traziam de certa forma uma maturidade, uma visão de mundo, de acordo com aquilo que nos vivenciamos agora, é mais um constructo ao longo das minhas experiências, mesmo porque os modelos que eu tinha ao meu redor eu já tinha uma impressão muito grande de que não eram modelos pertinentes daquilo que eu entendia de mundo, de existência, de perspectivas de realizações. Isso foi uma coisa bem construída por mim mesmo. Mais alguma coisa?

15-Você falando de paternidade, me lembra muito... que eu tive meus dois filhos por coincidência ou não, ou até por uma questão existencial,mas meus dois filhos tiveram problemas ao nascer os dois ficaram quase um mês internados em UTI, e fora isso a T. por conta de na seqüência do nascimento dela a mãe teve um desequilíbrio de saúde muito acentuado, muito forte, a ponto de eu ter que largar emprego, fiquei um ano sem emprego,comecei a vender uns poucos bens que eu tinha, para poder cuidar da T., então praticamente durante um ano, um ano e meio de vida, eu poderia dizer que de alguma forma eu fui pai e mãe da T. porque a mãe e ela estavam muito doente, foi uma opção in contest, que eu não pensei duas vezes, nesse sentido poderia dizer que tenho uma posição muito tranqüila no sentido de sempre buscar esse tipo de relacionamento com os meus filhos, acho que essa é uma missão minha, que desde o início, desde o parto, do nascimento, aquela coisa de estar necessitando desse envolvimento meu, muito próximo, muito próximo mesmo, então me sinto muito tranqüilo de falar desse relacionamento, até isso pontua todo esse relacionamento que eu tenho com eles até hoje.

Como foi responder...

Claro que falar daquilo que faz parte da vida da gente, quando a gente procura caminhar sempre com essa transparência e dar o máximo da gente nas questões que são necessárias é sempre um prazer poder falar e poder colaborar. Porque a gente trabalha com educação e toda colaboração seja uma tese ou seja isso e aquilo é sempre muito bem vinda. Independente dessa educação convencional, formal tem um outro lado da educação que vem de casa que de repente foi deixado a margem, e as famílias por algum desvio de percurso, acabaram entendendo que a responsabilidade da educação é toda da escola se isentando dos padrões básicos de comportamento do ser humano. Existe um trabalho muito grande para reverter toda essa situação, porque é um trabalho conjunto em casa, pai mãe, família e escola, com certeza muito diferente de tudo que eu tive.

7- Bruno

42 anos- casado - mestrado - consultor em T.I. -56hs/semanais - Coordenador de curso/consultor

2 meninos – 4 anos - jardim ? – Colégio Objetivo

7 anos – 1ª série (2º ano) – Colégio Objetivo

Mãe 31 anos, gerente de contas, nível superior, trabalha 4 h/dia

1- Acompanho normalmente nos finais de semana procuro ver as atividades ver os caderninhos, mas já posso adiantar que eu não vejo tanto quanto eu gostaria, eu acho que tenho pouco contato. Mesmo que não seja esse acompanhamento mais formal eu gosto, mesmo quando a gente ta brincando, de ficar perguntando o que viu o que fez, o que não fez. Como eu dificilmente a noite converso com eles, o horário que eu consigo conversar com eles é de manhã eu entro um pouco mais tarde na empresa como eles acordam bem cedo é a hora que normalmente a gente consegue conversar mais. Mas pelo menos uma vez a cada 10 dias ou uma semana sim uma não a gente procura conversar mais. E como eles sabem que eu sou professor o mais velho me cobra bastante de acompanhar de saber o que eu acho, se é a área que ele sabe que eu gosto bastante que é a matemática, ai ele faz questão .

2- Com tanto afazeres profissionais, trabalho em Sorocaba, mas viajo bastante, tenho um acordo com a esposa que ela trabalhe meio período para poder se dedicar mais a essas atividades.

3- As reuniões são acompanhadas pela mãe, e somente por ela. Eu consigo eventualmente acompanhar algumas atividades quando ocorrem aos sábados na escola. Mas as reuniões normalmente acontecem durante a semana em horários, ou no inicio ou no fim , então é sempre a mãe e eu procuro conversar com a mãe sobre as reuniões

Com os meninos eu não converso sobre isso, a não ser quando tenha um caso que ter uma intervenção porque que fez isso, porque que fez aquilo, ai eu converso com eles,mas não fica relacionado ao fato de ter tido uma reunião às vezes as coisas acontecem e a própria mãe comenta e eu procuro conversar com eles.

4- Converso muito mais com a mãe não só depois das reuniões mas ate pergunto tenho curiosidade de saber mesmo. Com os meninos são quando a gente percebe que um a intervenção do pai surte um efeito maior, talvez pela distância , pelo fato de quase eu não ficar em contato, uma preocupação minha em cima de uma determinada situação parece que eles se preocupam um pouco mais, não vou dizer que eles ouvem ou que respeitam mais, não acho que seja uma questão de respeito, mas talvez pela distância que eu acabo tendo semanalmente, o fato de eu estar sabendo de alguma coisa que aconteceu na escola e eu ficar sabendo e eu conversar com eles, percebo que eles ficam muito mais preocupados do que aquilo que a mãe no dia a dia faz.

5- Este ano em especial eles se transferiram de uma escola pra essa, e a gente conversou bastante nos dois primeiros meses, porque sentiram bastante, principalmente o mais velho sentiu bastante a falta dos amigos, ficou bastante claro pra gente que ele não estava desgostoso com a escola, com a professora, ou com os amigos novos, mas a lacuna dos amigos que ficaram incomodou ele por pelo menos 2 ou 3 meses. O mais novo se adaptou mais rápido talvez mesmo pela idade,mas Tb gerou um certo desconforto para ele, mas fora isso foi tranquilo.

E hoje o que eles dizem da professora, dos colegas...

Eles costuma conversar mais dos amigos, é comum ele comentar sobre um amigo que o pai trabalha com um determinado assunto ou outro de certa forma eles devem conversar entre eles meio que comparando o que cada um faz ou que cada um atua. Da professora realmente não percebo neles uma observação muito critica, nenhuma situação, gostam mas parece mesmo para o mais velho, a figura da professora por ele estudar desde os 2 anos, acho que ele tem a professora ainda uma visão de alguém que esta ali cuidando dele, do que alguém que já tem a responsabilidade de passar algum conteúdo, que ali tem um professor, então essa diferença ele sentiu.

6- Acho que a conversa que a gente teve foi essa preparação em si que os dois tiveram, depois foi a preparação para a festa junina eles iam cantar e dançar então pelo menos uns 20 dias antes eles já estavam cantando e dançando pra mim e até a surpresa eles contaram. Alias isso mostra que eles percebem o que é preparado para os pais e querem essa participação, essa da festa junina foi ótimo.

7- O fato de eu ficar mais distante gera para eles uma chateação, percebo que gostariam que a gente tivesse mais tempo, essas férias tem sido corridas por conta das atividades de coordenação e eles de certa forma tinham a expectativa de pelo menos nas férias eu estar mais em casa o que acabou não acontecendo e a gente percebe que eles sentem essa falta. Já que isso é uma falha, eu procuro nos finais de semana me dedicar ao máximo para eles, não marcar nada, procurar evitar ao Maximo ter qualquer tipo de compromisso pra poder ta saindo, ta passeando, ta conversando, mas como eu disse de manhã acabo fazendo um pouquinho o que as famílias fazem durante a noite.

8/9 - Quando estudei comecei com 7 anos, não tive a fase inicial que as crianças de hoje acabam tendo. Eles com 4 anos já escrevem o nome eu fui fazer isso pela primeira vez já com Meus pais sempre se preocuparam muito com o estudo, mas não tinham estudo então essa participação que eu já consigo fazer mesmo em idades menores deles, meus pais já tinham muita dificuldade, na verdade meu pai estudou até a 4 série e minha mãe até a 2ª série então eles só sabiam praticamente ler e escrever. Principalmente quando envolve historia, ciências eram assuntos dificilmente abordados. Mas eu fui de uma família mais normal, vamos dizer assim, porque a noite meu pai sempre estava em casa e minha mãe Tb, depois das 18 , 19 h, então me cobro dessa diferença por justamente eu ter vivenciado um tempo em que a noite todo mundo estava em casa.

Voltando ... Como vê a relação dos filhos com a mãe...

Minha esposa nesse sentido é bastante carinhosa e presente, isso já é uma característica que ela sempre teve, mas Tb pelo fato de ter perdido a mãe cedo, de uma certa forma acabe pesando, mas há uma relação de dependência muito grande entre os três, dela de acompanhar o que eles fazem e deles de terem a mãe sempre perto. Então se é que se pode fazer um acordo nesse sentido, mas o fato de eu trabalhar mais de 2 períodos, a gente chegou a conclusão que ela teria que se sacrificar um pouco mais e acompanhar mais proximamente, levar na natação... Então é uma participação muito maior do que é a de um pai.

10- minha mãe cobrava bastante, eles tiveram pouca chance de estudo mas tinham bem claramente, o valor do estudo, então me cobravam bastante, muito rapidamente não tinham como acompanhar, mas acompanhavam se eu fazia as atividades, se o que eu fazia era certo ou errado, se as lições estavam prontas, se eu arrumava a mala, isso eu lembro bem que faltava 15 min. pra eu ir para a escola e minha mala estava totalmente bagunçada, eu sempre fui bagunçado, mas eu lembro muito disso dessa preocupação de eu estar fazendo as coisas de eu não perder os prazos mesmo eles não tendo muita condição de avaliar, não digo desde o 1º

ano, mas a partir da 3ª ou 4ª série já era difícil para o meu pai me acompanhar. Meu pai sempre gostou muito da matemática e sempre me ajudou, mas nada que não fugisse da aritmética.

11- Eu sempre gostei de estudar, mas com certeza foi deles que eu adquiri o interesse ou pelo menos a preocupação de estudar de poder conseguir me dedicar e desde cedo percebi que vinha muito deles o empenho para que eu pudesse estudar e me formar, não tínhamos condições de eventualmente de eu poder fazer uma faculdade pública posteriormente com uma dedicação integral, mas de toda a minha família eu fui o 1º a terminar o nível superior. Mas me marca desde o início uma preocupação deles muito forte para eu não desistir, não relaxar, não deixar pra última hora, nunca fiquei de recuperação, nunca repeti de ano, muito provavelmente pela participação deles, porque determinadas idades você pode relaxar e isso eles nunca deixaram acontecer. E pra mim sempre ficou muito claro que mesmo eles não tendo muito estudo, eles tinham muito claramente a importância que o estudo teria e o que ele faria na minha vida e na vida da minha irmã, nos dois tivemos essa chance.

12- meus dois pais são vivos, eles tem 68 e 65 anos minha mãe é mais velha. Meu pai sempre me passou uma disposição muito grande e a relação ainda hoje mesmo eu tendo nível superior, mestrado, pós-graduação, se eu vou trocar de carro, se eu vou comprar casa, fazer uma coisa na casa eu to sempre conversando com ele, gosto muito de ouvir o que ele tem a dizer e a experiência que ele tem é insubstituível. Conversamos bastante. E eu me identifico com a sua disposição.

13- uma comparação e uma identidade nas duas relações eu acho que eu copieei essa... meu pai não tinha condições de me acompanhar por falta de conhecimento mais ele acompanhava, ele tava sempre junto cobrando, eu com certeza fui perceber muito mais tarde que ele não tinha condições de acompanhar certas coisas do que o real, porque até um determinado momento a gente não tem consciência disso. E como eu acabo tendo uma deficiência desse tipo com os meus filhos eu procuro fazer a mesma coisa que o meu pai fazia, se eu não posso fazer todos os dias, ou a noite, eu procuro fazer a cada semana duas semanas mas com uma certa periodicidade para eles perceberem que a gente ta acompanhando, que a gente se preocupa. E tem uma coisa que eu acho que eu copieei do meu pai e procuro passar pra eles é na medida do possível dentro do cenário que eles enxergam, que eles entendem é do porque de tudo isso, porque você não ta indo na escola porque você não pode ficar em casa, ate porque começaram estudar realmente muito cedo, porque a mãe e o pai trabalham em algum momento essa divisão de que deixa de ser uma instituição, uma escola que está simplesmente cuidando dele como se fosse uma creche, passa ter uma importância nos estudos e nos motivos disso converso e procuro deixar que eles perguntem para instigá-los a entender que o futuro acaba sendo eles.

14- ah... com o meu pai, acho que essa resposta pra grande maioria vai ser essa !!! não só com relação a escola, você está focando muito a discussão na questão da relação e da escola, mas pra tudo, de certa forma sempre que existe uma situação onde eu sou inquirido por eles sempre me vem a mente alguma passagem que eu tive com ele, algumas vezes com meu avô paterno a gente morava junto, então também ele faz parte das lembranças e das experiências, mas com certeza muito mais ele... o meu pai.

Mais alguma coisa...

15-Eu casei tarde, minha esposa tem 10 anos menos, acho que essas coisas não dá pra você querer transformar em nº ou quantificar, mas uma coisa que eu de certa forma temo é de ter sido pai muito tarde e de acabar talvez não vivendo com os meus filhos o mesmo período que eu estou vivendo e tendo a chance com o meu pai. Eu estou com 42 , eles tem 7 e 4 não sei se quando eles tiverem com 42 ou 45 eu não vou ter a idade do meu pai, vou ter mais, eu não sei... isso já me passou, mas talvez se eu tivesse sido pai mais cedo talvez não tivesse essa cabeça essa preocupação, então essas coisas ocorrem porque a gente não controla a cabeça, os pensamentos, mas em algum momento isso passou. Eu ouço muitos parentes e amigos cobrarem e comentarem essa questão da presença, eu sei o quanto é importante estar presente, mas eu acho que a qualidade dessa presença é que é importante, talvez um pai presente todas as noites sábados e domingos sejam menos produtivos ou talvez tragam para eles uma imagem do que eles não gostariam de fazer no futuro, eu percebo que o importante é tentar mostrar o rumo tentar fazer com que eles entendam que como pai mesmo com a pouca presença que a gente acaba tendo, o importante é mostrar como discernir o que é certo e errado, acho que essas premissas de ética, de certo e errado é que ficam e que talvez eles busquem mais no pai do que na mãe, talvez porque a mãe fique no dia a dia, não sei, talvez eu teria que pensar um pouco mais. Mas percebo que nessas questões mais de ética, de responsabilidade, de certo e errado, eles estão muito atentos ao o que você faz, então procurar não fazer o que você diz que não deve ser feito, mas acaba fazendo, então são nesses exemplos que eles marcam, você percebe que em detalhes simples eles te repetem depois a preocupação como pai acho que é essa tentar pelo menos marcar isso.

Responder como foi...

Achei interessante porque faz você pensar em coisas que talvez no dia a dia você não pense. Lógico que você é pai querendo acertar, é pai querendo fazer as coisas certas, é pai querendo dar o exemplo, mas acho que conscientemente você acaba não parando muitas vezes e pensando nisso. O que foi interessante nessa entrevista foi essa possibilidade muito rápida de pensar um pouco isso sobre o que é ser pai, e talvez até continuar refletindo um pouco e perceber se não tem alguma coisa melhorar alguma coisa dentro do possível. Há uns dois meses atrás tive uma experiência de refletir sobre como agimos no trabalho, mas essa aqui relacionada à família foi bem interessante.

8- Gabriel

35 anos - superior completo - comprador - 40 hs semanais

1 menina 10 anos 4ª série (ciclo II final) SESI 06

Solteiro

Mora com a filha

Mãe – 2ª grau completo 29 anos vendedora

- 1- Acompanhamento na realidade eu acompanho mais a noite e se acaba monitorando se ela está tendo algum erro básico ou não, a gente acaba dando algum apoio.

- 2- Não, raramente, pela carga de trabalho que a gente tem não disponho de tempo para levar e buscar, mas contrato uma van para fazer esse serviço.
- 3- Eu procuro participar de todas, geralmente eu vou sozinho mesmo porque a mãe ela foi pra longe e mora há 400 km de Sorocaba, e não demonstra interesse em estar participando e eu procuro sempre o que ouço lá e ver com a professora para a G. estar ciente de tudo o que ela esta me falando para que seja até mais fácil de fazer um trabalho para melhoria de algum ponto falho que possa ter. Discuto sim, em casa. Na frente da professora a gente acaba só ouvindo as observações gerais e em casa eu acabo discutindo ponto a ponto se há algum ponto crítico ou não, a gente acaba discutindo e mesmo que ela em algum ponto receba algum elogio eu procuro não enfatizar muito esse elogio para não gerar um relaxo, um certo comodismo da criança achando que esta tudo bem.
- 4- Converso. Na realidade a criança é muito espontânea e ela acaba te trazendo algumas informações mesmo sem perguntar. Mas eu procuro perguntar se foi bem se não foi, se teve prova e o que que ela aprendeu e praticamente isso é diariamente ou 2 vezes por semana sempre tenho esse tipo de conversa. Às vezes é espontânea e às vezes não.
- 5- A G. de certa parte ela convive bem. Mesmo assim a nível de professora como a escola acabou trocando muito de professora no decorrer do tempo, essa ultima professora que ela tem ela não esta se familiarizando muito com ela, não. Inclusive eu senti isso, inclusive o desempenho escolar dela deu uma caída. Conversei com a direção. Eles acharam não conveniente mudar ela de classe, mesmo porque ela esta no ciclo II final, que é a 4ª série, eles acharam que poderia dar um impacto pior depois na 5ª série, então acabei mantendo. Cheguei até pensar em trocar ela de escola. Um dos pontos críticos que eu vejo da G. não se simpatizar com a professora é que ela não é aquela professora que tem carisma, que se dedica, se preocupa com o desempenho da criança é diferente de uma outra professora tinha que ate um respiro diferente que a criança dava ela já colocava no caderninho chamava pra conversar, perguntava pra criança se tava tudo bem ou não era muito preocupada. E essa outra professora por mais que ela saiba dos problemas você pergunta se tem problemas e ela não ta tudo bem ta tudo bem... dai depois na reunião semestral ela diz assim: - Ah ela não foi muito bem ela tomou reprova, e ai é complicado, daí já passou todo tempo de você tentar dar o apoio que a criança realmente merecia.
Para a gente que é pai é muito importante que a professora seja muito espontânea e muito cuidadosa com a criança, porque nem sempre hoje os pais no dia a dia têm tempo de estar junto, não que não queira, mas é que pela correria do dia a dia acaba passando direto e a professora tem que ser um apoio pra estar chamando os pais p/ conversar dando os feed backs de como está a criança numa eventual dificuldade o que pode estar fazendo em casa, porque, hoje as coisas evoluem muito rápido e se você não tem esse feedback você pode estar deixando a criança ultrapassada, ou pra trás, e pode ser que não seja culpa da própria criança em si, mas sim alguma dificuldade que ela tem e que a professora não soube expor para os pais.
- 6- Um fato que chamou muito a atenção foi quando eu morava num bairro periférico, e de repente eu consegui a guarda da G. e eu acabei colocando ela numa escolinha no centro da cidade praticamente e ela sentia muita diferença social entre as crianças da

escola da periferia e do centro. Eu como pai vi que a educação do centro é lógico, é bem melhor, e da vila nem tanto assim, mas ela não se adaptou ao centro e eu tive que voltar ela pra escola da periferia e ela até que foi razoavelmente bem, dentro daquelas condições que eram colocadas pra ela aquela educação sem muito esforço, sem muita cobrança da Cr, aquela educação básica, vamos dizer assim, isso eu vejo que foi muito prejudicial porque o SESI é bastante exigente e eu vejo que a G. acabou perdendo um pouco. Foi do pré para a 1ª série.

- 7- Eu procuro sempre ter uma relação com a G. onde eu possa... Embora tenha as regras eu fico sempre muito preocupado se a G. está transmitindo tudo que ela quer, dou total liberdade, embora eu perceba nela uma preocupação em não estar trazendo problemas pra mim, as vezes ela acaba omitindo algumas coisas que são básicas, mas pela situação que ela viveu ela acaba não mentindo, mas ocultando alguma coisa que seria muito importante p/ que a gente pudesse conduzir ela de maneira melhor na parte educativa, na parte social.

E a relação dela com a mãe é estritamente o necessário até por falta de dedicação da própria mãe em si, é muito interessante você saber que você tem uma filha que tem uma mãe, e a mãe ao invés de estar fazendo o papel de mãe de ligar, ela quer que a filha ligue para ela, é uma transferência de responsabilidade que não tem fundamento quase nenhum, porque eu acho que se você quer o amor de um filho você tem que dar o carinho primeiro, para a criança sentir-se segura com você.

A mãe depois que houve o julgamento definitivo da criança ela praticamente isolou a criança, ela passou a ver a criança a cada 4 ou 6 meses, e a criança por si própria, por mais que você não diga nada, ela começa a sentir que o amor de mãe não existe, e que o tratamento que o pai dá não é o mesmo que a mãe dá, e acaba até de certa forma criando uma autodefesa, um exemplo: se a mãe demora muito tempo para ligar, quando liga ela fala se for a outra fala que eu não quero ir, fala que eu estou ocupada, espontaneamente ela já fala isso.

- 8/9- Minha vida escolar foi bastante complicada, porque minha mãe criou sozinha 6 filhos, e eu era o mais novo tinha 1 ano e o mais velho tinha 6 anos, quando perdi o meu pai. E eu vejo o seguinte a educação é fundamental, independente de ter pai ou não ter a educação é fundamental e depende muito da base familiar para que você se mantenha sempre na linha. Hoje a gente vê muitos criminosos, pessoas que partem para outro rumo e justificam ah eu fiz isso eu fiz aquilo porque não tive pai, ou não tive mãe. Minha criou os 6 filhos sozinha e nenhum virou um marginal, ta todo mundo ai graças a Deus com seu carro, sua casa, ta todo mundo contente, então essa parte família na escola é muito importante. A escola por si própria também, você vê muita coisa, principalmente Estadual, Municipal, você vê droga, você vê sexo, você vê tudo, tudo o que a vida nos apresenta a partir de certa idade, na escola você já começa a ver, por isso que eu digo que a base familiar é tudo. E entra para esse submundo quem quer, oportunidade de ver todo mundo tem agora, se você não tem base familiar para manter a linha você acaba mesmo indo realmente para o outro lado. Da 1ª a 8ª série em escola pública, e eu fiz técnico em administração já no Liceu trabalhava como guarda mirim reservava um dinheirinho e pagava esse colégio e depois eu acabei conseguindo bolsa na escola e iniciei e vi que o estudo é alma do negócio para o crescimento profissional sem estudo você não é valorizado não. Minha vida escolar como uma fase muito difícil pra uma criança, estou falando de mim naquela época, aquela transição da 4ª para a 5ª série, é muito radical, principalmente em algumas matérias, enfoco maior a matemática, a química a física que é uma transformação é uma metamorfose assim na cabeça da criança, que ela fica meio sem

rumo, muito, muito chocante essa fase aí. Depois você adquire uma certa estabilidade na 6ª série, na 7ª volta de novo a ter aquela fase difícil também, a 8ª você já tá mais consciente de tudo o que você já aprendeu e não tem muita turbulência, não. Mas a fase mais turbulenta é a 5ª e 7ª série.

-Foi assim pra você?

Foi.

10- Na realidade eu não tive muito acompanhamento porque ela veio do Nordeste com 6 crianças e não tinha muito o que transmitir para a gente. Eu tinha um irmão mais velho que ele era muito bom em Matemática que dava algum apoio, mas foi muito mais na raça mesmo e na dependência dos professores.

11- Você vai pra casa com o monte de problemas para ser resolvido, porque os professores na época não diziam exercícios eram problemas que a gente tinha para resolver e aí chegava em casa não conseguia resolver, e até por não ter o apoio dos pais, e o modo como os pais tratavam: - Você não sabe fazer? O que você foi fazer na escola? E já tomava aquela surra. Minha mãe na época cortava aquelas correias que tem debaixo do sofá e tinha que fazer... E se ela via que você não tava indo muito bem ela pegava aquele reio e ficava intimidando, tinha que ir na raça. Nunca cheguei a ser espancado, mas nesse ponto aí a gente era bastante intimidado.

12- Meu pai faleceu quando eu tinha 1 ano de idade, não me lembro de nada.

- Você não teve padrasto?

Não, não tive, minha mãe veio arrumar uma outra pessoa após eu ter completado 17 anos de idade, ela se preocupou muito em criar os filhos para depois tentar trazer alguém para o lado dela.

- E qual foi a figura masculina que você se identificou ou não teve ?

13- () Figura masculina...Eu acho que é difícil até para uma criança ter uma figura masculina em si, com aquele total apoio, depender principalmente na parte escolar, mas eu como não tive pai, eu não posso falar muito disso, mas o apoio maior que eu tive foi na guarda mirim, e eu estava justamente nessa fase de transição da 4ª para 5ª série e eu conseguia bastante o apoio da secretária, do lugar onde eu trabalhava, com algumas pessoas mais velhas que em algum momento dispunha de um tempo e perguntava, o que você tá precisando aí e ajudava.

Figura masculina em geral tive meu padrinho de batismo, aquela figura de 2º pai, que por incrível que pareça ela só é bastante evidente até os 14, 15 anos, depois que você atinge uma certa mocidade ou é encarado como adulto isso cai bastante, mas nesta idade escolar nessa fase entre aspas de criança aí, existe bastante essa figura e ela é importante pena que depois acaba cada um vai para o seu lado, acaba aquele negócio de dia do aniversário venha passar as férias comigo, venha isso venha aquilo, tudo isso acaba, eu sinto muita falta disso hoje.

14- Como eu disse para minha filha G. hoje é tão diferente a cobrança da sociedade em cima dos ensinamentos hoje até pelos direitos estarem bem mais evidentes acaba gerando uma certa limitação dos pais na educação dos filhos. Hoje qualquer problema que a criança tenha na escola ah, contrate um psicólogo, faça isso, faça aquilo, pague reforço, tire dessa escola pague particular, e é muito diferente na minha época ou você ia bem e você ia na escola pra estudar ou você ia pra casa pra apanhar, você acabava em certo ponto se esforçando mais pra conseguir o resultado, hoje a Cr dependendo da

situação acaba gerando comodismo e usando esses subterfúgios essas válvulas de escape para poder justificar aquilo que até certo ponto pra gente que passou por toda essa situação pensa porque que na minha época foi assim, e porque que agora tem que ser tudo desse jeito, tudo mais fácil, tudo mais... Hoje criança não quer saber de ler livro ela quer saber de ir na internet verificar o Orkut e as vezes nem se preocupa em fazer nenhuma pesquisa no computador, e na nossa época não, era pegar jornal, livro velho, enciclopédia ...mudou, mudou muito.

- Sua mãe foi pai e mãe ?

Foi, foi bastante. Minha mãe soube segurar muito a gente porque embora todo mundo hoje esteja bem, não quer dizer que a gente não teve em algum momento uma tendência disso e daquilo, mas a base dela a dedicação dela foi essencial para a gente se espelhar e continuar na linha mesmo. Porque a sociedade nos traz um monte de coisas que num momento parece que é tudo muito fácil tudo muito simples e normal.

- Em que momentos ela foi pai?

() Que ela foi pai?...Naquele momento em você acorda de manhã e inventa uma dorzinha pra você não ir na escola, você finge que você ta doente pra não ir trabalhar, e ela nunca, nunca deixou, por mais que você dissesse to com dor de cabeça ela fazia um chá de alho com limão cibalena, doril, e fazia um coquetelzinho dava pra gente tomar, mas tinha que ir trabalhar, nunca deixou a preguiça tomar conta, e isso eu achei foi bastante papel de pai que ela fez, aquela garra assim não tinha dó, entendeu? Se ela tivesse tido aquele dó, talvez a consequência hoje tivesse sido pior.

- Eu venho de uma família que é bastante simples e humilde, e todos tiveram uma série de dificuldade. Eu me espelhava na dificuldade que a minha mãe teve, que a minha tia que morava no fundo da minha casa também tinha, e eu sempre via certas coisas e eu não queria aquilo pra mim meus irmãos também, a gente passou por certas coisas e via que poderia ter um mundo melhor lá na frente. Então a gente encarou isso bem e deu a volta por cima e acabou evitando que caíssemos na mesma situação. A gente encarou assim minha mãe realmente é uma guerreira, é pai e mãe e ela tem que ter um retorno de tudo isso que ela está fazendo, a gente via em inúmeros momentos minha mãe chorando porque ela achava que um filho ou outro não estava indo do jeito que ela queria e aquilo tocou bastante a gente. Tenho os outros irmãos que dizem a mesma coisa, foi a garra da mãe pra poder criar os filhos.

15- O papel de pai é muito gostoso porem não é muito fácil, hoje me sinto bastante realizado em ter a G. morando aqui comigo, sendo em certa parte feliz, sendo bem cuidada, eu faço aquilo que eu posso com ela, luto bastante por ela, fico bastante chateado em algum momento que eu vejo alguma dificuldade dela é o momento de superação. O momento de superação maior é quando você tem que advertir e você tem aquele dó mas você tem que se auto transformar e ir chorar no banheiro, mas fazer o seu papel, senão é meio arriscada a consequência, a bondade mal feita é um problema em si e eu procuro me cercar disso. E as vezes as pessoas falam assim não é porque sua mãe te criou assim que você deve criar, mas eu colhi bons frutos e eu acho que a G. Também vai colher. A grande situação que eu vejo hoje é uma inversão de papeis, não é porque eu passei por isso, mas é incrível como a gente vive numa sociedade que defende bastante as mulheres, ta certo tem uma certa razão, mas hoje anda um pouco invertido esse papel, porque também existem homens muito bons por ai, e como a gente já vem de uma sociedade que defende muito a mulher, encara ela como uma

coitada, e essa sociedade mudou bastante, hoje você vê muita mulher que ela quer ter filho só para por no mundo, ela quer dar pra vó criar, dá para o vô criar, e ela não quer dar para o pai criar, porque ela quer receber uma pensão do pai, quer tirar fruto disso, mas eles não reverterem em nada isso pra a criança. Ainda bem que surgiu o novo código civil que acabou meio que igualando isso, que foi bastante benéfico pra sociedade como um todo, porque acho que pai e mãe já fez o seu papel, e não tem que por filho no mundo e soltar pra vó e vô criar. Por mais que eles queiram fazer esse papel e fazem isso de bom grado, acho que se você colocou eles no mundo você mesmo tem que se desdobrar enfrentar certas situações, relevar outras e bola pra frente.

9- Felipe

40 anos - casado - Superior completo coordenador de projetos/tecnólogo - 42 hs semanais

02 filhos menino 10 anos 4ª série Colégio Mundo Novo

Menina oito anos 2ª série Colégio Mundo Novo

1. Sim. Diariamente acompanhando as lições de casa.
2. Às vezes, geralmente é a esposa que faz isso, só quando ela não pode.
3. É... Raramente a maior parte das vezes é a mãe que vai, mas sempre quando ela vai a gente conversa junto com os filhos sobre os assuntos da reunião.

Por que você não vai?

Às vezes é por causa de tempo porque é um horário meio complicado para mim, mas na maioria das vezes ela que prefere ir e eu fico com as crianças.

4. Com os filhos? Conversamos sim, assuntos do dia a dia, muitas vezes eles vem meio tristes para casa e a gente pergunta o porquê, o que aconteceu, se teve alguma discussão se teve algum problema, como é que foi o dia, se estão aprendendo, o que aprendeu hoje, essas coisas...
5. Das professoras depende de ano pra ano, tem anos que eles gostam mais da professora, tem anos que eles gostam menos, depende da professora. Com os colegas sempre se eles dão muito bem são um pouco irmãos pra eles, e eles gostam muito da escola inclusive quando tem as férias eles não vêem a hora de acabar as férias para voltar para a escola.
6. Por exemplo quando a D. foi para a diretoria, porque brigou lá, aprontou alguma coisa lá e a gente conversou com ela, pra mostrar pra ela que isso não é legal. Inclusive as crianças vêem isso como um status ah, fui para a diretoria duas vezes, três vezes, e até se vangloriam disso mas a gente mostrou pra ela que isso não é uma coisa boa que a gente tem que fazer é ter uma vida limpa, para nunca precisar ir para a diretoria, então esse foi um fato que já aconteceu

E essa conversa foi sua ou com a mãe e você junto ?

Juntos.

7. Olha, são boas e de autoridade quando tem que ser autoridade, de educação quando tem que ser dada a educação, de amizade, de brincadeira, a gente tenta equilibrar as coisas. É lógico que a gente não faz sempre o certo mas tem essa consciência que tem que ter o equilíbrio de todos esses fatores aí que compõe a educação da criança.

E como você vê a relação deles com a mãe?

É uma relação ainda um pouco de dependência, é... que as vezes eu tento aí tentar ir diminuindo, por minha conta eu acho que isso com o tempo tem que diminuir, é ...eles tem um amor louco pela mãe, e ela também tem um amor louco por eles, muitas vezes a mãe não consegue impor sua autoridade em certos momentos, que daí eu tento ajudá-la, mas no geral é uma relação muito boa, afetiva, é...no geral boa.

Quem é mais autoridade, você é mais autoridade ou a mãe?

Eu sou mais autoridade.

8. É... bom, meu primeiro contato com a escola foi na pré-escola, onde eu entrei e não consegui ficar, não fiquei nem três meses, eu não sei... me sentia sozinho, não consegui continuar, aí eu saí, minha mãe tirou, cedo fui colocado na 1ª série com 6 anos. Então na 1ª série eu fui melhor, aí eu já consegui me entrosar com as outras crianças, sempre fui bom aluno, com uma grande dificuldade porque eu tinha que pegar ônibus pra ir pra escola, com seis anos de idade tomar ônibus sozinho, mas eu superei tudo isso e daí em diante, sempre estudei em escolas estaduais, escolas de periferia, fiz colegial e fiz o curso superior em uma faculdade pública porque não tinha condições de pagar uma faculdade particular.
9. Ah... eu nunca tive problema na escola, sempre fui um bom aluno, nunca briguei na minha vida escolar. Meu pai me ajudou na escola por pouco tempo, porque ele fez até a 3ª série só, então muito cedo ele já não conseguiu me ajudar mais, eu tive que me virar sozinho, mas isso não foi problema, isso me forçou sempre a me virar a ser independente. Nunca tive problema por ser escola pública, nunca me senti mal por não ter estudado em escola particular, nunca tive isso como um problema para mim.
10. Meu pai, porque minha mãe trabalhava desde cedo, o meu pai por ser aposentado ele que cuidava da gente em casa e ele dava a maior atenção do mundo pra gente, só que como eu disse chegou uma hora que ele não conseguia mais acompanhar o nível escolar que a gente tinha, mas sempre ele deu total apoio, () se desdobrava para poder comprar o material escolar, o uniforme, a gente era bem pobre, mas nunca faltou nada pra gente.
11. Quando a gente é criança não tem essa consciência de que faltava alguma coisa. Como eu nunca tive nada além disso eu não senti falta de nada. Eu entendia que minha mãe tinha que trabalhar chegava cansada a noite do trabalho aí que ia cuidar dos serviços da casa então nunca cobre nada dela dessa parte da vida escolar e meu pai, coitado, ele fez o que ele pôde, a gente sabe disso. Com meu irmão já foi bem mais complicado porque meu irmão não tinha uma vida escolar assim disciplinada, então meu pai sofreu muito pra manter meu irmão na escola, e comigo sempre foi assim não tinha problema.
12. (suspiro) Bom... o que eu me identifico com ele... ele é uma pessoa muito ética, ele é uma pessoa limpa, que dentro da simplicidade dele ele é bem organizado, é... uma pessoa assim que nesses pontos eu me identifico com ele. É...hoje eu tenho uma relação boa, um pouco distante devido a vida que a gente leva, poderia ser mais

próxima, mais a vida não permite isso. Mas sempre que eu preciso eu posso contar com ele e vice versa também.

13. São gerações... são mundos diferentes, e por isso as gerações também se tornam diferentes, na realidade não tem nada a ver uma com a outra mas talvez o que a gente tenha em comum nessas gerações, foi de valorizar as coisas conquistadas com o trabalho, não ter desperdício, meu pai sempre falava isso, não desperdice, nem bens materiais, nem seu tempo, nunca desperdice nada. É... a questão de autoridade em casa, minha mãe era maior autoridade do que o meu pai, não assim muito mais, mas tinha assim um ligeiramente maior do que meu pai, é até acho que eu me influencio mais pela minha mãe do que pelo meu pai, na personalidade. Mas, uma coisa que eu sempre tento e sinto é dividir bem, como eu tenho dois filhos é dividir bem a atenção com os dois, por enquanto eu tô conseguindo isso, eu sei que comigo e com meu irmão não foi bem assim porque meu irmão precisava de mais atenção do que eu então acabou tendendo um pouco para o lado dele, mas nunca tive problema com isso, e sei que não é culpa do meu pai, ter feito isso, né, ele precisava fazer isso.

14. () Eu sempre procuro observar as pessoas, então, um pouco com meu pai, é... tios que me deram assim algum fundamento pra ser pai, mas basicamente, acho que é meio instintivo, o ser pai vem de dentro da pessoa, e é influenciado fortemente pela sua personalidade. Então acho que ninguém ensina ninguém a ser pai.

15. A paternidade é uma coisa assim maravilhosa, é... as vezes discriminadas por muitas pessoas porque o grande centro das famílias é a mãe e o pai fica como o centro da autoridade, de sustento e muitas vezes ele não é muito bem reconhecido, mas é uma questão cultural, e eu acho que a gente tá acostumado com isso e... () não tem problema. Como foi responder...

A parte mais difícil foi achar e tentar relacionar a paternidade minha com a do meu pai, porque aí ter que achar os pontos que são semelhantes acho que isso é o que foi o mais difícil.

10- Antonio

42 anos - casado – superior completo - coordenador de curso superior- 80 hs semanais

2 filhos Menino 15 anos 8ª série Colégio Objetivo

Menina 12 anos 6ª série Colégio Objetivo

Mora com os filhos

Mãe pós graduada, pedagoga, professora Rede Municipal, 36 anos

1. Faço um acompanhamento a distancia devido a minha ausência física, mas nós temos

Uma prática aqui em casa que é todo final de semana, a gente faz um apanhado do que aconteceu na semana.

2. Pelo menos 2 dias na semana eu trago e pego.
3. Não participo, devido a minha indisponibilidade de tempo, quem participa é a minha esposa, depois eu tenho uma conversa com todos a respeito do que foi discutido na reunião.
4. Bastante. De final de semana, muito de final de semana e às vezes quando tem um fato isolado, como eu estou constantemente on-line pelo skipe e MSN, eu converso com eles às vezes mesmo à distancia eu estou conversando com eles. Quando com a professora ou ele teve um problema...é mais difícil pra tratar, mas geralmente de final de semana a gente discute bastante sobre escola.
5. É ...sobre... o profissional professor hoje, isso é tanto um como o outro, eles reclamam que eles não são comprometidos, contam mais da vida pessoal em sala de aula do que dão uma aula em si, muitos deles não ensinam, passam conteúdos, esse é o grande ponto que eles pegam.
 - E sobre os colegas o que eles falam?
 - Sobre os colegas... não tem muito... eles tem um bom relacionamento mas que existe uma coisa aqui em Sorocaba que é a sorocabice, que é a panela,né, isso persiste por muito, muito tempo em Sorocaba, e isto até hoje não é diferente, né. Principalmente minha filha reclama bastante disso, o menino já é mais desligado,ele não tá...não se incomoda com isso, mas a menina já se sente mais incomodada.
6. Teve uma de punição coletiva.
 - Teve o que?
 - Punição coletiva. Teve um fato, em sala de aula, onde a professora virou e falou para eles que como punição, eles teriam que fazer uma lição de casa. Não é fácil... fato que nós discutimos bastante, para tentar reverter esse quadro desde quando estudar é punição, estudar é prazer, não obrigação,nem punição.
 - Isso aconteceu com o menino ou com a menina?
 - Com os dois. Em momentos diferentes da vida deles.
7. Muito próxima, com pouca quantidade,... mais intensa.
 - Com ambos, ou tem alguma diferença por ser menino ou menina?
 - Com ambos.
 - E a relação deles com a mãe?
 - É mais complicada, porque como ela esta mais presente ela tem a figura da que cobra, daquela que ta o dia dia no pé, então a relação passa a ter mais desgaste.
8. Meus pais tinham pouca instrução portanto não interferiam na minha vida escolar, estudei em escola pública uma grande parte da minha vida. É ... totalmente assim, desconexo, era levado, não tinha muito fundamento, até que repeti 3 vezes a 6ª série, até o momento de que eu cai na consciência de que realmente era importante, mas muito mais por mim, sem a interferência nem da escola, nem da família. Depois de ter repetido 3 vezes por não dar bola, por estar muito mais envolvido com outras coisas do que com a escola daí mudei minha vida.

9. Em geral como era essa sua independência, diante destas circunstâncias?
 Vou falar...Era bastante difícil, porque a gente ainda estava na época do militarismo, tinha que ficar de pé quando o professor entrava, era tudo assim muito enlatado, os professores realmente não davam aula, a maioria deles, era uma época em que professor lia muito jornal em sala de aula, mandava passar matéria na lousa, era baseado em conteúdo, decorar matéria muitas vezes, na verdade era decorar, passar disciplina e prova e isso é coisa que não fazia muito o meu perfil. Eu percebi que eu perdi um grande tempo na minha vida pelo fato de não ter uma educação que realmente fosse uma educação, época em que o Brasil viveu um padrão, né.
10. Eram totalmente ausentes. Tanto é que, se eu falava que eu passei, oh legal, se eu falava que reprovei, ai que pena, se eu falasse ah vou fazer faculdade em tal lugar, oh legal, larguei a faculdade, pô bacana, então era assim completamente...eles não tinham...sabiam que era importante, o caminho deles pra mim é simples você tem que estudar, me apoiavam financeiramente, toda a parte emocional, mas na parte decisória do que eu vou fazer com a minha vida, () a opinião era completamente nula, mas era mais pelo fato de não conhecerem, não era por falta de vontade não.
 Qual a escolaridade deles, dos seus pais?
 Minha mãe... eu acho que era ... é que era diferente na época deles, primeiro grau, sei lá qualquer coisa assim, meu pai 8ª série.
11. Como foi para você ter tido esse tipo de relação com seus pais em relação a sua vida escolar? Como foi isso pra você?
 Terrível porque eu fiquei na verdade...baseado... e...quem eu usava pra tomar as decisões na minha vida eram os meus amigos, os meus pares, aqueles que estavam ao meu redor, namorada, às vezes, noiva, que era quem eu trocava idéia que tinha o nível de escolaridade parecido com o meu acabava dando ai o norte para eu poder tomar a decisão da minha vida profissional.
12. Bom, eu me identificar com meu pai é muito pouco, ele mora comigo, ele tem 73 anos, é tenho uma relação bastante distante dele, embora ele more comigo, pra evitar conflito...eu tenho pouco tempo em casa também, tenho uma relação bastante distante e fria, minha mãe já é falecida, mas...mas por ai não tenho muito,... assim muita afinidade com ele, não tenho e nunca tive com ele durante toda minha vida inteira.
13. É totalmente o contrário, o inverso. A geração do meu pai era uma geração que não tinha escolaridade não tinha nenhuma noção de carreira, projeto de vida; simplesmente você sabia que o estudo era importante porque isso culturalmente era passado, pela sociedade na época, eles sabiam que isso era importante, incentivavam porém não eles participavam, apoiavam, porém, não tinham participação efetiva. Hoje com os meus filhos, eu vejo que a gente tem uma atuação, incentivo e participação. Então a grande diferença nós estamos presentes na vida deles, coisas que eu não sentia na geração do meu pai como um todo.
 - Isso em relação em relação à escola, e em outros aspectos da vida?
 Todos os aspectos, tanto amorosos, como financeiros, como decisórios, principalmente, né, lembro até que quando eu decidi largar a faculdade ou ir pra faculdade, a resposta que eu tinha sempre era assim: Você acha que isso é o melhor pra você? – Acho. – Então é isso que você tem que fazer. Ou seja eles não ponderavam, não participavam porque eles não tinham condições de mensurar, o que

era até um jeito sábio de dizer : - Não sei mensurar, então não vou atuar na decisão. Mas muito mais por ignorância deles do que por má vontade ou por desleixo deles ou qualquer outra coisa.

-Você está dizendo “deles”, você consegue focar o seu pai?

Consigo, consigo, eles a entidade materna e paterna em si quando falo eles, mas basicamente quem era o decisório na casa na minha geração era o pai realmente, sociedade patriarcal pura.

14. Risos... No manual da vida...risos não foi, ...todo o meu processo de casamento e de ter filhos foi muito distante da minha família, muito distante. Então o processo de aprendizado foi o instinto mesmo. Não tinha... com o primeiro filho a gente erra muito, acho que é legal porque a gente aprende muito, e ele paga muito por isso. No segundo filho a gente está mais escolado e a coisa em geral fica mais tranqüila. Mas foi um processo assim... bastante...e eu e minha esposa ... imagine.

15. O grande entrave hoje da paternidade é estar baseado muito num modelo de família que a gente tá ... que a gente tem hoje, que é um modelo em que o pai e a mãe trabalham muito, são ausentes e assim estamos caminhando para uma sociedade cada vez mais fria, do lado emocional, né que é o contato físico, porque ser pai do sexo masculino é muito difícil porque a gente não tem o contato físico, com o sexo feminino é uma maravilha porque você abraça, você beija,você tem assim... você consegue expressar mais o que você sente, com o lado masculino a coisa já é mais complicada pelo fato dos tabus que existem pela nossa sociedade que vem durante todo esse tempo e isso tem um grande valor. Mas ... é... desse distanciamento, me sinto bastante parte de culpa nesse distanciamento, mas eu tenho uma regra pra minha família, que é eu trabalho a semana inteira, não tem problema nenhum , mas sábado de manhã tá todo mundo lá no sitio, a gente passa o Sábado e o domingo, em volta do fogão à lenha, todo mundo sentado, que é o tempo que a gente tem pra gente, ninguém faz nada de final semana então , é uma forma de compensar a ausência que a gente tem durante a semana...é como quebrar a vida moderna.

